3 1761 07152638 8

Pinto de Carvalho (Tinop)

LISBOA D'OUTROS TEMPOS

I

Figuras e scenas antigas

LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA — EDITOR
50, 52 — *Rua Augusta* — 52, 54
1898

LISBOA D'OUTROS TEMPOS

Pinto de Carvalho (Tinop)

LISBOA D'OUTROS TEMPOS

I

FIGURAS E SCENAS ANTIGAS

LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA — EDITOR
50, 52, Rua Augusta, 52, 54
1898

DP
756
G8
V.1

Typographia e Stereotypia Moderna — Apostolos, 11, 1.º — LISBOA

PALAVRAS EXPLICATIVAS

O presente volume é constituido por artigos que publicámos no "Correio da Manhã„ no "O Correio da Manhã„ e no "Diario da Manhã„. N'elles procurámos traçar, fugitivamente, algumas figuras e algumas scenas da "Lisboa d'outros tempos„. Para a sua confecção colhemos informações de pessoas auctorisadas, consultámos as collecções de jornaes da Bibliotheca Nacional de Lisboa, os papeis da antiga Intendencia Geral de Policia, guardados no Real Archivo da Torre do Tombo, e diversos documentos e publicações que citamos nos logares competentes.

Estes artigos, destinados ás folhas volantes do jornalismo, não podiam formar um livro que

se recommendasse pela unidade e pela ordem dos livros que obedecem a um plano preconcebido. Confessamos a inanidade do nosso trabalho. Será, apenas, um feixe de notas d'escoteiro "dilettante„ litterario em viagem pelas regiões da historia anedoctica.

Pinto de Carvalho.

I

D. João de Menezes

Falemos de D. João de Menezes. O sr. D. Thomaz de Mello contou, em tempos, no *Correio da Manhã* (em artigo de que tive a honra de receber a dedicatoria) a vida extremamente *movimentada* e alegre de D. João de Menezes. E' filho de D. Antonio Maria de Portugal Menezes, moço fidalgo da Casa Real, senhor das casas de Lavre e da Flôr da Murta, morgado de Soure e Ponte de Sôr, capitão de cavallaria, condecorado com as medalhas da guerra peninsular e d'Albuera; e de D. Anna Mafalda da Cunha, filha dos condes da Cunha. Teve um irmão, D. Antonio Pedro de Menezes, que casou com uma filha dos condes da Lapa, e que falleceu, victima da tuberculose, em 1856; e uma irmã, D. Maria do Carmo, depois marqueza de Sabugosa.

Sua mãe passou a segundas nupcias em 1834, com Martinho Teixeira Homem de Brederode, que fôra tenente de cavallaria durante a guerra peninsular, carreira que abandonou para seguir a magistratura, ex-Corregedor do Bairro Alto, morgado de Mirandella, e descendente d'uma das principaes familias transmontanas. Era uma figura distinctissima, que rivalisava com

a do barão do Pombalinho, o supra-elegante. A familia compunha-se mais: d'um irmão de Martinho, o Luiz Teixeira Homem de Brederode, juiz da Relação, do filho, Antonio Xavier, fidalgo da Casa Real e conselheiro da Fazenda, do filho d'este, o janotissimo Martinho de Brederode, e de mais duas filhas, uma casada com D. José Coutinho, e outra com o 1.º visconde da Lançada.

D'este ultimo houve dois filhos: Ignacio, depois 2.º visconde da Lançada, e Antonio, actual duque de Palmella.

Ambos elles foram officiaes de marinha, mas o segundo serviu como voluntario na armada britannica. Por occasião da guerra com a Russia fez parte da esquadra do Baltico, embarcando primeiro na nau *Prince Regent*, depois na *Neptune*, onde o almirante Laury Corry o encarregára dos signaes das esquadras, e, no anno seguinte, na fragata *Arrogant*. Assistiu ao bombardeamento das fortalezas de Bomarsund, Sweaborg, Viborg, e Frederickshann, sendo condecorado com a medalha do Baltico, *Baltic medal*, e regressou á patria em 1856. Por occasião do *ultimatum* de 1890, devolveu aquella condecoração ao governo da Grã-Bretanha.

Uma neta do abastado capitalista Ferreira Sola, um dos fundadores de S. Carlos, filha do commendador João Ferreira Sola, e pupilla do padrasto de D. João de Menezes, consorciou-se em 1856, nas Salesias, com D. Francisco d'Almeida, hoje já fallecido. D. João de Menezes casou em primeiras nupcias com Judith Rugalli, filha de Izabel Rugalli, cantora de S. Carlos em 1828, e em segundas nupcias com a filha do finado general Azevedo. O padrasto de D. João morreu em 1856, poucos dias antes da morte desastrosa do D. Alvaro Romo.

Os Menezes moravam na rua do Poço dos Negros, e occupavam o palacio chamado da Flôr da Murta, que

fôra construido por D. João V para uma das suas concubinarias. D. João de Menezes contava dez annos quando perdeu o seu importante patrimonio, que estava depositado n'um banco americano. Seu irmão D. Antonio teve, porém, um bom morgadio, hoje pertencente a seu filho D. Manuel de Menezes. Em Abril de 1847, D. João, ainda imberbe, diz adeus ás lições de latim do padre Francisco — o capellão da casa — e abala para Portalegre, indo se apresentar ao conde de Mello, ao qual acompanhou como ajudante d'ordens até ao Alto do Viso. Seu irmão D. Antonio e Lopes de Mendonça já haviam partido para Santarem. O conde de Mello communicava depois á familia dos *pequenos*, que ambos se haviam portado valorosamente.

D. João de Menezes nasceu para as lides tauromachicas n'uma tourada que o marquez de Niza deu na quinta da Foz. Pouco depois, em agosto de 1848, dava-se outra corrida no pateo da casa do conde de Vimioso, do Campo Grande. [1] Foram cavalleiros D. João de Menezes e o visconde d'Almeidinha, que se estreou; capinhas eram Bulhão Pato, o Cazuza, o irmão de D. João de Menezes, Paiva d'Araujo, o grande perdulario que casou com a celebre *cocotte* parisiense madame de Paiva, e que se suicidou em 1873 com um tiro de rewolver, o conde de Belmonte, e os dois Ferreira Roquetes; moço do curro era o escriptor Mendes Leal, e, entre os forcados, estavam José Horta e Lopes de Mendonça. Presidiu a infanta D. Anna de Jesus Maria, casada com o duque de Loulé, e dirigiu o combate o conde da Figueira. A infanta professava ideias politicas contrapostas ás de seu marido; elle era um assanhado *patuléa*, ella uma exaltada *cabralista*. A belleza da infanta sobredourava-se d'uma espantosa correcção de fórmas.

---

[1] *Memorias*. Bulhão Pato. Tomo I, pag. 109.

Durante a corrida houve dois episodios curiosos. O primeiro quando Bulhão Pato ia a collocar um par de bandarilhas n'um novilho, e o conde de Vimioso lhe gritou da trincheira: «Se marras não pico!» o que produziu hilaridade geral, porque havia ahi uma fina allusão á poesia *Se córas não conto*, que o illustre poeta acabára de publicar, e graças á qual entabolára relações com Alexandre Herculano em casa de José Estevão [1].

O segundo quando Lopes de Mendonça se arrojou, com denodo, a um garraio, e fez uma péga de cara. Mendonça feriu-se na mão esquerda, e, ao retirar-se da arena, algumas senhoras commoveram se. Não assim a infanta, que, no seu odio inveterado aos *patuléas* — porque Lopes de Mendonça era *patuléa* retinto — exclamou: — «Deixem correr, é sangue *patuléa*. Não se perde nada». Lopes de Mendonça ouviu a phrase, e commentou-a depois, ao fazer uma apreciação do divertimento, no folhetim da *Revolução de Setembro* de 22 d'agosto: — «Endurece o coração ás senhoras quando são muito repetidos... endurece! E um coração ainda mesmo que tenha palpitado uns bons cincoenta annos, deve enternecer-se, embora se faça algum esforço... Enternecem-se tantas coisas, porque se não ha-de enternecer tambem o coração?... Domesticam-se as leôas, ha até uma d'esse genero na quinta das Laranjeiras: porque não havia uma certa *leôa*, que todos nós conhecemos, uma *leôa* de lei, a unica que satisfaz ás qualidades de que resa Frederico Soulié, calar na mente uma expressão menos reflectida que lhe sahiu dos labios?... *Acommoda-te leôa!* Ha certas vozes esganiçadas que não chegam ao ceu, nem mesmo ao purgatorio, cahem na terra, na terra que é a morada dos peccadores, e dos pobres de espirito!... Triste leôa! em breve gosarás da immortalidade do

[1] *Revista Contemporanea*. Tomo 1, pag. 549.

leão de Lafontaine que se deixou açaimar... e desdentar... por amor! E quem amou, e quem ama tanto, não devia ser tão feroz...»

A dama de sangue azul revoltou-se contra a transparente allusão, e correu, segundo se contava, a casa de seus dois genros, os condes de B. e de L, a quem pediu para a desaffrontarem. Foi ao ultimo que tocou, em sorte, esse espinhoso encargo, e, encontrando Lopes de Mendonça, liquidou a questão n'uma scena de pugilato. [1]

*

Em 1848 organisou-se uma commissão formada por José Estevão, Anselmo Braamcamp, Teixeira de Vasconcellos, Vital Pereira Forjaz, e D. Alvaro Romo, commissão que tinha por fim promover um beneficio a favor das familias dos *patuléas*.

Decidiram dar uma tourada no Campo de Sant'Anna, a qual se realisou em 13 de junho com os seguintes lidadores: cavalleiros o conde de Vimioso e Victo Moreira; bandarilheiros Bulhão Pato, D. José de Mello e Castro, o *Cazuza*, Luiz Maria Telles de Mello, M. Rodrigues Martins, F. Monteiro Grillo; forcados José Horta, Luiz Forjaz, Teixeira Mourão, Gomes Belford, Luiz Soares, A. J. de Sousa Almeida; moços de curro D. Alvaro Romo, Augusto Talone, D. T. de Carvalho, Luiz Aranha, Antonio Augusto Coelho de Magalhães, irmão de José Estevão, F. Raposo Espragosa, Lobato Pires: moços de touril Francisco Carneiro Zagallo, e D. Luiz de Mello e Castro; netto Antonio do Canto e Castro, e andarilhos. Dirigiu a corrida o barão d'Almeirim. Annunciava-se, porém, mysteriosamente um intervallo.

Depois de ter brilhado o conde de Vimioso, que, dizia Lopes de Mendonça, nunca foi tão feliz, excedeu a

---

[1] *Memorias*. Bulhão Pato tomo I, pag. 117

propria reputação,—depois de Luiz Forjaz ter realisado uma magnifica péga de cara, e José Horta uma péga de cernelha, entraram na arena D. João de Menezes e D. José de Mello e Castro, *O Cazuza*.

Ambos vestiam d'Alcides com *maillot* côr de carne. O de D. João de Menezes desenhava-lhe perfeitamente as fórmas belvederianas, que se viam tremer como gelatina a cada esforço empregado. Do hombro esquerdo pendia-lhe uma pelle de leopardo.

A sua figura cesareana, a sua correcção linear, o seu perfil, a um tempo delicado e energico, como os perfis de certos imperadores romanos gravados nas medalhas antigas, a sua pallidez que lembrava a do colorido de Ribera, feriam a attenção publica. O ceu azulejava n'uma pulverisação de luz como um ceu de missal miniaturado n'uma folha de ouro, as notas metallicas da banda morriam no ar quente e pesado da tarde, e, nos camarotes, as senhoras remexiam-se impacientes, as meninas apontavam os binoculos com um geito petulante e ávido.

O grande armorial, que correra ao appello, estylava, n'uma afinada elegancia de parisianismo, as frescas *toilettes* da Levaillant, da Lombré, d'Aline, da Elisa, d'Adéle, e, sobre os cabellos em bandós puritanos — como os das virgens dos modernos pintores symbolistas — anediados pelo Baron, pelo Huguet, pelo Henry, floriam os chapeus de palha com plumas e as mantilhas á hespanhola; o *blanquet* e o branco perola das carinhas aristocraticas vozava ao sopro dos leques sabiamente manejados como os das heroinas de Molière.

E esse sportivo divertimento nacional — que é a glorificação da força alliada á destreza, como os jogos olympicos na antiga Grecia — tambem soube fallar aos espiritos subtis, ás naturezas delicadas.

D. João de Menezes montava um cavallo em pello, e as redeas consistiam n'uma simples fita de seda dando volta na lingua do animal.

Substituamos agora a nossa prosa hirta, desenxa-

bida, pela prosa malleavel, scintillante de D. Thomaz de Mello: — «A vozearia emmudeceu como por encantamento. O sobresalto e a surpreza calaram o espectador. Dir-se-hia que o receio de os perder de vista um só momento lhes impedia o recebel-os em ovação. N'um recolhimento intimo, só havia olhos para os admirar! De repente, um bravo estridulo e prolongado de Domingos d'Ardisson despertando-os d'aquelle extase os chamou á vida para immediatamente irromperem n'uma salva de palmas unisona e prolongada. Picaram brilhantemente; a ovação foi enorme! De um lenço bordado enleando um ramilhete de rosas e que foi bater no peito de D. João de Menezes, a quem fôra dirigido, me recordo eu; e melhor ainda a pessoa que lh'o atirou!

«Olhos negros e pisados que n'esse instante choravam de commoção, que é feito do vosso mysterioso poder? Brancas mãos pequeninas que palmeavam tontas d'amor e d'enthusiasmo, que é do branco rosa da vossa cutis? Coração que tão seu foste, em que ninho de corvos palpitam hoje as vossas arterias? Doce visão d'aquelle tempo de ouro, sumiste-vos da terra para o seio do desconhecido? Não; vives, dormes, alimentaste, e a tua figura esbelta e franzina, tomando depois proporções avantajadas, serviu, ha poucos annos ainda, para o modelo do chocolate Mathias Lopez — *despues de tomarlo.*» (1)

Gentil-homem em toda a extensão da palavra, valente como poucos e elegante como nenhum, tornou a picar n'uma tourada no campo de Seteaes, em Cintra, em setembro de 1853. Trajava á Luiz XIV, e, certamente, aristocrata algum, desde o grande Condé ao duque de Beaufort, ostentaria mais garbo, mais gentileza, ninguem manejaria com mais arte o seu ginete.

---

(1) Artigo do sr D. Thomaz de Mello, publicado no *Correio da Manhã*, de 14 d'agosto de 1893.

A cabelleira empoada molldurava-lhe artisticamente a physionomia, em que havia a suavidade de traços da de Luiz XIII, os seus olhos de meridional scintillavam mais ardentes quando fitavam o touro.

Era uma figura de Van Dyck sahida viva do seu quadro, affirmava um folhetinista.

Não o podemos comparar com os cavalleiros actuaes, porque tambem, seja-nos licito dizer, não se compára a Venus de Millo com a primeira femea que nos apparece.

No dia immediato ao da corrida, o pintor Petit tirou-lhe o retrato a oleo, que existe hoje em poder da familia Villa Real.

D. João de Menezes e o conde de Vimioso ainda serviram como cavalleiros nas touradas do campo de Seteaes em 4 e 5 de setembro de 1855, a que assistiram D. Pedro V e D. Fernando. Serviu de *netto* o José Pedro Nunes.

D. João de Menezes e o *Cazuza* eram, depois do conde de Vimioso, os melhores calções. D. João possuia tal denodo e pericia, tal graça e correcção na arte da gineta applicada ao toureio, que, decerto, fariam estremecer os manes do marquez de Marialva, que foi o typo dos picadores e toureiros, como dizia o marquez de Rezende.

Ninguem monta agora com mais *aisance*, nem mesmo os mais abalisados amadores sportivos, cujos lazões galopam elasticamente na Avenida das Accacias ou em Rotten-Row. Nos salões sabia alliar a doçura requintada de Céladon á malignidade espirituosa de Scapino. E conhecia, em tanta maneira, o suave itinerario do *pays du tendre*, decifrava com tanta subtileza os enygmas galantes, que, se vivera no seculo XVII, mademoiselle de Scudéry disfarçal-o hia n'um personagem do seu vaporoso romance *Clélia*, e madame de Rambouillet abrir-lhe-hia, de par em par, as portas do seu salão azul na rua de Saint-Thomas du Louvre.

A D. João de Menezes nem mesmo lhe faltou a rubra nota bellica do duello. N'um baile dado em casa de D. Antonio da Camara appareceu a linda A. F., encantadora como as princezas da côrte de Luiz XIII, perturbante como as modernissimas parisienses de Gyp, d'uma suggestividade endiabrada como as *soubrettes* de Marivaux, o subtil analysta « que pesava, preciosamente, nadas em balanças de teias d'aranha.» D. João e D. Luiz d'Andrade, um hespanhol, sentiram os corações tomados d'assalto, os nervos tocados como por caricias electricas. Ambos disputaram a preferencia, e, d'este conflicto d'amores, derivou um duello. Cruzaram as bellas laminas de Toledo, e D. João, que conhecia tão a fundo a esgrima da espada como a esgrima do *flirt*, feriu o adversario. *Amour ! amour ! quand tu nous tiens...*

*

Abordamos agora uma ordem de acontecimentos em que D. João tem, mais uma vez, occasião de manifestar as suas tendencias de combatividade, o seu temperamento vulcanico de peninsular. Em 1854 appareceram em S. Carlos as dançarinas francezas Lisereux e Fleury.

Menezes foi o capitão da hoste que defendia Fleury, a flor viva. Affirmava-se até que a sympathia de Menezes encontrára echo no coração da deliciosa bailarina. Lisereux era o *tacquetê* gracioso e agil, Fleury o *ballonné* rasgado.

Damos agora a palavra a Lopes de Mendonça: — «Mademoiselle Lisereux é uma fada, é um *feu-follet*, é o Tribly de Charles Nodier, e quando deslisa pelo palco, agitando graciosamente os braços, e descrevendo curvas caprichosas no saltitante compasso de dois pésinhos feiticeiros, sente-se crescer a vontade de a apanhar, como uma borboleta que adejasse sobre as flôres d'um jardim... Mademoiselle Fleury fórma um perfeito contraste com a encantadora dansarina. Mademoi-

selle Lisereux approxima-nos das candidas superstições da Edade-Media; mademoiselle Fleury das ridentes invenções da mythologia. Uma podia beber na fonte dos leões da phantastica Alhambra; a outra, com o seu busto altivo e magestoso, com o seu corpo esbelto e arrogante, podia offerecer a amphora aos labios sequiosos de Pericles ou Alcibiades, os dois grandes *roués* da antiguidade.»

Na epocha de 1855-1856 veiu o mesmo corpo de baile do Saint-Léon, mas a Lisereux e a Fleury já não despertaram o mesmo enthusiasmo, porque a maioria dos suffragios coube á Lequine e á Clavelle. No entretanto, deu-se um duello á pistola entre o Pedro d'Alcantara Gomes Fontoura e mr. Puig, director do jornal de theatros *Lutin*, que tinha como redactor a João Ferreira Alves. Fontoura, porém, a quem coubera a sorte d'atirar primeiro, negou-se a fazel-o.

N'essa mesma occasião esteve imminente outro duello entre D. João de Menezes e o Pires, director do *Seculo*, provocado por um artigo d'este contra a Fleury. Este jornal quebrava lanças pela Clavelle. A formosura e as formas opulentas das bailarinas — um bando de francezas appetitosas — despertaram grandes enthusiasmos, e a tal grau subiram, que a auctoridade, indignada, quiz ordenar que as dançarinas... usassem calças.

Onde estão agora as pateadas ruidosas de S. Carlos, os raptos atrevidos de dançarinas, as aventuras galantes de bastidores, os rasgos de bravura? A rapaziada modernista apresenta a linha esticada da elegancia, cavalga — com mais ou menos correcção — os puros sangues de estampa rara, dança solertemente o *pas de quatre*, e tambem sabe admirar, com a admiração de feminista, as carnações nevadas entrevistas sob sedas de *frou-frous* lascivos; mas falta-lhe a veia engenhosa, a graça espumante, o masculo espirito da aventura, a petulancia sanguinea, o musculo acerado, a decisão energica e rapida, a arte d'ousar, como diria Mirabeau.

*

Temos ainda um derradeiro traço da audacia de D. João de Menezes. Veiu a Lisboa fazer umas ascenções aereostaticas Madame Bertraud Senges. Pouco tempo depois appareceu o aereonauta Mr. Poitevin, que em 16 de novembro de 1857, anniversario natalicio de D. Pedro V, realisou a primeira ascenção na praça do Campo de Sant'Anna. Mr. Poitevin perguntou se havia alguem que quizesse partir com elle para o sereno azul. D. João de Menezes, que assistia ao espectaculo, desceu á arena, e diz D. Thomaz de Mello, «levantou a perna esquerda, depois a direita, e entrou para o cesto, com a mesma serenidade de animo com que entravamos á noite para os cestos do balanço na Floresta Egypcia». Acompanhou-os Madame Poitevin, que baixou n'um pára-quedas sobre a quinta do *Esteiro Furado*, na Outra Banda. O balão foi cahir na quinta de Rangel de Quadros, no sitio de Sarilhos Pequenos, perto de Aldegallega. Mr. Eugenio Poitevin publicou depois uma carta na *Revolução*, na qual, descrevendo o seu passeio pelas regiões sidereas, diz: — «em todos os periodos d'esta admiravel viagem aerea, que foi frequente em todos os generos d'emoções, o sr. D. João de Menezes, meu nobre e intrepido companheiro de viagem, portou-se com um sangue frio e com uma tranquillidade de coração e de espirito, que honram o caracter d'um nobre e portuguez». Na segunda ascenção já houve mais quem quizesse acompanhar Mr. Poitevin. Foram os dois irmãos Assis: um, alferes de caçadores 5, e outro, segundo tenente de marinha. Mas este atemorisou se e, a meio do rio, desceu sobre um mastro da barca *Figueiredo*. Na terceira ascenção Mr. Poitevin foi montado n'um touro.

D. João de Menezes perdoou sempre, magnanimamente, todas as offensas que o visavam; para elle, eram como aquellas coisas minimas, de que o pretor romano não se occupava.

Tal foi o summo elegante *de la nuque au talon*, o esgrimidor de nervos vibrateis a todas as notas do heroismo, o amoroso de grande sensibilidade cardiaca; tal foi o janota de fibra leonina, cujos feitos deveriam ser descriptos em phrase lapidada como um brilhante, e que hoje, creio bem, ha de sentir os olhos lustrados de lagrimas ao desenrolar-se, em quadros prismaticos, o formosissimo panorama da sua recordação; mas que ha de sorrir ao encarar o enfatuado *gommoso*, que, coitado, enfreia a phantasia, e gandaia n'uma mediocre elegancia de meias tintas, de *nuances* mortas, d'apagamento...

II

José Vaz de Carvalho

José Vaz de Carvalho era um dos maiores combatentes de S. Carlos. Tambem era um dos mais intrepidos. Teve dois duellos. O primeiro com um tenente de cavallaria chamado Joaquim d'Athayde, por alcunha o *Mouco*, da familia dos Athaydes, de Leiria. Esgrimiram no Campo Grande, sendo padrinhos o Domingos Ardisson e o João de Sá, irmão do marquez de Sá. José Vaz cahiu redondamente, ferido com um golpe de sabre na cabeça, e o ferimento gravissimo levou-o á beira da sepultura. O segundo duello teve um equivoco por causal. Havia uma segunda bailarina de S. Carlos, a A., prima da actriz C. F., que, se não se distinguia pela arte, distinguia-se pela sua boniteza d'anjo cahido do céo n'uma cambalhota.

A intuição esthetica de José Vaz propellia o a admirar, não a bailarina, mas a mulher, a *croqueuse de cœurs*, cuja serenidade de linhas brilhava sob os flammejamentos do gaz, cuja cabeça airosa merecia o argentino capacete alado das walkyrias, cujos pésitos japonezes documentavam um afinamento de raça.

Uma noite, após a distracção plastica do bailado, quando a massa das casacas negras applaudia as pi-

ruetas academicas, a agitação tumultuante de pernas torneadas e de braços roliços e alvos como braços de bébé, o encanto synthetico d'um grupo de mulheres decorativas, — ouviu-se o ruido secco d'uma bengala ferindo o sobrado. Era o hespanhol D. José Urquiola, capitão negreiro, que chegara a Lisboa no dia anterior, e que applaudia á ingleza, isto é, batendo com a bengala no chão. Este successo intercorrente aziumou Vaz de Carvalho; suas faces tocaram-se do pallido brilho que dá a inquietação. Voltando se para traz, perguntou ao negreiro qual o motivo por que pateava.

O capitão respondeu que estava no seu bom direito, e que, portanto, não tinha satisfações a dar. Então, José Vaz, n'uma fervura de sangue, n'uma guina colerica, escarrou-lhe na cara. O capitão tirou o lenço da algibeira, e, vagarosamente, limpou a cara, ao mesmo passo que os nervos se lhe crispavam como os d'uma rã galvanisada, que uma baba raivosa lhe espumava nas commissuras dos labios impotentes, e que os zygomaticos se encarquilhavam com a violencia do odio.

O acontecimento produziu enorme sensação na sala. Assistia ao espectaculo a familia real, o Alcalá Galiano, ministro de Hespanha, o Ulloqui, consul de Hespanha, e a sr.ª Ulloqui, uma estremada belleza, que passou com esplendor meteorico pelo firmamento da elegancia lisbonense, mas que, apesar da fugacidade, apaixonou loucamente um homem que era uma das aguias da tribuna e da politica nacionaes. Incidentalmente diremos que o Ulloqui foi transferido de Lisboa para a Haya, na qualidade de ministro plenipotenciario, mas o governo provisorio que se seguiu á revolução de 18 de setembro de 1868, apeou-o de seus cargos e honrarias, e Ulloqui morreu pobre, vendo-se sua mulher na triste necessidade de estabelecer um hotel em Vigo, onde ainda residia ha poucos annos.

Quando findou o espectaculo, D. José Urquiola pediu ao sr. D. Luiz Breton y Vedra — dignissimo consul do

Mexico —, e a João Blanco, aos quaes elle apenas conhecia de vespera, para lhe servirem de testemunhas n'um duello de morte com o José Vaz. Este, por seu turno, nomeou o sr. Luiz d'Almeida e Albuquerque, e outro cavalheiro. O hespanhol queria o combate a pistola e a distancia das pontas de lenço. José Vaz declarava, com admiravel desgarro, acceitar todas as condições. As testemunhas consultaram o sr. D. João de Menezes e o marquez de Niza, e foi em casa do primeiro — então morador na travessa da Parreirinha, defronte do Gremio Litterario — que todos se reuniram. Ahi combinou-se que o duello seria a rewolver de seis tiros, que os combatentes dispariariam successivamente. Taes condições, porém, soffreram alteração, e o combate á pistola realisou-se na manhã seguinte em Valle de Pereiro. A José Vaz coube a sorte de atirar primeiramente. Este, cuja galhardia pleiteava compitas com a sua generosidade, disparou o tiro para o ar, não obstante o hespanhol insistir, tenazmente, para que o matasse. Referiu-nos o sr. Breton y Vedra que o hespanhol depositou, previamente, nas suas mãos uma bolsa com 25 onças d'oiro, prevenindo o caso de elle ficar ferido ou morto, e tornar-se preciso fazer despezas.

No momento da reconciliação, Urquiola tirou algumas balas que levava na algibeira, e deu-as a José Vaz, dizendo :— *Guarde usted estas balas, pues aun le pueden vir a ser necessarias.*

O capitão viera a Lisboa afim de receber cartas recommendatorias para a Africa.

*

Já que estamos em maré de casos tetrico-galantes, contaremos outro acontecido com o marquez de Niza. Chegara a Lisboa um homem, que se intitulava conde de Nain, e era casado com a filha de uma franceza que vivia com o Claranges Lucotte, o primitivo concessionario do caminho de ferro de Cintra.

A tal condessa era um bonito exemplar do aquarium parisiense, e o marquez de Niza, que, em questões amorosas, era opportunista, decidiu confiscal-a em seu proveito.

Del dicho al hecho hay gran trecho, diz o proverbio castelhano. Mas este proverbio não tinha significação para o marquez de Niza, que conhecia bem o instante psychologico em que as mulheres cahem... como as folhas no outomno. Tomada a resolução, pol-a immediatamente em pratica, refugiando-se no hotel Victor, de Cintra, onde a Leda se abandonou ás caricias d'aquelle cysne... do Chiado. O francez, sabedor da *catastrophe*, correu áquella localidade. e quando o Niza esperava que lhe viesse propôr um duello, vinha, simplesmente, propôr-lhe uma *transacção*. A transacção fez-se, e a mulher foi cedida... por um conto de réis.

Ella, por seu lado, não se amotinou com a prosa da grosseirona combinação commercial, que lhe trazia a poesia tangivel dos diamantes e dos setins. O cingulo dos seus abraços, o viatico dos seus beijos, as incandescencias do seu olhar, sagravam um amor eterno. Por morte do marquez de Niza, a franceza voltou a Paris, onde falleceu em circumstancias muito precarias.

Temos agora um outro relance de temeridade de José Vaz de Carvalho. Viera a Lisboa um luctador, Mr. Charles, que se propunha mostrar a tenacidade do seu biceps herculeo a quem desejasse medir forças com elle. O Hercules — que era simplesmente um burlão — tratou d'ensaiar as arlequinadas a uns quatro ou cinco mariolas, n'uma sala do hotel Europa, em que se hospedava.

Os pobres homens receberam a lição, competindo ao Antonio Serrate — que fazia parte da companhia da Tournour — o deixar-se cahir no momento aprazado. Este levava mascara.

A sessão annunciou-se para a praça do Salitre, e o

luctador offerecia um conto de réis a quem o derrubasse.

O dinheiro foi entregue á guarda dos srs. D. João de Menezes, João Blanco e Jorge O'Neill, que estavam n'um camarote. O obeso mr. Charles — cujo pizar brutal estremecia o chão, como succedia com o gladiador romano que passava n'um fremito d'aço — paspalhou a sua força e... a sua arte; os chamôrros apanharam a tareia... do contracto. O publico, porém, não deixou bigodear assim a sua credulidade, e, quando findou o espectaculo, fez enorme assuada ao homemsinho, que retirou n'uma tipoia de praça acompanhado de José Vaz. Quando chegaram ao Rocio eram seguidos por mais de duas mil pessoas. Então, José Vaz lançou-se fóra da carruagem, que se esgueirou com mr. Charles, estadeando os seus grandes ares senatoriaes e os seus bigodes imperativos, emquanto aquelle arrostava, com desplante, as investidas ferinas do lebréo popular, que, infallivelmente, o espatifava, se não acodem algumas patrulhas de cavallaria municipal. N'essas epocas barbaras — em que não se improvisavam heroes — os casos d'este jaez não soiam voar ás orelhas circumspectas da Baixa nas azas da prosa esmaiada da reportagem.

Annos depois, mr. Charles voltava aqui, a expôr uma mulher de grandes barbas propheticas, que Lisboa em pezo corria a admirar nas lojas do palacio Regaleira, a S. Domingos. O sr. D. João de Menezes reconheceu o farçante — embusteiro como um politico — e foi então que este lhe pediu para não divulgar... a metamorphose que havia soffrido!

*

José Vaz de Carvalho não viu fluir a vida no quietismo amollentador d'um buddha bochechudo, pachor-

rentamente occupado na contemplação extatica do seu umbigo.

Foi um façanhoso, quebrando os musculos em combates multiplicados e violentos; um arrebatado, gastando os nervos em percorrer, d'alto a baixo, toda a gamma das sensações; um forte, cujas veias, palpitantes d'ardente vitalidade, nunca foram viciadas pelos microbios virgulados do receio ou da poltroneria. Morreu moço.

Mas o lugubre cortejo das desillusões ainda chegou a tempo de lhe fazer a sua visita.

III

A musa do fado

Entre os arruadores, rufiões e rixosos de viella que infestavam os bordeis, as betesgas sombrias do Bairro Alto e as alfurjas mal afamadas da Mouraria, tinha a Severa a consagração incontrastavel de primeira cantora do Fado.

Pertencia a essa raça de peregrinomaniacos — os ciganos, cuja filiação historica é um enigma indecifravel, raça em que as mulheres, morenas como bronzes florentinos, não terão a elegancia espirituosa das estatuetas de *vieux-Saxe*, nem a linha ondulosa que evoca a um tempo o pensamento d'um licorne e d'uma flor heraldica, mas que teem certamente a *cambrure* provocadora, a esbelteza picante como colorau hespanhol; raça a cujos acampamentos teem, por mais d'uma vez, baixado a Poesia e a Musica para arrancar de lá algumas das suas figuras emotivas: a *Mignon* de Goethe e a d'Ambroise Thomas, a *Esmeralda* de Victor Hugo, a *Preciosa* de Weber; raça sonhadora, independente, desidiosa, amando o colorido com a alegria candida de selvagens, raça finalmente que, na phrase de Paulo de St. Victor, quando desapparecer, o mundo perderá, não uma virtude, mas uma poesia.

A Severa, uma *Venus Vulgivaga*, cuja vida se desenrolou sem as saudades lancinantes do *hontem*, nem as preoccupações tormentosas do *ámanhã*, era bem o purissimo producto d'aquella raça bohemia, em que a mulher parece haver soffrido no berço a mordedura da cantharida.

Vivendo na atmosphera ardente do vicio como a salamandra póde viver entre chammas, a ella caber-lhe-hia á maravilha o proverbio arabe, que diz ter a mulher espirito d'azougue e coração de cera. Conseguiu facilmente uma celebridade popular, não só de momento, mas que logrou a consagração do livro, e que se perpetuou pela tradicção oral e pelo seu *fado*, um dos mais correctos e tocantes. Em volta do seu nome condensou-se a caligem d'uma legenda fadista, coisa que esteve muito longe de consegnir qualquer das notabilidades congeneres suas contemporaneas ou que lhe succederam, como foram: a Joaquina dos Cordões, a Scarnichia, a Conceição Capellista ou *madama Ostra*, a Amalia Bexigosa, a Anna da Touca, o Cavallo Ardente, e outras estrellas de lupanar.

Era d'altura regular, magra, nervosa, o porte altivo, morena sem resaibos de bismutho ou vermelho vegetal, olhos de diamante negro dardejando raios que nos envolviam como uma onda de luz excitante, cabellos em caprichosas volutas attrahentes como uma pavêa de peccados, os labios repuxados pela *smorfia* zombeteira, cantando em todos os tons, sob a embriaguez torturante dos beijos, a Marselheza do amor illicito. Desconhecendo por completo o uso dos velludos, dos setins laminados d'espelhamentos e a sabia esgrima do leque, trajava ampla saia de chita, lenço de ramagens na cabeça, chinellas de polimento, e, quando engrifada e arremangada, era das que não tinham papas na lingua,

Pas bégueule
Fort en gueule,

tal qual a Senhora Angot.

Batia o *fado* com petulancia nervosa, gesto lascivo, uma graça tão pessoal, que ninguem em tempo algum a igualou, assim como nunca tiveram substitutas aquellas formosas dançarinas Jonias, filhas de Mileto, tão gabadas na antiguidade, nem as dançarinas de Herculanum ou Pompeia, que apparecem nos vasos artisticos destacando brancas d'alabastro sobre fundo d'azeviche, os pés resaltando como frechas d'aço sobre folhas de marmore, os braços recurvos como ansas, acompanhando os movimentos choreographicos com crotalos d'ouro, nem mesmo, pela sua graça serpentina, as filhas da velha Cadix outr'ora levadas a Roma, e tão elogiadas por Marcial e Petronio.

De guitarra na mão, improvisando com pasmosa facilidade no seu calão pittoresco, bem adubado de sal e pimenta, arregalando os olhos como se estivera sob a acção da atropina, voz melancholica de meio soprano, a Severa, essa *diva* do Bairro Alto, cantava todos os fados, desde o *rigoroso* ao mais *variado*, mas com tantissima arte, com um tal sainete, ferindo tão delicadamente a nota azulina do sentimentalismo vadio, que toda a gente parava a escutal-a, quer estivesse nas hortas reclinada sob as latadas de pampanos, que deixam entrever losangos de cobalto, ou sob os castanheiros coando resteas de sol pela trama da ramaria, quer fôsse nas esperas de touros onde apparecia montada á garupa, quer abancasse nas espeluncas sombrias entre goliardos pelintras, quer quebrasse o silencio das ruas escusas do seu bairro, garganteando com *fioriturі*, onde pareciam voar spasmos d'amor, paroxismos de febre erotica:

Tudo quanto o fado inspira
E' o que só me entretem;
Pois quem do fado se tira
Não sabe o que é viver bem.

E essa quente melodia ensombrada de tristezas, que

parece dar á nota um perfume de saudade e ao peito um suspiro de amor, despertar no espirito um cardume de sensações adormecidas, derramar sobre as palpebras cerradas o pó d'ouro dos sonhos suggestivos, commovia intensamente, fazia encontrar a extremidade d'aquelle novello de linha a que se refere Goethe nas *Affinidades Electivas*, e que cada um traz no fundo da sua alma...

O seu pendor naturalmente trocista levava-a a alfinetar as proprias collegas; a sua zombaria, em que vivacidade e audacia se davam gentilmente a replica, fez correr muitos fios de perolas em faces de nacarrosa.

Assim mimoseou duas amigas com estas quadras improvisadas:

Eu já vi n'uma tourada
A Joaquina dos Cordões,
Mal viu dar dois trambulhões
Ficar logo desmaiada! [1]

Um ratão dado ao deboche
E do fadinho já farto,
Encontrou a Scarnichia
A' porta, no Bairro Alto.

Adorava em extremo a arte tauromachica, mas não adorava menos o seu eximio cultor, o conde de Vimioso, que lhe pagava na mesma moeda. Este glorioso triumphador do *redondel* despertou uma paixão tão forte n'aquella flor do monturo, que ella o acompanhava obediente, cantando a seu lado toda a gamma das voluptuosidades, como os prisioneiros acompanhavam em Roma as quadrigas de marfim e ouro que conduziam os vencedores á sagração do Capitolio.

---

[1] Folhetim do sr. Alberto Pimentel, publicado no *Diario de Noticias* de 12 de julho de 1893.

Uma congestão poz termo áquella vida devassa e turbulenta. A Severa morreu com vinte e seis annos apenas. A musa popular apoderou-se d'ella e cantou-a, assim como os amores d'essa Manon com aquelle Desgrieux:

Chorae, fadistas, chorae,
Que uma fadista morreu.
Hoje mesmo faz um anno
Que a Severa falleceu.

Morreu, já faz hoje um anno,
Das fadistas a rainha,
Com ella o fado perdeu
O gosto que o fado tinha.

Frisava tambem o profundo sentimento que o conde de Vimioso experimentara ao saber da morte da sua amada:

O conde de Vimioso
Um duro golpe soffreu.
Quando lhe foram dizer:
A tua Severa morreu.

Corre á sua sepultura
O seu corpo ainda vê:
Adeus, oh! minha Severa,
Bôa sorte Deus te dê!

Celebrava a benemerencia, a pericia com que ella batia e cantava o fado:

Lá n'esse reino celeste
Com tua lanza na mão,
Farás dos anjos fadistas,
Poras tudo em confusão.

Até o proprio S. Pedro
A' porta do ceu sentado,
Ao vêr entrar a Severa
Bateu e cantou o Fado.

Finalmente relatava o pesar que ia nos arrayaes da fadistagem pela perda d'aquella figura insubstituivel:

Ponde nos braços da banza
Um signal de negro fumo,
Que diga por toda a parte
O Fado perdeu seu rumo.

Chorae, fadistas, chorae,
Que a Severa se finou,
O gosto que tinha o Fado
Tudo com ella acabou.

IV

Duarte de Sá

Duarte de Sá, *calembourista-mór* d'estes reinos, nasceu em 1823, e fez a sua educação em Paris. Filho de Duarte Cardoso de Sá, tambem acirrado cultor do *calembourg* e da arte dramatica, mais uma vez confirmou o antigo proloquio—filho de peixe sabe nadar.

De volta a Portugal e sendo o que podemos dizer —um bonito rapaz, cantando com um impeto meyerbereano a cavatina da juvenilidade, alistou-se, com o seu carcaz attestado d'epigrammas, sob os estandartes relumbrantes dos *struggliſers* de salão, e viveu na intimidade dos mais illustres membros do patriciado litterario: Castilho, Mendes Leal, Silva Tullio, Antonio Pereira da Cunha, e Garrett, quando este escrevia o *Frei Luiz de Souza*. A sua distincção afinada até ao aristocratico, e os seus olhos arabes grangearam-lhe muitas *bonnes fortunes* no tempo em que a mulher nacional não fazia do coração mealheiro para toda a homenagem sonante, desconhecia o *chic*, esse apanagio das raças finas, e nem sequer sonhava com a sciencia d'orchestração wagneriana da grande opera do *Amor moderno*...

O pae de Duarte de Sá habitava na quinta do Pinheiro, a Sete Rios, onde deu famosos saraus dançantes, e onde fizera construir um theatro, que pleiteava compitas com o das Laranjeiras, cujo proprietario, *grand veneur* da Moda, dava n'esse momento a nota crepitante do fino gosto no meio d'aquella sociedade um tanto aferrada ainda ao hieratismo glacial da velha tradicção elegante, mas desartificiosa, forte de varonilidade sem alarde, tão outra da sociedade epicurista que para ahi se esphacela no bandalhismo pelintra, no sportismo parrana, e no torpe realismo das morbidas volupias perfumadas a *parisina*, brilhando no falso luzente da gala espalhafatosa, para illudir ao longe, como as pinturas theatraes. Se a primeira pertence á historia, a segunda, arvorando em principio inquebrantavel o *truc for life*, entrará, quando muito, no dominio da anedocta.

Quando, em 23 de fevereiro de 1843, o conde de Farrobo deu nas Laranjeiras a grande festa dedicada a D. Maria II, D. Fernando, e imperatriz D. Amelia, festa para a qual até mandou vir creados de Paris, subiu á scena n'esse theatrinho a opera *Duque d'Olonne*, de Auber, onde já o Duarte de Sá teve um papel. Mezes depois, a 4 de julho, dava-se *em primeira* no theatro do Pinheiro, o *Fr. Luiz de Souza*, ensaiado pelo proprio auctor, que n'isso muito se comprazia. A Duarte de Sá coube o papel de *Miranda*.

O *Fr. Luiz de Souza* foi escripto para a Emilia das Neves, que nunca chegou a represental-o, do que o auctor se lamentava.

Duarte de Sá foi o primeiro que, em Portugal, representou scenas comicas, para o que elle possuia um largo taiento d'actor-imitador, e Paulo Midosi quem primeiro as escreveu. As derradeiras vezes que representou foram nas duas ultimas recitas, que se deram nas Laranjeiras. Levaram em francezas *Pattes de Mouche*, de Sardou, uma deliciosa *bluette* que mais tarde subiu á scena em D. Maria II com o titulo *Por causa d'uma*

carta. N'essa comedia finissima, em que a alegria salta como o Champagne d'uma garrafa Clicquot, encarregaram se dos papeis de damas Madame Olga de Katackasy — esbelteza imperial, e Madame de Hortega, cuja formosura mereceu as mais apaixonadas arias aos tenores da chronica, e obrigou os alfagemes da litteratura mundana a açacalarem as espadas de peleja nos *mentideros* folhetinisticos.

Como diziamos, Madame Olga encarregou-se d'um papel, o mesmo feito depois pela mallograda Manuela Rey, esse vigoroso talento artistico que tão admiravelmente percorria a gamma do sentir humano.

Longe de possuir as aptidões d'esta, Madame Olga afivellava ainda assim com alguma distincção a mascara livida de Melpomene ou a mascara *fardé* de Thalia, e tinha uma tal gracilidade elastica de franceza á Meilhac, uma elegancia graphica de parisiense á Roqueplan, que lhe careavam sympathias, e que, em suas graciosissimas evoluções sob a nervosa perquisição binocular, obrigavam a não mais olvidal-a, como immorredoira se converte a lembrança d'uma linha energica de Velasquez, ou da eurythmia d'um contorno esculptural de Praxiteles. Se estivera liberta de todos os liames, livre como a livre Grã Bretanha, mais d'um herdeiro de nobres raças deporia a seus pés o brazão dourado, mais d'um principe altaneiro repetiria de boamente o bolero francez:

Ah! si j'étais le roi d'Espagne
Tu serais reine sur ma foi!

Duarte de Sá teve nas *Pattes de Mouche* o papel de excentrico da peça, o mesmo que o actor Santos depois desempenhou. N'esse, como em qualquer *bout de rôle*, sabia dar a nota nacarina da sadia alacridade.

Quando em 1850 elle ensaiou duas peças no theatro de D. Fernando fez prodigios; e attrahiu meia Lisboa ao Gymnasio quando ahi levou uma pecita *Os trabalhos*

em vão, que delicadamente se balançava sobre o *calembourg* como em fulcro de diamante. Escreveu e imitou varias peças apostilladas pela sua graça pessoal, que repulsava os ataques importunos da melancholia, compellindo os espectadores a rirem ás escancaras como as queixadas *réclames* ás portas dos dentistas. Taes foram: *Uma hora no Cacem, Um prato d'ovos mexidos, Duas lições em uma só, Os dois primos* — um dos triumphos do Taborda —, *Maria da Fonte ou a Bernarda na rua*, etc.; e traduziu a opera burlesca *Vie Parisienne* com o titulo *Viver de Paris*, por elle mesmo ensaiada na Trindade.

Primava na palestra acidulada pela graça sonantemente gauleza, quando nos contubernaculos dos casquilhos os *whisteurs* cruzavam as cartas e os charutos cantavam sob os dedos; primava ainda na maneira incomparavel como recitava as suas poesias, e na facilidade extrema de *calembourisar*, a tal ponto que, se vivera no seculo passado em França, seria um digno emulo do marquez de Biévre.

Seu espirito risonhamente juvenil, brilhante como um dobrão d'oiro entre um punhado de pintos falsos, collocou-o varias vezes na embaraçosa situação de Talleyrand, quando este n'um celebre jantar pedia o sal, a pimenta ou a mostarda, e os convivas se encostavam meditativos, procurando descobrir o epigramma, que elles suppunham envolto nas palavras d'esse habilissimo tecelão da teia de Penelope, intitulada — carta da Europa.

Nomeado director do Conservatorio, e conscio das responsabilidades que lhe impendiam, Duarte de Sá publicou um methodo de declamação para servir aos alumnos. Trabalho em vão! Os alumnos desmiolados fugiam d'alli como se fôra o antro de Trophonius!

Alto, sêcco, trigueiro, olhos negros, cabello escuro, espirito illustrado, conseguiu triumphar nos *clubs*, nas salas e nos *boudoirs*, o que me parece não é dizer pouco.

Quantas victorias não obteve a sua franzina elegancia, n'esse tempo em que, no amor ou no odio, não havia *nuances*...

Como o actor Queiroz dizia na *Vie Parisienne*, traduzida pelo mesmo Duarte de Sá — elle não era esse major!

Desgostoso com o trabalho inglorio a que se votara n'este cantinho dominado pelo vulgarismo mazorral, adormeceu nos braços nevados da Morte em 31 de Agosto de 1876, sem que ninguem o podesse acoimar, ao menos, de commendador, tendo elle vivido na zona climaterica dos titulares e dos condecorados.

A penna primorosissima do sr. Pinheiro Chagas fez a seguinte apreciação de Duarte de Sá: «Educado na melhor sociedade, creado na convivencia de todos os grandes homens da forte geração que então se erguia do berço, dotado das mais raras aptidões, mordente e enamorado, não se sabe ao certo quem fez mais victimas, se os seus finos epigrammas, frisantes e bem contornados, se os seus olhos negros e grandes, cheios de malicia e de brilho. O romance da sua vida faz pensar em Gautier e em Mürger, os poetas das loucas aventuras, a sua historia podia ser escripta por Legouvé ou Janet, os philosophos do lar.»

V

Uma cortezã celebre

Ao lado da Musard, da condessa de Brimont, de Cora Pearl, de Margarida Bellengé, enfileirava *Madame* de Paiva... sem que perturbasse a formatura.

A vida d'esta femea é um romance. Branca Lachmann — seu verdadeiro nome — era polaca, e casada com um alfayate russo, que ella deixou a coser pelles, no paiz dos rublos, para vir a França correr á redea solta como aquelle Mazeppa do poeta inglez. [1] Algum tempo depois d'ella chegar a Paris, o celebre pianista Henri Herz dava um concerto. Alguem lhe pediu para n'elle figurar a formosa Branca — que talvez n'uma existencia anterior se chamasse Cleopatra ou Semiramis — mas Herz recusou abertamente, allegando ter já regeitado pedidos identicos. Muito instado, porém, sempre disse: — «Só se tocar commigo os trechos que tenho reservados.»

Na manhã do concerto, Herz ensaiou-a, e, á noite, a bella polaca alcançava um enorme triumpho, não só no publico, mas no coração do pianista.

---

[1] Camillo Castello Branco. *Bohemia do Espirito*.

Herz apaixonou-se por ella, e juntos partiram para Londres, onde apresentou como sua mulher essa *flor fatal*, perante quem os bretões se levantavam, como os velhos sentados ás portas Scéas se erguiam quando passava Helena, a filha de Tyndaro.

Pierre de Lano escreve que a Paiva se matrimoniou com o celebre pianista, e que um dos padrinhos do casamento foi o diplomata portuguez conde de V.,[1] o que é uma inexactidão.

Um bello dia abandonou Londres, o piano e o Herz, e, como toda a *cocotte* que se preza, parte a fazer conquista... da America. Em 1850 reinstallava-se em Paris, aterrando todas as *dégrafées* com o seu luxo insolito, e com a sua formosura em plena maturidade. Encontra então o portuguez Paiva de Araujo, a quem preferiu, entre todos os amorosos que gravitavam á sua volta, e com quem se matrimoniou em 1851, porque o aljubeteiro moscovita se prestára a marchar d'esta para melhor vida.

Ella contava vinte e cinco annos, elle dezenove. Era um rapaz alto, moreno, sympathico, de intelligencia angusta, mas tendo o espirito como o fato talhado á ultima moda. Lano chama-lhe marquez de Paiva!

Seguiram para Lisboa onde vieram passar a lua de mel.

Estando no hotel Victor, em Cintra, foi alli um amigo do marido visital-o. A polaca, encontrando se n'um momento só com o amigo de Paiva d'Araujo, perguntou-lhe, manejando o *face-à-main*, e sem desmanchar a linha senhoril, nem apagar o seu arsinho de romance: — O seu amigo é muito rico?

O interrogado ficou aturdido com a pergunta á queima-roupa, e hesitante na resposta, até que se atreveu a dizer:

---

[1] Pierre de Lano. *Les Bals Travestis et les Tableaux Vivants sous le second Empire*. Illustré de vingt-cinq acquarelles hors texte par Leon Lebègue. Paris. H. Simonis Empis, Editeur. 1893.

— Creio que sim.

De Lisboa foram para o Porto, onde se hospedaram em casa da mãe de Paiva de Araujo. Ahi é que ella teve uma completa desillusão. Era uma casa onde havia boas mobilias, bellas louças da India, e ricas colchas de seda bordadas a oiro, mas onde faltava o dinheiro.

De facto, Paiva d'Araujo tivera uma fortuna de quatrocentos contos de réis, que n'essa epocha estariam reduzidos á decima parte.

A polaca regressou a Paris, e como seu marido constituia um empacho aos seus embelêcos e astucias, requereu a separação.

Por nostalgia da grande vida, por infrene bulimia do oiro, madame de Paiva regressa ao exercicio profissional do galanteio, ao trafico vil dos beijos, ás artimanhas felinas de *charmeuse*. Torna a pôr em bateria a sua belleza fulminante, e o artificio pyrotechnico do seu coquettismo; volta a carmear os papalvos endinheirados, a valorisar as suas graças, a vêr cahir sobre as alcatifas orientaes da sua alcova parte da lista civil de mais d'uma testa coroada.

Branca estatueta, em torno dos hombros de neve adejavam-lhe os madrigaes iriados como estranhas borboletas de saphyra com azas d'esmeralda.

Vivera ella nos tempos fabulosos, em que a alma voluptuosa de Pan se misturava ás sensuaes caricias do ar, e todos diriam ser o fructo dos amores impudicos d'algum cysne branco com alguma deusa de cabellos côr de junquilho, e que teria nascido sob o portico d'um templo da Venus Aphrodita, quando o luar amoroso se desatava em catadupas, e as *menadas* ebrifestivas cabriolavam pelos bosques sagrados...

Arredada do marido, essa flôr do asphalto ligou-se a um riquissimo conde prussiano, filho de principes, que a encontrou no casino de Baden-Baden jogando o *baccarat*, preciosamente envolta no velludo de Genova, que a detalhava toda, e agazalhada n'uma peliça de marta zibelina. O conde, que abandonára uma amante n'aquelle

dia, sentou-se proximo de madame de Paiva, e emprestou-lhe dinheiro para continuar o jogo. E quedou-se absorto, n'uma contemplação que se fazia extase.

Fixou-lhe os olhos enigmaticos, laminados de filamentos d'oiro, a bocca sangrenta, viva flôr de cactus, a nacarada brancura de naiade slava; admirou-lhe as linhas d estatuetinha loura, a riqueza insolente do seu peito *en parade*, os seus largos conhecimentos da vida *noceuse*, a sua alma cheia d alegria oxigenada e de feminis caprichos... O prussiano conhecera os olhos de saphyra pallida das viennenses, os de pervinca das berlinezas, os olhos d'onix das filhas de Pesth, os de nickel lantejoulado das de S. Petersburgo. Comparou, e achou melhor. E em vez d'ir tomar o absintho da solidão, julgou preferivel tomar aquella nova amante.

Sahiram de braço dado sob as caricias do luar que subia... No dia seguinte, o tal conde deixava em casa de màdame de Paiva uma carteira contendo 24:000 francos. Quando ahi voltou ella disse-lhe:

— Esqueceu-se da sua carteira...

— E' verdade, respondeu o conde, com um aprumo episcopal. E, tirando alguns papeis d'importancia, deixou ficar o dinheiro na carteira, que collocou sobre o marmore do fogão. Os fundos da polaca subiam novamente. Esta regressa a Paris, onde o novo querido lhe compra um esplendido palacio por dois milhões de francos, pagos em quatro prestações.

Ahi conduzia elle a vida *à grandes guides* quando a familia o interdisse por prodigalidade, impediu de pagar a quarta prestação, e reduziu a mezada a sessenta mil francos... apenas. Não chegaram a celebrar o anniversario do primeiro beijo, electrisante, talvez, como um contacto de tremelga. Acharam-se pobres e separaram-se. O amor da *cocotte* descia nas horas de crise, como o nivel do mercurio barometrico quando o tempo se embrusca... O conde retirou-se para um *entresol* dos Campos-Elyseos, onde os moveis de preço se accumulavam, mas onde elle se encontrava tão pouco á von-

tade, que dizia a Teixeira de Vasconcellos, a quem mostrava a casa:

— Veja ao que minha familia me reduziu! [1]

O palacio de madame de Paiva, adornado e pintado por Paul Baudry, era um ninho digno da sua belleza bestificadora, deliciosa de graça perversa.

Tão sumptuoso era, que a proprietaria abandonava-o todos os annos, durante alguns mezes em que ia ao estrangeiro, para elle estar exposto.

Este palacio, quasi historico, foi vendido por dois e meio milhões de francos em 1891, e n'elle se installou depois o *restaurant Cubat*, onde em 1897 se realisou o esplendido baile das *demi-mondaines*. Emilio Blavet descreveu-o no *Gil Blas*, e, aproveitando o ensejo, referiu a vida da antiga proprietaria, de quem fôra commensal.

Eugène Pelletan, na *Nouvelle Babylone*, descreve a habitação maravilhosa d'essa antecessora de Cora Pearl, habitação que só mais tarde teria *pendant* na de Hortense Schneider, estrella da operetta... e do galanteio. Diz Pelletan: — «Eis um pequeno palacio que faz honra ao gosto do architecto, é fechado por portas de bronze, coberto de telhas antigas; o pavimento é ornado d'um mosaico, a mobilia é copiada sobre o estylo de Pompeia; acha-se a cada passo uma *exquisita* gaiatice do museu secreto de Napoles, sob a fórma de tripode de candelabro. Ao centro do edificio, e sob uma gaiola de vidro pintada de azul, para lhe dar uma falsa apparencia de raio de luar, o architecto dispoz um *boudoir* com esta inscripção latina sobre a porta: *Venereum*. Em um nicho do sanctuario collocou a estatua da deusa, isto é, da dona da casa disfarçada em Venus.

Como ella se approxima dos quarenta, ornou o seu *Venereum* de duas pinturas da sua imaginação: A Primavera e o Outomno.

---

[1] *Diario Illustrado*, 1885.

A primeira figura, peito ao vento, semeia rosas a plenas mãos; a segunda sonha, a cabeça inclinada sob um livro semi cerrado. Comprehendeis a allusão.

Mas a sala de banho, se devo acreditar na legenda, sobrepuja ainda o *boudoir;* é a obra prima da voluptuosidade moderna. Nem Petronio em toda a sua gloria, nem Bebbiena com a assistencia de Raphael, tiveram semelhante inspiração.

Fez-se da estufa uma cousa de duplo significado: collocou-se a banheira no meio da relva, ou antes um tanque sempre cheio d'agua quente para dois e occulto sob uma abobada de palmeiras das Antilhas e de camelias; jactos d'agua conduzidos pelas folhas das plantas exoticas distillam, n'um dado momento, uma chuva d'agua de cheiro, que cahe em orvalho sobre o tepido crystal da banheira. Um negro vigoroso, simplesmente adornado com a tanga de rigor, faz o serviço da estufa, sempre mantida á temperatura asiatica d'um harem. Sabeis a quem pertence este palacio? A uma *lorette*, uma *lorette* alforriada, é verdade, por ter esposado um *hidalgo;* agora usa o titulo de condessa, mas despediu o marido.»

Esta casa — um escrinio de joias — foi ponto de reunião da aristocracia do intellectualismo: Theophilo Gautier, Pelletan, o bibliophilo Jacob, Emilio de Girardin, Arsène Houssaye, Emilio Augier, Emilio Blavet; e, assegurava-se que, em 1870, fôra tambem um centro de espionagem allemã.

Pelos seus salões archi-mundanos passaram todas as personalidades masculinas e eminentes do Segundo Imperio.

A chronica boulevardista affirmava que algumas damas da côrte tentaram ser admittidas n'essas recepções. O proprio imperador foi uma noite a casa d'ella. E' Pierre de Lano quem o assevera.

O certo é que foi um bordel de primeira classe. Pelletan, referindo-se áquella deidade de lupanar, conta o seguinte :

« — Ha poucos dias, depois d'uma orgia romana, uma *lorette* deu ordem para lhe trazerem a banheira e para a encherem com vinho de Champagne; tomou um banho de quinhentos francos em presença dos seus convivas, deu depois o banho, ainda effervescente, a beber aos seus dez amantes.»

As rivaes, ao verem-n'a languidamente cahida como uma fôfa trouxinha de sedas no canto da sua caleche de flécha e oito molas, sentiam os rebates da inveja, e feriam n'a... a golpes de luneta, desfechados com rancor.

Depois da separação, Paiva d'Araujo voltou a Portugal, conservando-se algum tempo no Porto.

Mais tarde ainda tornou para Paris, d'onde, de quando em vez, vinha ao Porto visitar a mãe.

O heroe d'um dia, o *flirtador* que conhecera de perto o setim das mais bellas epidermes e o velludo cereja dos mais bellos labios, luctava com os ultimos recursos pecuniarios quando se suicidou, em 1873. Ainda tentára uma reconciliação com a mulher, mas esta, cujo caracter bravio, acutangulo, não conhecia commiserações, repelliu-o.

Elle então, marfado com tal procedimento, pôz ponto final na vida com uma bala de rewólver. Foi o ministro portuguez quem pagou o coche funebre, que conduziu o corpo ao cemiterio do Père La-Chaise. Aquelle neurasthenico tivera como principio, que reputava de supra-elegancia, nunca ter usado calça de listra, nem gravata de côr.

Quanto á mulher, essa lá foi levada n'esse galope infernal que se chamou a vida do Segundo Imperio. Tambem, a seu turno, foi uma habituada das famosas *redoutes* de Arsène Houssaye, cuja habitação, na Avenida Friedland, era o capharnaum d'um bricabracomano, d'um *bibeloteur* de genio. Madame de Paiva proseguiu a sua derrota zig-zagueada, até que harpoou o conde de Henckel Donnesmarck, grão-senhor prussiano e primo de Bismarck.

Quando rebentou a guerra de 1870, Henckel e a Paiva partiram para a Silesia, onde viveram algum tempo retirados. Assignada a paz, o conde foi nomeado governador da Alsacia-Lorena. Depois voltou a Paris, e a sua presença aqui esteve a ponto de provocar um conflicto diplomatico, fallando-se mesmo em expulsar do territorio francez o conde e a sua amante. Mas, graças a Thiers, o facto não foi consummado, e os dois amantes, renunciando a antiga habitação, foram residir na Maison Blanche, no bosque de Bolonha, outr'ora moradia de Haussmann, quando Prefeito do Sena [1].

A sua residencia em Paris foi de curta duração. Regressaram á Prussia, onde a Paiva casou em 1875 com o seu desvelado protector.

A proterva carcassa caiada ainda foi encerar aquelles bigodes com os seus dedos ultrajosamente pesados de anneis diamantinos. Pelo terceiro matrimonio recebeu em dote bastantes milhões de florins, e retirou definitivamente para o seu castello, cujas grimpas se recortavam airosas no azul electrico do céo da Silesia, e que ella mandára construir, diziam, sob um risco imitado das Tulherias, afim de se vingar de a haverem expulso d'este palacio, onde a levára o pianista Herz no tempo de Luiz Filippe. Henri de Villemessant contou no *Figaro*, por occasião do casamento, a vida anfractuosa d'esse ornamento prostibular, que elle conhecera de perto; e mr. Drumont escreveu, ha dois annos, o seu romance, marginado de notulas picarescas.

Quando, n'uma noite do inverno de 1885, os *elfos* dançavam a sua ronda macabra nas florestas, e os torreões do castello de Newdeck, immoveis como phantasmas de ballada allemã, se banhavam no frio luar germanico, morria a condessa de Henckel-Donnesmarck,

---

[1] Pierre de Lano. *Les Bals Travestis*, etc. Pag 86.

victimada por uma febre cerebral consequente a um rheumatismo cardiaco.

Os jornaes parisienses arrancaram então o titulo nobiliarchico ao cadaver d'essa *vieille-garde*, e foram encontrar por debaixo um nome de que todo Paris se recordou, e que Lisboa e Porto tambem conheceram — madame Paiva d'Araujo.

VI

A Letroublon

Esta sim, esta é que lembra maravilhosamente a bohemia de Murger, a epocha do romantismo desconsolado em que se adorava Lisette, e Musset cantava o vestido de Mimi-Pinson:

Mimi Pinson est une blonde
Une blonde que l'on connait...

Delicada e gracil, fresca e viçosa como um *bouquet* colhido de manhã, sabendo desenvoltamente atirar com a sua touca por cima dos moinhos, possuindo a fina *verve* — uma coisa que difficilmente póde filhar n'este sólo — adivinhava-se que em suas veias estuava o sangue francez. Sua mãe, madame Jules, tivera hospedaria ao caes do Sodré [1] e depois na rua da Prata.

Emilia Letroublon escripturou-se no Gymnasio, no *theatro do barracão*, viveiro dos mais gloriosos actores portuguezes, e foi ahi que o seu talento fez eclosão, ao tempo da empreza de Manuel Machado, o Apollo

---

[1] Julio Cesar Machado. *Apontamentos de um folhetinista.*

Musagete d'aquelle Olympo da travessa do Secretario de Guerra.

Ganhava doze mil réis no primeiro mez, no segundo já ganhava sessenta e era o *bout-en-train* d'aquelle templo da arte.

Fez as suas primeiras armas na peça *Como se transforma um caloiro* — na qual tambem entrava o Taborda — depois desempenhou a *Namorada do principe*, e a seguir um *travesti* da comedia do Bayard *o Netto*. Era n'esta comedia que o actor Moniz tinha um estribilho que se converteu n'uma *scie* popular: Cada qual tem o seu systema! Distinguia-se Letroublon por sua formosura e elegancia, e então não eram poucas as que pisavam o palco tendo esses predicados. Basta citar Emilia das Neves, a *linda Emilia*, a Josephina, cujos elegantes contornos lembravam os desenhos de Gravelot, o grande vinhetista do seculo XVIII, e cujo amor pôz a cabeça á razão de juros ao Miró, auctor da operetta *A Marqueza;* a Fortunata Levy, uma judia, a Emilia Candida ou Emilia Varêta, a esse tempo graciosa, mas sêcca como uma fatia de pão, e a Carolina Emilia do Normal.

A belleza da Letroublon sollicitava os vestidos rastolhantes de seda betada e de brocatel, as cadeias de pedrarias scintillando como recamos de luz, as radiações dos diamantes-rosas e os fogos dos rubis prismando o collo, toda a *toilette* maravilhosa do seculo XVI.

A sua mocidade cheia de graça estava a pedir que a modelassem na malachite, no porphyro negro de Mantinéa ou no *electrum*, o metal tão querido dos antigos; seu perfil seductor que o talhassem na cornalina ou nos quartzos hyalinos; seus olhos resplandecendo com scintillações de marcassita, e onde umas vezes fluctuava o sonho, outras brilhava a ironia, que os fixasse a paleta d'um pintor genial; sua correcção linear levava-nos psychologicamente á intuição d'esses debuxos descobertos nas ruinas de Pompeia...

O tempo implacavel alterou todos esses encantos, e o que resta agora d'elles? Ao corpo, polido pelos beijos de Phebus, deu a doença, ao rosto as rugas, ao espirito amarellentas idéas que brotam como flôres de crepe, o riso exsolveu-se em lagrimas, ás rosas substituiu-se a neve...

E sobre uma erradia juventude, que se coroava d'auroras, vestia de lyrios, banhava d'aromas, e em cujo louvor mais d'um tetracordio farfante vibrou com apaixonados accentos, tem a mésta Realidade de vir derramar — á maneira das antigas Coephoras sobre os cadaveres — a sua urna votiva! [1]

Do grupo d'actrizes que então brilhava no tablado, a maioria jaz sob as campas, outras recolheram-se á quieta pousada da vida intima, e as poucas que por ventura ainda arrostam a scena, apenas dão ao publico, na melancholica expressão de Bossuet, *les restes d'une voix qui tombe!*

Letroublon, dando redea larga á phantasia, fartou-se de pregar pirraças á empreza do Gymnasio. Uma noite estava o theatro cheio, e, no momento de começar o espectaculo, procuraram-n'a, mas não appareceu, porque batera as azas; e durante um mez ninguem d'ella deu fé, nem mesmo o Canarim, que tinha ordem para a prender. Andava em folia por Cintra, acompanhada do conde d'Alva e d'outros amigos, gosando as poeticas noites do *delicioso eden*, em que a luz opalina do luar parece prestar ás ameias do castello da Pena vagas scintillações d'arestas de feldspatho argentina, e em que, a horas de feitiço, as tentações d'amor passam no fremito das folhas, na phosphorescencia dos pyrilampos, na doçura do ar, na infinita musica do silencio...

De regresso a Lisboa, todas as noites sahia do seu

---

[1] Este artigo foi publicado no *Correio da Manhã* de 7 de junho de 1894. Letroublon falleceu em sua casa, na Avenida D. Carlos, pela uma hora da madrugada de 6 de julho de 1895.

ninho — que se alcandorava no segundo andar da casa em frente do actual theatro da Trindade — disfarçada em trajo de marujo adquirido n'um jubeteiro. Uma noite ia ella com Paulo Midosi e Diogo Forjaz, quando, no largo de S. Roque, encontraram o Manuel Machado, que a não conheceu.

Contava ella depois que tivera a intenção de dar uma gebada no chapéo alto do Machado, mas que Midosi lh'o impedira, para que a não descobrissem. Paulo Midosi acabou por intervir e por apresentar a foragida no theatro.

Perdoada a felonia, tratou-se de desempenhar tudo que Letroublon puzera em mãos d'um Shylock com loja de carvoeiro na rua dos Douradores. E á merecida reprimenda ella soube, como o soldado de Scribe, callar-se sem murmurar. *Tout est bien ce qui finit bien.* O banquete da concordia realisou-se uma noite em sua casa, assistindo vinte convivas. No momento solemne dos brindes inebriativos, lançaram-se tres caixas de garrafas de Champagne dentro da tina em que ella se lavava, e onde se metteu em camisa, e foi d'alli que beberam o vinho.

Houve porém dois convivas recalcitrantes, que se negaram a esta scena final ultra realista...

O temperamento da Letroublon, impetuoso, ardente como um toque de trombetas de guerra annunciando aos porta-estandartes as cargas heroicas, não lhe permittia a vida remanchona, incolor, das suas collegas.

A breve passo fugia ella para o Porto-Brandão em companhia d'Augusto Fournier, D. José d'Almada, José Nobre e Villar Perdizes, onde foi servido, entre o ramalhar sonoroso do arvoredo, um jantar opiparo fornecido pelo Matia, em que soou valentemente o carrilhão dos copos, e em que a vaporisação das cassarolas fazia revirar os afiados colmilhos aos catraeiros.

Eram duas horas da noite quando novamente cortavam o espelho crystallino do Tejo, cantando uma barcarolla perlada por suspiros de flauta á claridade si-

lente das estrellas e da lua, que resplandecia como um bracelete d'oiro aberto na serenidade do cariz celeste, fazia brilhar as espaduas de prata das ondinas e cahir dos remos collares desfeitos de aljofares, emquanto a viração soprava languida como os galernos zephyros nascidos sob as azas brancas dos cherubins...

E a essa hora lá andava por valles e alcantis da Outra-Banda, em cata d'aquella sylphide, o bom do Manuel Machado, que no *seu theatro* via a independencia futura como S. João entre os nevoeiros de Pathmos divisava a sua Jerusalem ideal!

Passados dias Letroublon apresentava-se no Gymnasio, onde afinal de contas a sua graciosidade, gentileza, e, *tranchons le mot*, o pouco atreita a inliçar se nas conspirações que se urdem entre os bastidores, tudo lhe faziam perdoar.

Bem diz Gondinet n'uma comedia: Oh mulheres! tendes uma fraqueza herculea!

O pacto da amizade sellou-se em um jantar em casa do Theotonio na calçada de Carriche. Quasi no fim da festa appareceu o Thomaz Collares e o Madureira, que tinha loja de quinquilharias á Ribeira Velha, acompanhados d'uma formosissima oleira com loja tambem n'aquelles sitios.

Algumas phrases reticenciadas provocaram questão, e a Letroublon atirou com uma garrata de Porto á cabeça da oleira, que, se a apanha, dava cabo d'ella.

Poucos mezes depois foi Manuel Machado advertido pelo porteiro do theatro, que a Letroublon todas as noites ficava no camarim. Uma manhã o emprezario batia lhe á porta.

— E's tu, Liborio? perguntou ella julgando ser o porteiro.

— Não senhora, sou eu, responde o emprezario.

Então ella appareceu e confessou haver cinco dias que não tinha casa, porque vendera tudo o que possuia.

O que não obstava a que, a curto trecho, se reca-

chasse do perdido, batendo todas as noites para Carriche, terminado o espectaculo.

Tudo isso, digamol-o sem rebuço, estava na logica da sua idiosyncrasia e do seu caracter original, bizarro. O que tambem a levava a ter pouco a miude o coração em ferias...

Foi por essa epocha que o famoso barytono Beneventano — que quando não estava em S. Carlos estava no Gymnasio — cantou n'este theatro, com Taborda, o duetto do *Moysés no Egypto*, com que o publico riu a bandeiras despregadas.

Letroublon, sempre voluvel *qual piuma al vento*, passou para o theatro de D. Maria onde se demorou alguns annos, e quando Offenbach, o *maestrino* zombeteiro, irrompeu na scena portugueza, estava ella no Principe Real. Aqui foi pela primeira vez, na noite de 29 de fevereiro de 1868, a *Gran Duqueza de Gerolstein*, a operetta que maior successo obteve no nosso theatro.

A sua musica cahiu em moda, e toda a gente ria com as grotescas figuras do truculento general Boum, do barão Grog, do principe Cornelio Gil, e trauteava o enamorado quartetto da leitura das cartas:

Na carta que eu tive, Amelia formosa,
Me disseste, amor,
Que a vida p'ra ti tem sido horrorosa,
De bem negra côr!
Porém, deixa estar, vae ser côr de rosa,
Quando eu pr'ahi fôr!

Oh! carta adorada,
Por mim decorada,
Vaes ser conservada
Qual mimo d'amor.

Embora declivando já, ainda Letroublon arrancou applausos sinceros no papel de *Gran-Duqueza*, que em França fôra creado pela Schneider, uma das musas do segundo imperio. Vestindo a jaleca á *hussard* sobre o

apertado justilho de seda, saia d'amazona e barretina com penacho, cantando o *rondó*:

Tanto amor por elle eu senti,
Mal que o vi,
Tanto amor me traz delirante...

via-se bem que ella ainda temperava o seu espirito nativo com o perrexil da graça saltitante d'outr'ora, que fazia pensar n'aquellas *filles de marbre* desenhadas pelo lapis escarninho de Gavarni, de fino talhe, o chapim dançando na ponta do pé nú, cabellos cahidos, e cabeça lançada para traz, seguindo com os olhos a espiral azul do fumo do seu charuto da Havana...

Ferida pelos eculeos da existencia, cancellou a derradeira pagina da sua vida artistica, abandonando o palco — onde ficavam sepultadas as suas chimeras — com a mesma saudade pungitiva, com que Maria Stuart lançava o supremo adeus ás terras de França.

O passado será hoje para ella como que a recordação d'um sonho eburneo, em que via os philauciosos admiradores, que afflloravam pelo camarim, curvados a seus pés, e os invalidos de Cythera — conforme se dizia — procuravam com boas traças captar lhe o favor, emquanto os timidos se detinham absortos no limiar da porta como as almas do Dante paravam em extase á entrada do paraizo...

VII

O avô dos janotas

Um janota aos noventa annos! Como se ririam agora os Alcibiades da Casa Havaneza, que não calçam o cothurno com talão dourado, não usam flôres da Glycère, não trajam o manto roçagante levando uma codorniz escondida nas suas dobras, mas que, em compensação, vestem os *péplon* do Amieiro, e penetram os recessos nada desconversaveis d'aquella Attica do Chiado, onde se haurem estilas de mel... politico, e onde, a subitas, nos apparecem as Laïs modernas, cingidas pelos velludos flacidos e pelas sedas crepitosas.

D. José Coutinho de Lencastre, *o avô dos janotas*, descendendo de familia de nobre extracção, nascera em 1794 e tinha-se como genuino representante do grão Magriço.

A epocha em que D. José Coutinho brilhou como elegante, apparece já a nossos olhos tão envolta em nevoeiros de mysterio, tão outra d'aquella de desentoada artificialidade em que vivemos, que, quem a tentasse historiar, quasi precisaria possuir o ramo d'oiro da fabula para baixar aos seus limbos, e poder depois descrevel-a com segurança.

D. José Coutinho, não sendo jámais um faccioso politico, foi sempre um faccioso do dandysmo; não sendo, em tempo algum, um luctador nos campos de batalha, foi sempre um combatente nas rudes pelejas da platéa de S. Carlos, seu campo d'acção, e nas campanhas incruentas do amor. Cumprindo o preceito de Talleyrand — «Nunca fui apressado e sempre cheguei a tempo,» viamol-o subir o Chiado com o movimento vagaroso de quem se propõe a executar um minuete de Lulli, mettido em *toilette* acurada, o collarinho alto sublimbando a physionomia dura, a face direita eternamente torcida por um *tic* nervoso, o bigode branco virgulando a bôcca fina, atravez de cuja fisga espreitava um sorriso malicioso, os pollegares enfiados nas cavas do collete, o vencedor monoculo criticista perdido entre as rugas e semelhando um O coroado pelo accento circumflexo das sobrancelhas contrahidas pelos musculos flexores. Admirava-se n'elle a grandeza decadente do arbitro das elegancias longiquas e abolidas, conservando fiel a velha tradicção, a *crânerie* elegante dos leões de 1830, retardando se propositadamente no seu querido passado.

A' volta dos quarenta annos dera balanço á fortuna, e dividira o que lhe restava pelo numero trinta, suppondo não viver mais de setenta annos. O calculo porém falhou, e suas irmãs procuraram persuadil o que elle apenas tivera errado a operação arithmetica. Aos sessenta e tres annos teve a ultima paixão! Na mocidade, quando as suas amantes, tendo no olhar o fulvo raio dos ardores sensuaes, lhe sorriam com labios de granada onde cantavam todas as notas das melodias mysteriosas, quando em torno do seu leito de celibatario esvoaçavam as voluptuosidades com azas vermelhas, quando o seu espirito fluctuava no azul dos sonhos, escutando estranhas canções feitas de beijos, aureas estrophes cinzeladas pelo amor, e as bacchantes ebrias lhe tomavam a mão e o obrigavam a entrar no coro erotico, então sim, então teriam cabimento

as paixões. Mas n'aquella edade eram já um pouco serodias, embora o poeta diga:

Le coeur est toujours jeune et peut toujours saigner.

D. José Coutinho não se seduzia com as mulheres macissas, d'exhuberancias acoguladas, que lembrassem a robusta corporatura das filhas de Sybaris, dançando nuas a bibase no cume do Taygeto, as matronas romanas, ou as fortes patricias de Veneza. Bem ao contrario, apenas adorava as que tivessem a fragil elegancia do lyrio, a distincção vibratil, a graça felina. Em 1856 veio para S. Carlos, com o tenor Nery-Baraldi e o barytono Beneventano, a De Giuli-Borsi, um soprano algum tanto avariado, mas de grande expressão no canto. Era uma mulher alta, magra, nervosa, convulsa, d'olhos feiticeiros como os das naiades que fascinam os transeuntes para os affogar...

Exaggerada nas expansões do riso e da dôr, toda a scena parecia pouca para ella. No segundo acto da *Lucrecia Borgia* estendia por tal fórma os compridos braços que Deus lhe dera, que tomava quasi todo o panno de fundo, para o duque não transpôr a porta pela qual dera fuga a Gennaro. No momento de cahir o panno sempre se ouvia um *bravo* isolado, que precedia as palmas da platéa. Era o de D. José Coutinho. Quando a De Giuli-Borsi partiu para Italia convidou-o, á despedida, a que fôsse almoçar com ella a Milão. E, no dia seguinte, elle fazia as malas e seguia-lhe no encalço, notando no seu *carnet* de D. Juan esta paixão absorvente, quiçá a ultima.

A De Giuli-Borsi morreu ha muitos annos; sua filha fez parte da companhia do nosso theatro lyrico em 1878, junto com a Biancolini, a Brambilla, e a Trisolini.

Da geração de velhos janotas que ás portas do Marrare e do Toscano apreciavam o *grain de peau* de todas as bellas que pisoteavam o Chiado, passavam os

acontecimentos politicos pelo laminador da critica e almotaçavam as notabilidades lyricas, elle era talvez o ultimo. Quando todos os do seu tempo haviam desapparecido, quando tudo ruira em volta de si, quando percebeu que os modernos tafues encanudados e arrequifados, com os seus *sports* athleticos, o seu cyclismo e a sua *pose* epica das grandezas magestaticas, pretendiam sustentar o alto ideal d'uma elegancia que não comprehendiam, á maneira d'aquelle fidalgo italiano que se batia pelo Dante que nunca lera, quando, pelo tanto, se compenetrou que estava desempenhando o papel ambiguo d'aquelle personagem de Piron:

Il n'y fait rien, et nuit à qui veut faire

julgou chegado o momento opportuno de partir, e, sem remordimento, partiu para não mais voltar.

Aos 22 de novembro de 1884, com noventa annos feitos, morria na sua casa da travessa da Amoreira, a S. Francisco de Paula.

Na leiva indifferente do cemiterio dos Prazeres, o avô dos janotas não terá, talvez, uma arregaçada de violetas depostas por mãos amigas, mas só os raios prateados do luar, joeirados pelas franças dos cypreste, que a virão beijar amoravelmente nas noites serenas...

VIII

A Zamacois

A Zamacois! Quando em 1866 veiu a Lisboa, pela primeira vez, que enthusiasmo, que loucura não produziu...

Ainda havia uns restos d'aquella tradicção bellicosa de S. Carlos, quando eram moda as batalhas theatraes, os combates da paixão, e se citavam como chefes ousados, o Niza applaudindo a Olivier, o D. Alvaro a Schira, com aquellas palmas formidaveis que só elle sabia dar, o Augusto Talone a dançarina Bussola, cujos pés *eruditos* demonstravam a inutilidade da palavra, o Polycarpo Machado a Polletti, o Antonio Schwalbach a cantora Marietta Arrigotti, que diziam filha do rei Fernando VII, e tinha um respeitavel nariz de familia tão digno de ser cantado por Bocage como o da estanqueira do Loreto.

A Zamacois foi considerada a musa da *zarzuela* com habitaculo no Olympo do circo de Price. Era todas as noites um delirio, onde não faltavam os chapéos e os lenços no ar, quando ella cantava a canção da *Juanita*, o *Nadie se muere hasta que Dios quiere* e as *peteneras* entresachadas dos *Ai Jesu!* suspirosos.

No mez de maio representou em S. Carlos, entre outras, as zarzuelas: *Jugar con fuego*, *En las hastas del toro* e *Las Amazonas del Tormes*.

Para nada lhe faltar, teve a consagração das cavacas e dos charutos, que tomaram ó seu nome.

Julio Machado entrava uma noite no circo, quando o porteiro o avisou de que a Zamacois lhe queria fallar.

Chegando ao camarim, ella disse-lhe apressadamente: *Mañana un bautisão... Caes Sodré... médio dia... No falte usted... Adios! me voy...*

No dia seguinte lá estava no caes o bom do Julio Machado, vestindo a casaca solemne por baixo do *sobretudo*. D'ahi a pouco chega a Zamacois acompanhada por tres cavalheiros.

— *Al otro lado del rio!* exclama ella.

— E a creança onde está? perguntava o Julio.

— *No és un niño*, retrucou a Zamacois, *és un bote!*

Era realmente um bote, que ia ser baptisado com o nome d'ella![1]

Quantas paixões não despertou... nos gabinetes reservados, quantos desvarios não se praticaram então por causa d'essa mulher, em que, segundo affirmavam, tudo era elegante e suggestivo desde os cabellos sumptuosos ate aos calcanhares. . Lisboa cahiu ajoelhada a seus pés, e offereceu lhe em taça de perolas a ambrosia dos deuses... do Chiado.

Egual *aura populi* só obteve depois a cantora franceza Margarida Preziosi, que tambem fez andar a cabeça á roda a meia cidade.

Zamacois fórma ao lado das cantoras hespanholas que, em Lisboa, foram mais festejadas: a Maldonado, a Moriones, a Pocovi, a Dolores Cortez, a Angela Nadal.

[1] Folhetim de J. C. Machado, *Diario de Noticias*, 1878.

Castelar, fallando um dia no parlamento entre Olozaga e Echegaray, começou o seu discurso dizendo: — «Cabe-me a palavra entre uma saudade e uma esperança...» Na mesma situação se encontrou a Baixa quando a Zamacois aqui voltou em 1878. A que tornava era a *saudade*, a d'outr'ora era a *esperança*. Zamacois vinha com mais treze annos, mais seriedade e muito menos voz, motivos pelos quaes não ponde ser comprehendida pela *Casa Havaneza*...

Tem o agri-doce da saudade relembrar o passado, que nos apparece, em imaginação, arrastando o seu manto d'illusões desfeitas, e que accorda no espirito uma florescencia de visões radiosas. A' maneira que avançamos na vida vão-se as illusões desprendendo do coração como as folhas se desprendem das arvores ao vento frio do outomno. Oh Espronceda! como tinhas razão ao cantar em tua lyra de ouro:

Hojas del arbol cahidas
Juguetes del viento son.
Las illusiones perdidas
Ai! son hojas desprendidas
Del arbol del corazon.

IX

Dois jornalistas

José de Sousa Bandeira, o *Braz-Tizana*, foi d'essa notavel phalange de jornalistas portuenses, a que pertenceram: Sebastião d'Almeida e Brito, distincto tribuno forense, e membro da Junta do Porto; o espirituosissimo Evaristo Basto, Nogueira Soares, Damazio, Parada Leitão, Lobo Gavião, Custodio José Vieira, do *Echo Popular*, Camillo Castello Branco, do *Portuense*, Araujo Taveira e Ricardo Guimarães, cuja palestra scentelhante era a encantação da sociedade *fashionable* que confluia á *Assembléa Portuense*, e dos frequentadores da livraria Moré e do café Aguia d'Ouro, na qual se entrechocavam os gomis acogulados do espumoso licôr da pura graça, e corriam aposta os ditos espelhantes como punhaes venezianos com lamina de crystal, que, se por vezes quebrava nas feridas, nem por isso se deixava d'amirar a primorosa cinzeladura do cabo.

Bandeira começou a jornalisar aos trinta e sete annos, em 1826, redigindo o *Azemel*, de Guimarães.

Partidario fervoroso das idéas liberaes, acceitou de bom animo a sua defesa, e poz, com generoso esforço, peito a combater ardentemente o governo absolutista,

á hora em que essa instituição decrepita semelhava já assistir, ainda viva, aos proprios funeraes, como Carlos V assistiu aos seus.

Teve porém, mau grado seu, de curvar a cerviz ante as partasanas aggressivas dos archeiros do cezarismo. Preso primeiro na cadeia da Relação do Porto, foi d'ahi transferido para a torre de S. Julião, chegando a dar as voltas á roda da forca, quando, em 24 de julho de 1833, a Liberdade entoava o hossana festival, e apeava do solio o poder obnoxio que tinha na espada a representação concreta dos direitos populares. Pouco depois, em 1835, era redactor principal do *Artilheiro*, e, mais tarde, escrivão da Relação do Porto.

Dotado de vocação litteraria, a par da jornalistica, tambem por vezes cavalgou o Pegaso. Escreveu o *Sino das duas horas*, comedia em cinco actos, e uma tragedia em cinco actos, em verso, que se representou no Porto em 1839.[1]

Em 1837 fundou o *Periodico dos Pobres*, do Porto, onde elle escrevia as suas cartas, publicadas em folhetim e assignadas com o pseudonymo de *Braz-Tizana*, jornal que fundou em 1851, e eram encabeçadas com o titulo: «Cartas de Braz Tizana, boticario em Lisboa, ao barbeiro,» fechando com a seguinte formula: «Saude, patacos e fraternidade. Sou, em nome da Nação e da Rainha, Seu Amigo *Le citoyen* Braz-Tizana »

D'esta folha eram redactores, além d'elle, Arnaldo Gama, o romancista, e Guerra Leal; e correspondente em Lisboa o sr. J. Lopes Carreira de Mello, director do collegio de Nossa Senhora da Conceição.

Este periodico adquiriu uma enorme popularidade, não só no Porto e norte do paiz, mas na capital, onde era recebido e lido com alvoroço em todos os cafés, desde a *Casa da Neve* no Terreiro do Paço, e do Mar-

[1] *Dicionario Bibliographico*, de Innocencio F. da Silva.

cos Philippe no Pelourinho, até ao Marrare das Sete Portas e ao Gonzaga do Rocio, onde se reuniam os actores do Normal.

Chamavam então ao *foyer* d'este theatro — o caes do Sodré.

Um escriptor illustre disfarçava as maguas da ausencia, escrevendo aos artistas uma carta, de que as seguintes estrophes pintam bem o que era o *Caes do Sodré:*

Parece-me ainda assistir
A's nossas sessões famosas,
Onde se vão discutir
Cem materias espinhosas
E termina tudo a rir.

Quando o Tasso por maganno
Nos arruma quatro pêtas,
E o Vianna todo ufano
Mente mais que dez gazetas
Escrevendo todo um anno;

Quando o Sargedas zangado,
Questionando nas finanças
Vê, maldizendo o tablado,
Irem-se as suas esp'ranças
N'algum drama pateado;

Quando o Theodorico ensina
Certos contos as pequenas,
Quando o Epiphanio combina
A sorrir do palco as scenas,
Seismando em scena mais fina;

Quando o Felner surrateiro
Franze a bocca, alça o chapeu,
E, todo cumprimenteiro,
Inda os bons dias não deu
Disse um epigramma inteiro;

Quando o Rebello de pé
Defendendo conclusões,
Sócca o ventre, fuma e crê
Resolver altas questões
No nosso Caes do Sodré!

José de Sousa Bandeira casou tres vezes, e era um fumador verdadeiramente notavel, porque não passava um dia sem dar fim a trinta charutos. Como que se deleitava com as caricias longas e quentes do fumo do havano, ao traçar essas paginas da vida cantante, que fizeram d'elle um escriptor popularissimo n'aquella época. O publico sympathisou deveras com o Braz-Tizana, porque o publico assemelha-se á Martinha do *Medico á força*, adora o Sganarello que o toze. E a corrente veloz dos acontecimentos politicos tambem não pedia uma Ophelia que lhe atirasse flôres...

Velho já, sempre reportado em suas ambições e cercado de bons amigos, constantemente enlevado no sonho eterno e na idéa immortal, nunca se animou a abandonar a sereia que toda a vida o seduzira com o seu canto, e lhe colmara todos os desejos — o jornalismo. Assim passou, *à noble allure*, jovial combatente, entre o zangarrear dos invejosos e dos linguarudos. Se a vida lhe foi longa, mais longos ainda foram os trabalhos. Tudo é longo na vida... excepto a vida, escreveu Aurèlien Scholl.

Sua filha, D. Maria da Gloria Bandeira, auxiliava-o na tarefa de, todas as manhãs, escolher, rasgar ou queimar, as cartas e informações que recebia de procedencia varia: dando-lhe noticias, descompondo-o, aconselhando-o, felicitando-o, ou recommendando um concidadão aos carinhos da sua prosa.

Foi jornalista conceituoso, tendo intrepidez de penna, facilidade de concepção, sabendo apresentar os homens e as coisas com a nitidez d'um *cliché* instantaneo, e applicando, com admiravel technismo, o microscopio ao exame das bacterias da politica sua contemporanea.

Não o ornava, é certo, nenhum dos dotes dos mais graduados jornalistas da época.

Seu estylo não tinha o brilhantismo do de Rebello da Silva, puro e sonoro como crystal de rocha, ondeado e scintillante como um vestido de *moirée* lilaz; a sua prosa não se assemelhava á prosa duellistica de Sam-

paio, tersa, energica, como um rasgo tribunicio de Mirabeau. Era um estylo cheio de ledices como uma garrida tricana de Aveiro, temperado, em sabia dosagem, pela ironia, que varava a tolice humana como uma flecha. Tinha o riso dicaz dos olympicos, gargalhando, ebrios de nectar, sobre seus thronos de pedrarias. Mas esse finissimo espirito gaulez, ferindo apenas *à fleur d'épiderme*, era-lhe completamente desconhecido.

N'aquella epocha e n'aquelle meio, exigir tal, seria o mesmo que pedir a Aristophanes a fineza de baixar dos Elyseos a esta bola volteante, e escrever uma revista do anno para chancear do Rodrigo da Fonseca, ou impetrar das tarascas Musas a amabilidade de descerem dos *boudoirs* divinos, e, sofraldando as tunicas com o desembaraço gymnastico da Rigolboche, virem lançar-se nos turbilhões endiabrados d'uma quadrilha no baile da Guia.

*

* *

Francisco Xavier Pereira da Silva, o Xavier *dos Touros*, ou o Xavier *dos Cartazes*, foi em sua mocidade empregado no Tribunal da Mesa do Desembargo do Paço.

Aos trinta e cinco annos, em 1833, sahiu d'ahi em virtude dos acontecimentos politicos d'aquella epocha. Começou então a sua vida de jornalista um pouco *à la diable*. Fundou em 1837 o *Ramalhete*, no qual collaborava seu irmão João, folha que se publicou de 23 de novembro d'aquelle anno a 15 de junho de 1844.

Em 1841 creava uma outra gazeta intitulada *Os Serões Romanticos*.

Escreveu varios entremezes, dois dos quaes fizeram epocha: *O Morgado da Ventosa* e a *Velhice Namorada*, com musica do Miró, peça em que o Taborda usou sempre ao pescoço um lenço de risquinhas encarnadas, primeiro presente que Paulo Midosi lhe fez. D'esse

lenço do grande actor se fallou em Lisboa, como em França foram falladas as gravatas de Lafont e as gollas de Frédéric Lemaitre. Ainda escreveu *Um arrayal em Loures*, comedia representada em D. Maria II, e traduziu o *Casal das Giestas*, peça soporifera.

Depois abandonou o jornal, e limitava-se a cultivar a *litteratura* dos cartazes. Até á sua morte, quasi cacochymo, em 1866, [1] teve o exclusivo dos cartazes dos touros, e foi isso que o celebrisou. Tambem os confeccionou para os theatros, mas os dos touros foram sempre aquelles que lhe mereceram mais desvelos. Para elles compunha umas quadras, com tal sainete comico, que se tornaram o gaudio da janotâria toureira dos tempos famosos do Vimioso, Cazuza, Bettencourt, Sedvem, morgado Cabral, Roberto Schiappa, D. Bernardo, Luiz Forjaz, todos esses valentes que tinham a coragem como a primeira virtude do coração, e que considerariam attentatorio da dignidade humana o raconto d'aquelle atarantado personagem do *Pepe Hillo:*

El toro haciendome el bú
Bramaba, rezando yo...
Santa Maria! Móoo...
Santa Dei genitrix!... Múu...

Quando, em 1860, o marquez de Niza propoz na camara dos pares a suppressão das touradas, o que levantou escarceu na imprensa, Xavier mimoseou-o logo com quadras allusivas no cartaz:

Se ás vezes algum pretende mostrar-se
Ao mesmo adverso, não dá a razão.
E só por excentrico procura inculcar-se,
Não diz o que sente no seu coração.

Xavier foi um dos mais illustres membros d'essa longa serie de fabricadores de cartazes impressos, que,

---

[1] *Os Excentricos do meu tempo.* L. A. Palmeirim.

desde o seculo XVI, se teem succedido, e cujos mais velhos representantes se vão encontrar na antiguidade romana, na qual, como se descobriu em Pompeia, se annunciavam os jogos da arena e o theatro por meio de cartazes apresentando as scenas mais commoventes (o mesmo que ainda hoje fazem os nossos theatros de genero e os coliseus), ou por meio de cartazes graphicos, escriptos a pincel, com tinta vermelha, nas paredes dos sitios mais frequentados.

X

O "cavalheiro,, da Gama Machado

Entre os excentricos portuguezes occupava o primeiro logar o *cavalheiro* da Gama Machado. Não realçando pelo emphatismo parisineo como Jeronymo Condeixa — a *coqueluche* das guapas —, não se tornando notavel pelas dissipações de *viveur*, como Paiva d'Araujo — que, á maneira do Beltram del Bornio no Inferno do Dante, parecia trazer a cabeça nas mãos em vez de a trazer entre os hombros —, não fazendo relevo pela distincção paradoxal, pela fria polidez diplomatica, como o visconde de Paiva, que chegou a ser socio do barão de Haussmann, o transformador de Paris e o descobridor do talento de Rochefort.—o perfil luzitanico de Gama Machado foi, ainda assim, o mais saliente dos perfis portuguezes na galeria dos conhecidos do *Tout-Paris*.

Tão pouco foi, como os outros, um feminista, um adorador das que figuram nos quadros bellicos de Cythera; nunca se encaprichou a delapidar a fortuna, só para ir estancar a sêde d'amor no calice rosa d'uma bocca attrahente, ou para ver desabrochar sonoras flô-

res nos labios em que vive a mocidade e morre o desejo...

Era um excentrico de primeira ordem, não, porém, á maneira de Manuel Brown, o quintessenciado janota portuense, que expirou victimado pelo delirio alcoolico, praticando loucuras inconcebiveis; nem como Brummel que acabou doido e pobre aos 72 annos, mandando descerrar as portas de casa para offerecer bailes imaginarios á nobreza britannica, accender os lustres, que não passavam de modestos candeeiros de azeite, e abrir as mezas do *whist* para jogadores que nunca appareciam.

O traço dominativo do exotismo de Gama Machado foi o calidissimo enthusiasmo com que se dedicou á phrenologia e á ornithologia, sobretudo a esta, que cultivou com uma inquieta curiosidade zoologica. Das apparentes antinomias do seu espirito resaltam a excentricidade e a bondade, equilibrando-se como pratos d'uma balança.

Debalde procurariam nos seus apartamentos de *clubman* os retoques pretenciosos d'um luxo alto e grave: os muros forrados de sedas, as laminas polidas dos espelhos venezianos refulgindo com a luz dos lustres, que desabrochassem no tecto como luxuriantes florescencias de crystal; os lambrequins ornamentaes, o apainelamento das panoplias carrancudas e aggressivas, os tapetes espessos e brandos como almadraques arabes, as cadeiras de setim por cujas espaldas marinhassem, á americana, pernas atticas de *lorettes* e pernas lineares de *leões*, as poltronas e canapés, largos, baixos e fôfos, estendendo amistosamente os braços e como que convidando aos extases mudos do amor...

Não o encontrariam, a miude, nas ceias *champagnisadas*, nem nos theatros consagrados ao anacreontismo, admirando a Léontine Fay, a Jenny Vertpré, a graça hermaphrodita da Déjazet; nem ainda nos thea-

tros da *grande arte*, admirando a Rachel, essa tragica eminente que sabia arrancar ao teclado da alma humana as suas notas mais *emocionantes*, ou a Mademoiselle Georges, corpo androgyno que tomára da mulher as extremidades delicadas, e do homem o torso d'athleta, apto para carnalisar as personagens extra-humanas do mundo phantastico da tragedia, que a linha flammejante da ribalta separa do mundo real. Não o veriam, com frequencia, curvando-se em contumelias nos salões em que *traines* sussurrantes se abrem em leque, e ligeiros pésitos escondidos em ninhos de setim rodopiam nas danças.

Ninguem vá suppor, porém, que o cavalheiro da Gama Machado era um misogyno. Ninguem vá suppôr, egualmente, que era um estudioso entrincheirado no immobilismo acido do erudito *spleenatico*.

Soube sempre conciliar os prazeres do mundano com os do lettrado.

Amador do sportismo hippico, Gama Machado foi um dos quatorze socios fundadores do Jockey-Club de Paris, junctamente com o principe de Moskowa, os duques d'Orleans e de Nemours, o conde Demidoff, Lord Henry Seymour, Charles Laffite, o conde de Cambis, Maximo Caccia, Delamarre, Fasquel, Ernest Leroy, de Normandie, que religiosamente observavam o velho proloquio: — Paris é o inferno dos cavallos e o paraizo das mulheres—, e que se devotavam á dura tarefa de converter os primeiros em exemplares osteologicos, e as segundas... em animaes de luxo.

José Joaquim da Gama Machado nascera em Lisboa na freguezia de S. Paulo em 1776, e fôra para Paris, quando apenas contava oito annos d'edade, sendo internado no collegio Harcourt, dirigido pelo abbade Coesnon, o mesmo a quem, posteriormente, foi confiada a educação dos filhos de Toussaint-Louver-

ture. Era primo do fallecido visconde de Benagazil.

Viajou muitissimo até que fixou residencia em Paris, onde sempre viveu, conquistou notoriedade pelas suas extravagancias de vida, pelos estudos a que se entregou, e pelos trabalhos que publicou, os quaes lhe grangearam o diploma de socio da Academia das Sciencias de Lisboa, e d'outras sociedades scientificas, o titulo de conselheiro da legação portugueza em Paris, e a commenda de Christo. Dotado de poderosa originalidade, Champfleury começou por elle o seu livro *Les Excentriques*, prestando, comtudo, a devida homenagem aos seus incontestaveis méritos. Francisque Michel, no seu trabalho *Les Portugais en France et les Français en Portugal*, tambem se occupa de Gama Machado, cujas investigações de naturalista tiveram em França um predecessor portuguez, José Joaquim Soares de Barros, que, após larga residencia n'esse paiz, se dedicou a estudos astronomicos, e depois á estatistica.

Mas a originalidade de Gama Machado é exactamente o predicamento, que mais concita a attenção.

Entrega-se, com amor, ao estudo da historia natural, reune uma admiravel collecção d'aves e d'animaes de varias especies, cujos habitos e inclinações observa com todo o cuidado de naturalista, junta uma collecção de craneos para estudar a *cranioscopia* de Gall, ou a *phrenologia* como lhe chamou Spurzheim, publica a sua *Theoria das Parecenças*, cuja primeira parte sahiu em 1831, a segunda em 1836, a terceira em 1844 e a quarta em 1858.

A obra, não menos original do que o auctor, tinha bellas gravuras coloridas, e vendia se em Paris nas livrarias de Treutel et Wurtz, rua de Lille, n.º 10, e de Delaynan, no Palais-Royal. [1]

[1] Existe um exemplar d'esta obra na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Ahi por 1830 e tantos, enceta as suas reuniões dominicaes á noite.

No seu gabinete de trabalho, onde as serpentinas banhavam com macia luz os diccionarios e os retratos que forravam as paredes, recebia elle os seus amigos d'esse tempo, graves, ponderativos, trajando á Gavarni ou á Balzac: gravata azul e collarinho alto, calças *collantes* ás pregas e com presilhas, o fraque á Restauração com golla de velludo e botões d'oiro, os cabellos frisados a ferro, e o respeitavel chapeu alto.

N'aquellas reuniões conversava-se, principalmente, d'assumptos anthropologicos, litterarios e philologicos. Apezar do seu caracter susceptivel como uma aza de borboleta adormecida que o menor sopro agita, a tolerancia de Gama Machado corria parelhas com a sua urbanidade. Era o que os francezes chamam *un homme charmant et comm'il faut*. Antes que se servisse um precioso chá acompanhado de *brioches*, *babás*, ou dos ligeiros *crescentini*, então muito usados, e por cima do chá um crystallino Xerez, Malaga ou Madeira, o amavel Gama Machado costumava dizer: *Messieurs, la société des dictionaires va commencer*. Os seus aposentos — uma *bonbonnière* tepida — davam para o Louvre, lado do Norte, mas sempre tão bem aquecidos por caloriferos, que, no inverno, reinava ahi uma temperatura permanente de 14 a 15 graus, quando na rua, envidraçada de neve, havia 10 a 12 graus abaixo de 0, que obrigavam a tiritar os burguezes nas suas *fourrures*.

Egual temperatura existia nas salas, em que viviam innumeros passarinhos, alguns tão graciosos que soltavam seus cantos quando ouviam as parlendas dos *academicos*, outros tão domesticados que vinham debicar nos bolos e nas migalhas da meza.

A casa de Gama Machado era frequentadissima pelos missionarios e bispos da China, de quem gostava

d'escutar as interessantes narrativas, e que o presenteavam com optimo chá, ricos tapetes, os velludos de lã de Chen-si, os xarões espelhantes de Nankin, os cofres em laca vermelha e em madeira de camphora de Ningpo, as faianças japonezas, as chinezerias d'*étagère*, toda a pueril missanga dos artefactos mongolicos. Tambem lá iam, frequentemente, algumas irmãs de caridade, no numero das quaes se via a sobrinha da duqueza de Duras — senhora riquissima e que teve um dos mais bellos salões da Restauração — a qual apenas tinha como herdeira essa sobrinha, que preferiu ser filha da caridade no hospital de *Val de Grâce*, a fazer um bello casamento com um fidalgo francez. Machado visitava-a, a miude, no hospital, e dava-lhe largas esmolas para os pobres.

Em sua obra, fructo de grande leitura e de aturados trabalhos, deixou as mais evidentes provas da singularidade de suas opiniões, contrastando com a dureza, que, por vezes, manifestava para com o mundo. Como fervoroso discipulo de Gall negava o livre-arbitrio nos homens e nos animaes; mas, apesar de se mostrar materialista e fatalista, era extremamente tolerante. A sua obra, não obstante a excentricidade, deu-lhe um certo renome em França.

Todos os animaes de que tratava almoçavam com elle, e, na sua obra, referia-se especialmente a um estorninho velhissimo que fazia parte da sua familia. Conta que tinha as pernas e os pés inchados, e que padecia de rheumatismo gottoso, molestia dos velhos, e de que tanto pódem padecer os homens como os animaes, porque as parecenças, conforme a sua theoria, existem até nas molestias que affligem a humanidade e os irracionaes. Tratava a sua ave com banhos aromatisados, magnetisando-a primeiro para a conservar quieta no banho.

O seu querido estorninho merece-lhe uma referencia muito carinhosa: «O meu estorninho, diz elle, conversa como qualquer pessoa; quando entro em casa

sou obrigado a entreter-me com elle por alguns instantes, aliás não me deixa descançado. Fala com tanta clareza como o papagaio, canta e assobia tão bem como o rouxinol, conhece os costumes da casa, e, a qualquer hora da noite, quando a senhora o chama, responde-lhe com um canto particular; é a mais alegre de todas as aves, e, ao mesmo tempo, falador e grande cantor. Sustentei-o, durante muitos annos, sem lhe dar carne; hoje, que está debilitado pela edade, dou-lhe do pastel do meu rouxinol (coração de vacca e farinha de grão).»

Quando andava em viagem levava um periquito seu predilecto. Na diligencia, na carruagem do caminho de ferro, ou no vapor, o periquito não deixou um unico dia de pedir o almoço, dando um grito sempre á mesma hora com uma precisão mathematica, como se fôra um chronometro. Gama Machado seria um espirito extravagante, mas era tambem um bom coração. Luiz Veuillot escreveu algures que a grande difficuldade n'este seculo é de ser serio. Pois elle conseguiu salvar essa difficuldade, e ser respeitadissimo em Paris.

Machado offereceu a sua obra ao patriarcha de Lisboa, fr. Francisco de S. Luiz, que lhe merecia particular consideração, e de quem elle conservava o retrato no gabinete, offerta que foi acompanhada da seguinte epigraphe: *En dehors de l'intelligence routinière, le génie, chez l'homme, ne trouve pour récompense que les injuries, la persécution, le cachot, et la mort.*

Gama Machado appareceu morto na cama na manhã de 9 de Junho de 1861. Contava oitenta e seis annos d'edade. [1]

O seu testamento era curiosissimo, como não podia deixar de ser, pertencendo elle a um excentrico d'alto jaez. Dispoz que o enterrassem ás 3 horas da tarde,

---

[1] *Jornal do Commercio*. 1861.

hora a que os corvos do Louvre vêm comer; que o mettessem no caixão que estava na sala de jantar, o qual tinha dentro uma mortalha; que no caixão collocassem com elle um volume das obras de Lucrecio, o seu auctor preferido, e um pequenino mausoleo com passaros mortos havia annos, e que estava egualmente na sala de jantar; que o caixão fosse levado ao *Père La Chaise* na tumba dos pobres, cujo desenho tambem se encontrava na sala de jantar, e que, atraz da tumba, fossem os seus cavallos *que tantas vezes sustentou no Bosque de Bolonha*, seis coches d'estado, vinte meninos da eschola christã, e vinte das escholas de S. Nicolau, e que a cada creança se dessem vinte francos. Não quiz armação na egreja, nem que se dirigisse convite a pessoa alguma. Gama Machado possuia no *Père La Chaise* um tumulo, que deu logar a largo pleito com a municipalidade, porque elle teimava em collocar alli, em vez dos emblemas usuaes, um menino sahindo d'um ovo!

O seu perfil celebrisou-se no Paris orleanista e imperialista, n'esse meio em que ainda se julgariam redivivas as tradições almiscaradas da Regencia, na qual, para se ser matriculado elegante, urgia haver enriquecido um *rat musqué* da Opera, applicado uma estocada d'espadachim, arruinado um uzurario, ou commettido uma extravagancia audaz.

Não foi um casquilho preguiçoso, um peralta sedentario, vendo perder o seu tempo, esteril e fugitivo.

Quiz deixar alguma coisa que attestasse ao futuro a sua illustração a par da sua excentricidade. E a *Theoria das Parecenças* foi o seu *Exegi monumentum*.

XI

O Barão de Catanea

Um grande amigo e protector da pretalhada que inçava Lisboa era o barão de Catanea, D. José Bonetti (*Gazeta*, 1829), que, da sua residencia ás Janellas Verdes, n.º 50, fizera senzala e mocambo para as carapinhas catingueiras. Este excentrico já estava em Lisboa em 1822, como se vê do annuncio inserto no *Astro da Luzitania* de 21 de Fevereiro, em que offerece os serviços na sua residencia, então na rua do Cura, a Santos-o-Velho, n.º 22, 2.º andar. O annuncio dava-lhe o nome de barão da Castanha (textual).

O sr. Feliciano Alves d'Azevedo, proprietario da pharmacia Azevedo, affirmava que o barão de Catanea tinha vindo para Lisboa como rabequista de S. Carlos. Um aviso do conde de Basto, datado do Paço de Queluz aos 27 de junho de 1830, e enviado ao barão de Sande, dizia que o Catanea era formado em medicina e cirurgia na cidade de Messina, na Sicilia, e que, attendendo ás numerosas curas que havia feito, como provava, El-Rei auctorisava-o a exercer essas curas, da mesma fórma que praticava no tempo de seu augusto pae, D. João VI. (1)

(1) *Avisos e Portarias*. Maço 68.

A *Gazeta* de 1832 publica dois annuncios d'agradecimento ao barão de Catanea, D. José, pelas curas que fizera; e a de 1833 insere um outro do mesmo barão, indicando um especifico que sanava a molestia epidemica.

A's vezes appareciam cartazes mandados pôr pelo barão de Catanea. Contaram-nos que, n'uma esquina da Pampulha, appareceu um, encimado por uma grosseirissima gravura, que representava uma mulher moribunda, deitada na cama, e o barão de Catanea, em pé, tendo uma pistola apontada para a Morte, que vinha entrando. Por baixo havia o seguinte distico: — «Barão de Catanea mata a Morte e dá vida á mulher.» Os annuncios do charlatão obrigaram a mexer as auctoridades; e o Intendente de Policia enviou um dos annuncios affixados nas ruas ao conde de Basto, o qual ordenou que, ácerca do referido, se consultassem o physico-mór, barão de Sande, e o cirurgião-mór, Antonio Joaquim Farto. [1]

O *Nacional* de 27 de junho de 1838 ainda traz um annuncio, mediante o qual o barão de Catanea se offerecia para curar e vestir os inglezes pobres «porque acompanhára o pae da rainha d'Inglaterra, e para que o Omnipotente désse paz e união entre todos os portuguezes.»

Este é que era bem um typo das ruas de Lisboa.

Aos balcões da casa do barão, ás Janellas Verdes, assomavam carantonhas côr de tinta de escrever, olhos roliços como bolas de loto, bocaças de carranca com belfos grosseirões, pondo em exposição dentes alvos como um teclado de piano... sem os sustenidos.

Especimens da venustade preta que levariam a scismar em folias creoulas de moleques moquencos á sombra fresca dos coqueiros, em graciosidades faceiras de mestiças cheias de quindins, em lunduns de cabôclo

---

[1] *Int. Coll. vinda do Min. do Reino*, L.° VI, pgs. 219.

muito regamboleados, em pipocas cariocas muito repenicadas de cafunés, em farandulas de capangas trouxas, em sapateados patifes de cafusas, em rêdes de sinhá roceira suspensas nas mangueiras das chacaras e balouçadas por mãos macias de mocambas, em modinhas d'um pico brazileiro, muito dengues...

N'um pateo interior da casa de moradia, o barão de Catanea mantinha grande numero de papagaios e de macacos, que, segundo contavam as más linguas, elle ia vender ao *José da Barca*, da praia de Santos. Quem penetrasse no cadoz do excentrico curandeiro teria de levar a mão ao nariz, tal devia ser o nauseabundo olôr a catinga, esse olôr particular ao negro.

Citavam-se curas milagrosas do charlatão, apontava-se a dedo o apocalyptico rocim em que chouteava, um *misero cavallo lazarento* que, mercê das tizanas e beberagens, elle conseguira revigorar, tornando-o n'uma grua apresentavel. Sua attitude acurvada, a barba escanhoada a dar-lhe uma cara lisa d'ephebo, a casaca preta, o sombreiro de copa alta, o gigantesco guarda-sol entalado debaixo do braço, o ar meditativo de quem reflexiona, de quem rumina, de quem se recolhe em si-mesmo como um tubo de telescopio, tudo o impunha á perquisitiva curiosidade, á pasmaceira do indigena basbaque, que sempre teve um fraco pela charlatanice *bien-mise*, videira, rabiga.

Viveu, fartou-se de medicar, quem sabe lá quantos faria abalar para o dominio das toupeiras, mas a auctoridade é que não interveiu, fechou-se á banda como ouriço cacheiro.

Morto o barão de Catanea — sem ser de morte macaca — desappareceu um dos typos mais curiosos da Lisboa antiga, uma das figuras esquipaticas frechadas pela mangação popular, pela chacota acintosa dos muchachos, como eram o José *das Caixinhas*, as manas *Acerta o passo* (predecessoras das *Perliquitetes*), o *Escalado*, o morgado das Cebollas, o côxo do Terreiro do Paço (um tratante, um receptador de roubos), o

Francisco dá cá..., o Paixão fiel de feitos, e o Roberto *Pim-Pim*, um pobre diabo em que todos malhavam como em centeio verde, um lunatico de quem o Taborda cantava na scena comica :

Nem pistolas, nem pedradas
Nem espadas com telim,
Nem caretes mettem medo
Ao grão Roberto Pim-Pim.

XII

O actor Santos

Ali está um cuja vocação se manifestou desde a meninice com uma força irresistivel — José Carlos dos Santos. Seu pae, como outros de seus parentes, tivera loja de mercador, mas Santos não quiz seguir a carreira commercial, porque sentia dentro em si o enthusiasmo sagrado pelas coisas do theatro. A vida sedentaria não se compadecia com o seu temperamento de inquieto. Emprehendeu a ardua tarefa do *b a ba* no collegio de Santo Agostinho estabelecido no predio que faz esquina para a rua da Bitesga e para a dos Fanqueiros, com accesso pela escada onde esteve o homem da cal, e agora está um esparteiro.

O velho actor Matta, que tinha loja de sapateiro n'uma travessa da Baixa, e que fornecia calçado para a familia do Santos, censurava-o asperamente pelo seu desejo em seguir a arte dramatica. Mas o rapazote, de sangue na guelra, recebia o conselho com o ar constrangido d'um consulente em casa do seu dentista.

Sahido das Merceeiras principiou então a dar-se com uma escolhida roda de rapaziada: os Silveiras da Motta, Julio Machado, Luiz d'Araujo, José Esteves Costa,

alcunhado do *Petit janota* (sobrinho do barão das Picôas, que foi director do Banco de Portugal e senhor d'importante fortuna), Antonio Augusto d'Aguiar, Pedro Maria da Silva Costa, filho d'um official de marinha, José Augusto da Gama, filho do mercador Faustino da Gama com loja na rua do Ouro no predio chamado do convento dos frades do Espirito Santo (hoje Montepio Geral e Armazem Grandella). [1]

A primeira vez que Santos pisou um palco foi em casa do dr. Silveira da Motta, que então morava no predio que faz esquina para a travessa nova de S. Domingos e para a rua do Amparo. Ahi representou n'um drama, que o proprio *debutante* penejára em siglas impenetraveis como os caracteres demoticos. Depois proseguiu em theatros d'amadores, o ultimo dos quaes foi o do Aljube, então sob a directoria do padre Lopes Carreira, irmão dos Carreiras retrozeiros.

O *menino prodigio* dava azo a que lhe applicassem a exclamação da marqueza de Noailles nas *Premières armes de Richelieu:* Já não ha creanças!

Apezar de tudo, a sua declamação deixava muito a desejar. Era pomposa, emphatica, por ser esse o genero cultivado nos theatros de curiosos.

Santos estudou, leu muito e aprendeu o francez. A familia deixava-o emfim seguir o genero de vida, que livremente elegera. Francisco Gomes d'Amorim, seu desvelado protector, ainda tentou alistal-o no, já então numeroso, exercito dos empregados publicos, mas elle odiava, com todas as veras d'alma, não só *o vulgar profano*, mas tambem a manga d'alpaca.

Davam-se, por esse tempo, em D. Maria as peças de grande espectaculo: *O Templo de Salomão*, *O Alcaide de Faro*, *A Prophecia;* chegavam as companhias francezas para o theatro D. Fernando: o Dargis notavel no *Marquez de La Seiglière*, o chistoso Thiébault, a linda

[1] *Diario de Noticias*. 1886.

Paulina Chevalier, Mademoiselle Lobry, a *ingenua* seductora. Amorim apresentou Santos ao Garrett, e pediu ao Epiphanio para o admittir como discipulo em D. Maria, onde entrou ganhando sete vintens diarios, e... uma vella de cêbo. Diderot, se o vira, diria logo que *quelque chose lui battait sous la mamelle gauche*. Garrett, mirando o apresentado, disse-lhe sem ambages: — «Parece-me que o pupillo tem muito sangue na guelra, e que ha de fazer a barba ao mestre! A pinta é boa!»

O poeta formulava assim opinião com aquella franqueza rude, que era caracter typico da epoca.

Gomes de Amorim, que puzera ao Santos a alcunha de *Pitorra*, alcunha que ficou, escreveu um drama, *Ghigi*, propositadamente para estreia do seu protegido. Na noite de 31 de maio de 1851 estreiavam-se em D. Maria II um como auctor dramatico, e outro como actor.

Depois do *Ghigi* — que salto! — debitava as nugacidades d'um papel de diabo na peça espectaculosa *A Fada do Fritz*.

Santos *Pitorra*, quando rapaz, dizia muitas vezes a Julio Machado «que o seu ideal era uma casaca azul de botões amarellos, n'um papel de rapaz corajoso, intelligente e elegante.» Passados annos, n'uma peça que escreveu para o theatro D. Fernando, Santos concedeu-se uma casaca azul. Do D. Maria foi para o theatro D. Fernando, que estava no predio agora occupado pelo hotel Pelicano, no largo de Santa Justa.

Quando no Gymnasio faltou o Vasco, que foi, talvez, o primeiro *diseur* que tivemos — na ordem chronologica — Santos veiu preencher a falta. N'esse theatrito, onde esteve alguns annos, revelou melhor as suas faculdades artisticas. Os criticos mais precatados e abstemios nos dithyrambos dramaticos libavam ao novel actor. N'elle se conservava quando, em 1863, foi pela primeira vez a França, a expensas d'el-rei D. Luiz.

N'essa viagem acompanhou-o Tasso, o grande comediante, do qual se affirmava, que, ninguem, como elle, vestia uma casaca. Julio Machado recommendara-lhes vivamente que fossem ver o grande palhaço Deburreau.

Santos sacrificou uma estampilha ao seu enthusiasmo, e dizia em carta que, em realidade, fôra elle o maior artista que por lá vira. [1]

Com a creação do Principe Real, Santos associou-se a Antonio Gonçalves Pinto Basto, e tomou a empreza, sob a qual se deram pela primeira vez em Lisboa as operettas: *Gran-Duqueza*, *A Ponte dos Suspiros*, e a *Flor de Chá*.

A empreza viu coroados os seus esforços, porque se succediam as casas *á cunha*, como se diz no jargão de bastidores.

Depois tomou a do D. Maria junto com José Joaquim Pinto, actual emprezario do Gymnasio, e, havendo-a largado em 1877, foram ambos para o Gymnasio unir-se com a do Polla & C.ª, que a conservava desde 1875.

Santos empregou sempre o grande estylo na primeira e na mais bella das bellas artes, que, no juizo do Garrett, é a *toilette*.

Costumam citar muito a *redingote grise* de Bonaparte, os punhos de renda de Buffon, as gravatas de Sir Georges Brummel, o guarda-chuva de Luiz Philippe. Pois deviam citar tambem o monumental chapeu do Santos, que punha uma nota aguda na gamma da sua elegancia.

Actor de grande raça, os *fracs* dos personagens que encarnava talhou-os, com sciencia delicada, no mais fino estofo romantico.

Caloroso, apaixonado, enthusiasta, tinha a sensibili-

[1] Referido por Julio Cesar Machado n'um dos seus folhetins.

dade irritavel dos poetas, a magestade vigorosa dos grandes mestres do palco. Para elle — que rechaçava como impertinente a graça escurril, desabotoada — só existia a phrase de luva *gris-perle*, a alta espiritualisação artistica.

Lançando o dinheiro e a vida a todos os ventos do acaso, era prodigo como Kean, grande como Kemble ou Lekain, elegante como Lafont, fino e espirituoso como Grandval

Ao seu feitio d'estouvado, ao seu ar de romance, quadrava bem a prodigalidade, que já era apanagio d'esses que diriamos seus ancestraes, os *petits-maitres* da Fronda, que tiveram a gloria duplice de serem capitaneados pelo famoso Condé, e de receberem, á queima-roupa, os olhares de todo o grande armorial femineo, do damismo aristocratico, incluindo as archi-deliciosas M^mes^ de Longueville e de Chevreuse.

O seu typo era o d'um perfeito meridional: cabeça alta como a de quem sóbe a um assalto, olhos grandes, reluzentes como um setim vivo, sobrancelhas crespas, nariz ancho, tez bronzeada, voz sufficientemente poderosa para dar a nota explicativa das violentas crises psychologicas, dos grandes movimentos do coração.

Como o *Saint-Preux* do genebrez, sabia conquistar corações *à grands coups de phrase*, o que, afinal de contas, é segredo dos grandes *virtuosi*. Janota era-o de primeira agua, não, porém, na accepção que a palavra teve no seculo passado, porque *janota* vem de Janot, typo creado por um comediante do reinado de Luiz XVI, e convertido na representação do *esprit-bête* da patetice.

Perante esse requinte de sensibilidade, que se chama distincção, a curiosidade ironica embatucava, e alguns cavalheiros conspicuos murmuravam, com um ar ex-

hausto, que o Santos estava constantemente a representar... E um aroma *chic* de cosmopolitismo, os retoques caprichosos d'uma elegancia fina, eram para elle, em todas as conjuncturas, uma questão capital.

Dois mezes depois de se ter associado á empreza do Gymnasio, Santos perdia a luz dos olhos. Já cego, ainda foi ensaiador no theatro dos Recreios com a empreza de Emilia Adelaide.

Depois só de longe a longe o viram assomar á scena para recitação d'uma ou outra poesia: *A Caridade* e *As visões do actor*, de Pinheiro Chagas, *A bengala*, de Garrido, *O amanhecer*, de Thomaz Ribeiro... Ah! mas as grandes illuminações do triumpho no *Antony*, no *Pedro*, no Alberto de Magalhães da *Magdalena*, no *Marquez de Villemer*, na *Vida d'um rapaz pobre*, essas haviam desapparecido para sempre.

Entre o seu espirito e o agro aspecto das coisas punha, então, de permeio, uma macia nevoa azulada. Entrevia formosissimas chymeras a collear na fumaraça, que, do seu eterno charuto, subia lentamente em espiraes. Mas ai! agora, immerso nas sombras da cegueira, a alma forrada de negro, impossivel era despertar em seu coração os echos dormentes dos paraisos perdidos, revocar á vida as illusões amortalhadas no funebre sudario do desengano.

Não mais tornariam as noites festivas em que se sentia envolto n'uma nuvem de palmas, emquanto, nos camarotes, os corpetes das damas offegavam commovidos, e phreneticamente palpitavam os leques, d'onde voava, como um pó d'azas de borboleta, uma impalpabilidade d'iris e de *veloutine*.

O actor Santos conhecia, como poucos, a historia do theatro, e, como poucos tambem, tinha ácerca d'elle uma boa provisão d'idéas cortadas em angulos vivos.

O velho cabelleireiro Baron, quando lá ia offerecer-se-lhe algum official, deixava-o enumerar todos os seus

meritos, tecer o proprio louvor, contar todas as suas prendas artistico-capillares, e, depois de haver admirado a facundia do Figaro, tirava de dentro da gaveta uma velha escova, quasi sem barbas, e dizia seccamente : — Ponha papelotes n'isso ! — Se o official pestanejava, hesitava em pôr os papelotes nas comidas barbas da escova, o Baron regeitava-o por incompetente. Santos é que jámais hesitou em pôr os papelotes dramaticos nos personagens de que se fazia cargo — por mais senis, por mais abstrusos que fossem — identificando-se com elles, dando lhes, á expressão e á palavra, a exacção photographica e a flagrante justeza stenographica.

Quantas canceiras, quanta habilidade quasi diplomatica, para empolgar essa cousa fugace, de que o principe dos nossos folhetinistas escreveu algures : — «A gloria em Portugal é como o ananaz, que só rebenta a poder de cuidados, e medra entre dois espinhos !...» Aquella figura d'actor notavel vae-se, pouco a pouco, obliterando na penumbra rosea da recordação, porque a distancia chronologica tem isto de commum com a distancia geometrica: esbate as linhas, boleia os angulos, esfuma os contornos. E uma ou outra phrase dos seus papeis mais bellos, ainda volta, com intonação exacta, a cantar-nos ao ouvido, como se fôra reproduzida por mysterioso phonographo...

XIII

A sociedade de 1840

A sociedade de 1840 quão differente não era da que para ahi vegeta no somnambulismo d'um tedio innarravel, n'uma compungitiva elegancia patara- .. Festas alegres como uma verbena, onde se reunia tudo que agrada á vista, excita os nervos, electrisa e faz amar! Luzidos bailes que iam pedir ao seculo das elegancias o segredo da graça redundante, da seducção estonteadora!

No torvelinho dos salões cantava — n'uma *bariolage* que era o regalo dos olhos — toda a gamma estridente das côres, desde o azul cobalto, o *gris* pallido, o escarlate cochonilha e o negro d'azeviche, até ao branco polar, ao violeta manganesio, ao verde glauco, e ao amarello incandescente.

A luz alta e violenta dos lustres, a acção magnetica dos espelhos, incitavam a uma lucta de gentilezas, convidavam ao exhibicionismo dos insolentes decotes — escancarados como flores que se abriam — mostrando a galba correctamente grega de hombros candorosos como uma tenra pasta de camelias, o encanto despo-

tico, o sereno esplendor de meios dorsos alvos com agathisações azuladas; losangos de fresquissimas carnações rubenescas ou giorgionescas, tocadas pelo *creme d'Iris* ou pelos polvilhos do branco de baleia, dolencias de pescoços côr de lyrio orvalhado, collos gloriosos que floresciam n'esse meio atmospherico como as rozas ao calor da primavera, fórmas que desabrochavam com as linhas ricas d'amphoras vivas, e que davam uma sensação paradoxal de neve quente.

Sob sedas flacidas adivinhavam-se seios arrogantemente erectos como escudos de marmore, globos voluntariosos arvorando uma ponta de rubi, e que, ao tocar, seriam duros e suaves como bolas tepidas de metal polido.

Era o convulso poema da carne que cantava as suas harmonias perturbadoras...

Como a walkyria Brunehild da Illiada teutonica, parecia que todas essas mulheres, gracis, cheias de raça, possuiam os encantos avassallantes, os sortilegios, a seducção plastica, que levavam a loucuras d'erotismo os Wolker, os *preux* menestreis, ahi *travestidos* com um luxo lampejante: as casacas azues, côr de pinhão, ou verde bronze, com botões de oiro e abas estreitas forradas de seda branca; os colletes de setim côr de perola lavrado a *soutache* de oiro, ou bordado a prata, phosphorescente como ramificações de mercurio ao luar, os de velludo com flôres bordadas a seda branca ou a matiz, os de pellucia e de cachemira branca com riscas encarnadas e botões d'oiro; as calças de casemira preta *meia cossaca*, ou de lemiste, justas do joelho para baixo e formando meia pala sobre o sapato de verniz, as gravatas altas ou os lenços de setim; os *cabo-chons* d'agatha *rubanée*, de cornalina vermelho-sanguinea, de granadas montadas em prata, os botões d'oiro picado pelas scintillações mordentes dos diamantes, os de perolas aureoladas de crystallisações mimosas, destacando, irritantemente, sobre os peiti-

lhos de cambraêta encanudados, ou bordados e espelhantes como couraças de prata damasquinada.

Para a sahida estylavam a capa á Lord Byron com mangas e grande golla, o albornoz em estamenha d'Argel — d'uma gravidade de habito monacal —, o albornoz de casemira alvadia, as capas azues forradas de velludo carmesim.

Mas, no meio d'este luxo torturado, como o de Lord Byron no retrato de Philips, tambem vibrava a nota comica ministrada pelas amplas cabelleiras á *san-simoniense*, e pelas barbichas grotescas, que o *Mercurio* de 1838 frechava com epigrammas azenrados, chamando-lhes *barbinhas de bôde, e peras imitando os pinceis de papo de perú velho*.

Havia, é certo, uma elegancia de minucioso rigor nos detalhes, porque, afinal de contas, são estes que constituem o perfeito *chic*. Soprava um vento d'epicurismo, mas os homens parece que tinham algo do temperamento, dos caracteres physiologicos, do atavismo, que confluiam na idiosyncrasia d'aquelle Marco Antonio — o guindado janota romano: eram sybaritas para os gozos do bem viver, stoicos para aguentar os revezes.

Nas incomparaveis festas de que nos occupamos, emquanto as narrativas elegiacas dos clarinetes, as *fioriturí* dos flautins, e as doçuras dos violinos, voavam alto com o pó em turbilhões, os vestidos arrepanhavam-se nas ondulações das danças como papoulas que a brisa sacode, os desejos corriam em fremitos ao longo das nucas...

No turbilhonar hypnotisante das contradanças francezas, agitavam-se nymphas que deixavam d'ondular preguiçosas como cysnes brancos no liquido crystal, para virem deliciar-se com o prazer esthetico d'accender paixões entre os homens. A sua graça e a sua magestade, que deveriam ser envolvidas em petalas de lyrios, ou em nuvens tecidas no rosicler das auroras,

moldavam-se nos mais pintalgados *costumes* da Levaillant, da Lombré, da Isaure, da Véron, da Elise, soberanas legisladoras da moda que decretavam o bom gosto, como a Convenção Nacional decretava o triumpho: vestidos em *grôs* da India, real, e de Tours, em velludo verde myrto, azul marinho, ou *gaufré*, talhados á Maria Stuart; em damasco *Luis*, em setim lilaz com barras de setim roxo, em setim alfazema com tunica de cachemira branca, em setim escuro com desenhos de grinaldas de madre-silva verde clara, e abotoados por botões de *marcassita*; em *reps* verde claro ornado de lacêta de setim branco formando avental; em filó *illusion*, em levantinas, em alcyones, em seda com bordaduras e debruns de perolas, a recordarem os da imperatriz romana Lollia Paulina; em setim côr de canna com laços pretos nos hombros presos por alfinetes de pedra escarlate e aro d'oiro, em setim com avental bordado a oiro reluzindo como cardumes de pyrilampos; em *pekin* Fontanges, e em crepe rosa.

Cabellos côr de sol, de bruma nuançados d'oiro, de noite tenebrosa, do loiro veneziano, todos, indistinctamente, apresentavam caprichosos penteados: o toucado de blonde com flores, e o de velludo rôxo, com pennas brancas: o turbante de velludo verde guarnecido de franjas de prata e um marabú, e o de setim *á Fatima*, ornado de filó bordado d'oiro; o penteado *á Polka*, *á Izabel*, á ingleza ou *á D. Maria II*, ornado de grinaldas de rosas ou de rosêtas de setim escarlate, o enfeitado com myrtos e marabus, o *a Sévigné* e o *á Judia*, ornado de pedras, o toucado de setim verde enfeitado com duas borlas de perolas pendentes para o lado direito, e o de setim bordado a matiz com franjas e borla de prata; os bandós muito achatados n'um excesso de *botticellismo*, e envernizados como azas de passaros; os penteados muito altos com flores, perolas, e pedras raras, scintillando como pequeninas chammas.

Os vestuarios realçavam com os ornatos complementares: os *pince-nez* d'oiro, os leques de oiro ou de prata esmaltados ou marchetados, de xarão reluzente, de madreperola ou de marfim arrendado ou palhetado d'oiro, as ventarolas de pennas d'uma brancura leitosa; os ramos de camelias, de rainunculos, de rosas de musgo, ou de rosas do Japão, segundo a moda; as finas joias polvilhadas de brilhantes como d'uma poeira astral, as portentosas gargantilhas de perolas de Ceylão, de diamantes-rosa em combustão, os *agrafes* de turquezas e topazios, os altos pentes de tartaruga relampejando com pedras d'arestas fulgidas, os pendentes de severas amethystas, de frias opalas, d'innocentes esmeraldas; os broches em camapheus sobre quartzos-agathas nos tres planos da esculptura, e em efflorescencias com scintillações prismaticas, productos cabalisticos da rubida phantasia dos joalheiros; os diademas magestosos salpicados d'um pollen diamantino, os medalhões de girasoes, de beryllos de sinopla, de saphyras tremeluzentes; as pulseiras de fios de perolas com fechos de diamantes, simples como as manilhas perladas de Delhi, as solidas pulseiras d'oiro com camapheus, os lascivos braceletes colleando em helices de fogo nos pulsos debeis; gemmas que pareciam sangue vivo onde almas encerradas continuavam uma existencia, carbunculos magicos attrahindo o amor como o abysmo attrahe o corpo, pedrarias d'um dardejante brilhantismo zodiacal, d'uma poetica luminosidade estellar, d'um esbrazeado esplendor de constellações...

Os novos pareciam haver bebido o supremo absyntho da alegria, que lhes dava a *crânerie* juvenil, que lhes gerava a rebeldia tyrannica do sangue, a fermentação cerebral das paixões, que lhes punha uma kermesse na alma; os velhos sentiam palpitar electricamente o coração, remoçavam, como se lhes houvessem insufflado sob a epiderme um elixir de juventude, sen-

tiam installar-se-lhes no corpo esse maganão de mau gosto, que tem no appendice caudal a differencial dos homens e dos deuses, e a que chamamos, *tout court*, o Diabo. Ah! Se o esquecimento é a morte das coisas que vivem no coração, como quer Alphonse Karr, os que sobreviveram a essa épocha singular devem-lhe uma lembrança e um sorriso.

XIV

As festas do Farrobo

Joaquim Pedro Quintella do Farrobo, 1.º conde de Farrobo por decreto da regencia do duque de Bragança, em 1833, 2.º barão de Quintella, par do reino, 2.º senhor da villa do Prestimo, 2.º alcaide-mór da villa da Sortelha, grã-cruz da ordem da Conceição e commendador da de Christo, Inspector geral dos theatros e espectaculos publicos, coronel de cavallaria nacional de Lisboa, abastado proprietario e capitalista, nasceu em Lisboa a 11 de dezembro de 1801.

Casou em primeiras nupcias, em 1819, com D. Marianna Carlota Lodi, filha de Francisco Antonio Lodi, antigo emprezario de S. Carlos, e de D. Joanna Barbara Cazemira Machado, do qual matrimonio houve sete filhos; e em segundas nupcias, com *mademoiselle* Maria Magdalena Pinault, a 7 de fevereiro de 1869, na egreja da Encarnação, de cujo matrimonio houve tres filhos. Esta senhora desposou, depois, a José Mendes de Carvalho Junior (hoje fallecido).

O seu casamento com a filha do Lodi deu logar a varias peripecias. O curador do Quintella contrariava esse matrimonio, e incumbiu um espião de lhe participar todos os passos que dava o joven barão. Duas

cartas do tal espião (José João de Moraes) diziam que o Quintella costumava sahir a cavallo, acompanhado d'um criado, dirigindo-se ás Laranjeiras, e que passava sempre, entre as 3 e as 5 horas da tarde, pelo largo do Pelourinho, onde morava o Lodi.

O curador chegou a fazer com que o Corregedor dos Romulares aconselhasse providencias taes, relativamente á pessoa do menor, que, em aviso de 21 de Maio de 1817, dizia João Antonio Salter de Mendonça que taes providencias não podiam ter logar, visto que elle, menor, se achava com licença para ir á côrte beijar a mão de Sua Magestade. [1]

*

* *

Os serviços que o filho do 1.º barão de Quintella prestou á causa da liberdade foram relevantissimos e inescureciveis, porque, sem o seu concurso monetario, certamente teria naufragado a aspiração de D. Pedro IV. O conde de Farrobo estivera primeiro sob as bandeiras legitimistas, mas, quando o governo usurpador decretou em 12 e 18 de Novembro de 1831 o emprestimo forçado, no qual o Farrobo tinha a quota parte de vinte contos de réis, elle recusou-se a contribuir com tal quantia, e declarou-se liberal, pelo que foi exauctorado de regalias e privilegios. [2] Na plenitude culminante do seu poderio fez dois emprestimos ao duque de Bragança. N'uma extensa carta publicada por

[1] Archivo da Torre do Tombo. Intendencia Geral de Policia. *Avisos e Portarias*. Maço 35.

[2] Por resistirem a pagar as quotas, que lhes haviam sido ordenadas, para as despezas do exercito, foram intimados a sahir de Lisboa, no prazo de 24 horas, Joaquim Pedro Quintella, José Ferreira Pinto Basto, Paulo Jorge e Francisco de Souza Lobo. Refugiaram-se a bordo das embarcações francezas, que estavam no Tejo. (*Avisos*, etc. Maço 73.) João Bernardo, administrador da

Lodi no *Jornal do Commercio* de 26 de setembro de 1869 refere-se que, quando os ministros desembarcaram em Lisboa, dirigiram-se a casa do conde de Farrobo, onde José da Silva Carvalho disse á condessa: — O paiz, minha senhora, deve ao seu marido os maiores serviços, porque, se não fossem os auxilios por elle prestados, não sei onde estariam as nossas cabeças; pelo menos, livrou nos d'uma terceira emigração.

Tudo isto, e, afóra isto, os continuos estillicidios da bolsa para as suas prodigalidades insupputaveis, e o diuturno pleito sustentado com Manuel Joaquim Pimenta, no qual baldadamente chamou o governo á auctoria, carrearam o completo descalabro da sua casa. A sua vida foi um regirar furial de walsa, em que, á maneira da Magdalena no *Amaury* de Dumas, elle parecia dizer para o seu par: *Plus vite, plus vite encore!*

E o 2.º conde de Farrobo, o filho do Rothschild portuguez, que bizarreara seus cabedaes em sublimidades de fausto, em primores d'arte, em festas que eram perfeitos assaltos d'elegancia e de pompa, teve d'acceitar a modestissima pensão de 1:200$000 réis, que a liberalidade governamental lhe concedeu em 1878, como remuneração dos serviços pecuniarios e pessoaes prestados por seu pae á causa liberal.

*
* *

O conde de Farrobo, o semi-deus do bom-tom, traz-

---

casa do Quintella, foi preso para o Limoeiro, e d'ahi transferido para a Torre de S. Julião da Barra, onde o acompanharam uma escolta e o Miguel Alcaide, que por fim apresentou uma conta de 6$580 réis de despezas de transporte. (*Correspondencias dos Ministros dos Bairros.* Maço 133.) Já anteriormente, em 1829, houvera denuncia de que se deviam vigiar, por suspeitas, a quinta das Laranjeiras e a quinta do Pinheiro. O Corregedor d'Andaluz recebeu ordem para as vigiar. (*Correspondencias*, etc. Andaluz).

nos sempre á idéa aquelle artigo em que Heine descreve os deuses olympicos forçados a abandonarem seus celestes coxins de nuvens, depois do advento triumphante do christianismo, e obrigados a entregar-se a occupações e a disfarces compativeis com o prosaismo da nova era. Tambem o Farrobo se viu, *malgré tout*, compellido a descer do seu pedestal de diamantes, para acabar levado nos rolos da onda do esquecimento. Tocou o zenith da gloria, deu vibração aos multiplos echos mundanos, e, como o *virtuose* que passeia o arco febril sobre a rabeca, fez cantar todas as notas passionaes com a sua maestria de *viveur* sabio; mas, infelizmente para elle, conhecendo a psychologia do amor, não conheceu a psychologia da sociedade em que viveu.

Soou a hora amarga... E no palacio das Laranjeiras, outr'ora immerso na tepidez do luxo, cheio da calida luminosidade e do alegre zumbido de festins que diriamos gerados pelas amplificações do sonho, passou simplesmente a ouvir-se a gelida canção que golpeava a noite e parecia vir das estrellas, ao mesmo passo que as arvores e as plantas do parque derramavam funebres lagrimas, e os echos reclamavam em vão o estrepito das antigas elegancias...

Never, oh, never more!

No palacio da rua do Alecrim poucos bailes se realisaram.

O ultimo foi o que o conde offereceu a D. Pedro IV e aos officiaes do exercito triumphador, logo depois da sua entrada em Lisboa em 1833. E' sabido que o primeiro barão de Quintella hospedara principescamente a Junot e ao seu estado maior n'aquelle palacio. Contou-nos o sr. visconde de Charruada, que o general francez não esqueceu os obsequios recebidos, porque, mal chegou a Paris, remetteu um admiravel serviço de Sèvres ao seu fidalgo hospedeiro.

O palacio da rua do Alecrim foi mandado edificar por Joaquim Pedro Quintella. Algumas parcellas de terreno n'aquella rua foram arrematadas pelo Dezembargador Luiz Rebello Quintella (tio d'aquelle) em 2 de Junho de 1777, e o palacio do marquez de Valença, com um terreno ao fundo, por Joaquim Pedro Quintella em 24 de novembro de 1788. (*Tombo da Cidade*. L.º 5.º Bairro Alto. fl.ˢ 85 v., 86, 86 v. e 87.) Na escriptura d'instituição do vinculo, lavrada em 23 de Junho de 1801, apparece a casa nobre (em que morava o instituidor) com jardim, pateo e mais pertenças, na rua do Alecrim ou Duas Egrejas, da parte do Nascente, avaliada em 24 contos de réis, e, além d'outras, a casa da mesma rua, da parte do Poente, e que chega até á rua das Flores, avaliada em 6:700$000 réis. A quinta das Laranjeiras figura com o valor de 24 contos de réis. (Archivo da Torre do Tombo. *Tombo do Morgado do Farrobo*. Tomo I.)

* * *

O nome do conde de Farrobo é inseparavel do das Laranjeiras.

Nos seus salões *movimentados* e sonoros pareciam dar-se *rendez-vous* intangendas bellezas de Murillo, typificações florentinas de Bronzino, immarcessiveis modelos de Reynolds, fidalgas gentilezas de Lawrence, seraphins de Klopstock. A cadencia harmoniosa das orchestras, rescendente a *poudre d'Iris*, evocava, n'uma phantasmagoria hypnotica, um turbilhão de talões vermelhos e saias *à panier* n'um reflexo de Watteau!

As festas ahi realisadas eram o *clou* da elegancia d'aquelles tempos. O que ellas foram conta-nol-o em sua prosa colorida a penna brilhante do visconde de Benalcanfor: — «Do mesmo modo que em Trianon e nos jardins de Versailles de Luiz XIV — cujas festas eram allumiadas pelo genio de Molière, pelos versos de

Quinault, e pelas melodias faceis de Lulli, e a que davam prestigio seductor a frescura de *mesdemoiselles* de Rohan e de Liancourt, e a belleza soberana de *madame* de Longueville e de *madame* de Mortemart — assim nas Laranjeiras do conde de Farrobo se reuniu durante vinte annos tudo quanto havia de mais distincto em Lisboa, pela elegancia, pelo talento, pela riqueza...

Reis e principes assistiram a mais do que uma d'essas festas magnificas, que a opulencia e o bom gosto do conde de Farrobo tornaram afamadas entre as mais grandiosas da Europa.» [1]

O fino sentimento mundano, a alta comprehensão das conveniencias ahi observadas, faziam naturalmente lembrar aquella empavoada côrte do rei-sol, d'esse mesmo rei, que, havendo Lauzun quebrado a espada na sua presença, exclamando: Não quero servir mais um rei que falta á sua palavra! — lhe respondera atirando a bengala pela janella, e dizendo: Nunca se dirá que bati n'um gentilhomem!

A esta esplendida estancia das Laranjeiras chamou Oliveira Martins, no *Portugal Contemporaneo*, «um eden de mercieiro rico»; mas semelhante qualificação, ao que nos parece, pecca por injusta, porque não foi a fofice do argentario, mas um fino amor d'artista, que presidiu á sua creação. De Farrobo poderiamos dizer possuir aquelle sexto sentido do *bello*, do *ideal*, de que falla Garrett. O conde de Farrobo era um homem muitissimo illustrado, um eximio conhecedor dos principaes idiomas europeus, um profundo sabedor de litteratura e de musica, um admiravel executante de trompa, violoncello e contrabaixo, e um insignissimo atirador, um *shooter* inegualavel nos tiros atravessados e nos *doublés*.

Se o seu espirito eleito se perdia, por vezes, na di-

---

[1] *Phantasias e Escriptores Contemporaneos.*

vagação cerebral dos sonhos discordantes, se se embebia nos extasis do fausto, no gozo agudo das pompas ruidosas, tambem sabia adorar o Ideal com o amor d'um noivo, e o enthusiasmo d'um esthéta. Nas turbulencias do seu imaginar — em que as idéas phantasistas se baralhavam como pedaços de vidro multicores n'um kaleidoscopio — sobresahe, de continuo, aquella adoração, da mesma maneira que, nas operas wagnerianas, o motivo fundamental se ergue imperiosamente no meio d'uma instrumentação apopletica.

Entrando na vida sobre as azas da Felicidade, nem só a arte o seduziu com seus attractivos, nem só o luxo o fascinou com seus encantos, tambem a industria lhe mereceu attenções e lhe entreteve os ocios. O seu nome, garante de exito, ficou vinculado a muitas emprezas uteis: as dos theatros de S. Carlos, Rua dos Condes e Salitre, a da barra da Figueira, a da fabrica da Marinha Grande, a fabrica da Fiação de sedas a vapor, a de productos chimicos da Verdelha, as minas de carvão de pedra, as companhias Bonança e União Commercial, a fundição Vulcano, a empreza dos caminhos de ferro de Norte e Leste, a companhia do Gaz, a do Alto Douro, a das Pescarias, a dos Omnibus, a das Louças, a de Artefactos, a da ponte pensil sobre o Douro e outras.

O theatro de sala tem sido, desde o seculo passado, um entretenimento do grande mundo.

Vemol-o de Versailles, onde a flôr da moda declamava, e do theatro de Maria Antonietta, até ás tragedias representadas atraz de biombos de seda na Restauração, e aos *proverbes* representados pelo aristocracismo no fim das ceias de Compiègne, durante o Segundo Imperio. Mas entre nós — tirante a casa Cruz Sobral onde se cantaram algumas operas — é ao 2.º barão de Quintella que cabe a honra d'inaugurar essas espiritualisantes festas, onde confluiam todos aquelles que tinham esse *quid* de superioridade chamado o *chic*,

a sociedade de fina raça ahi arvorada em definitorio musical, em concilio artistico.

E' a elle que pertence, de direito, a gloria de dar os bailes mais soberbos, onde as harmonias da orchestra se conjugavam, n'uma concordancia amavel, á musica muda d'um maravilhoso concerto de mulheres, melodiosamente animadas nos curveteados da contradança e nas circumvoluções da walsa. De taes festas, nem sequer formará uma longiqua ideia a moderna geração enkistada no amanuensado das secretarias, *civilisada* (pelo *Turf* e pelo Gremio, diplomada pela Havaneza e pelo Martinho...

*

* *

O theatro Farrobo começára em 1820 n'um palco improvisado no palacio das Laranjeiras, no qual, de 1825 a 1827, se cantou opera. Em 1833 recomeçavam as recitas nas Laranjeiras.

Depois de 1820 lançaram-se os fundamentos d'um theatro, que foi reedificado em 1843, por occasião da grande festa offerecida á rainha D. Maria II, e que veiu ainda a soffrer bastantes alterações. Theatro e palacio foram illuminados a gaz em 1830, vinte annos antes de Lisboa o ser por esse meio. [1]

No *tohu-bohu* das grandes festividades — a que presidiam o genio d'Auber, e a musa agil de Garrett, e onde a alegria era temperada pelo atticismo atheniense e pela *verve* gauleza — reluziam as gentlemanisantes

[1] Antonio Patricio Pinto Rodrigues requereu á Junta do Governo do Reino, em 1820, para que lhe concedessem a illuminação da cidade por meio do gaz hydrogeneo, para o que propunha varias vantagens. (*Avisos*, etc. Maço 38).

Romão Fernandes apresentou outro invento, em 1825, com o mesmo fim, mas não foi acceito. (*Idem*. Maço 51.)

suissas *á Flavio* da fidalguia de nomes sonoros, os empinados bigodes da tafularia lustrados pela cêra-mostacha domingueira; appareciam os acrobatas politicos, o heraldico feminismo de mais brandos retoques de flexura nervosa, o *bas bleuisme* prompto sempre a discutir theses d'amor com uma volubilidade espiritual capaz de derrotar todas as discipulas de Mademoiselle de Scudéry.

Para esse theatro composeram musica distinctos maestros, alguns dos quaes vieram aqui expressamente convidados pelo Farrobo. Cital-os-hemos. Pedro Antonio Coppola — fallecido em 1878 no logar de director do Conservatorio de Catanea — que escreveu as seguintes operas que foram em S. Carlos, e algumas nas Laranjeiras: *Ninna louca por amor*, em 3 actos, *Joanna de Napoles*, *Ignez de Castro*, *A Filha do Espadeiro*, *Fingal*, *os Illinezes*, *Stefanella*, *O Annel de Salomão*, com letra de Mendes Leal. Mercadante que fez para as Laranjeiras a *Testa di bronzo*. Daddi — que nascera no Porto em 1814, e foi discipulo do professor Caetano Marinelli — que compoz as operas: *O Salteador*, *O Organista*, e *Um Passeio pela Europa*. Vicente Schira, nascido em Madrid em 1802, director de S. Carlos sob as emprezas Antonio Lodi, Porto, e Farrobo, e que fez as operas: *O Fanatico pela Musica*, para as Laranjeiras, e os *Cavalleiros de Valença ou Isabel de Lara*, para S. Carlos. Lodi que escreveu a musica do *Somnambulo*. Angelo Frondoni, vindo em 1838, auctor de *I profugi di Praga*, *Gengiskan*, *Una desabitada*, e a pequena *burletta Um terno ao loto*. Escreveu mais a musica da farça *O Beijo*, para as Laranjeiras, a d'outras peças para o Gymnasio e Trindade, concorrendo ainda para a hymnologia lusitana com o hymno da Maria da Fonte. João Jordani, fallecido em 1860, compoz um bailado para as Laranjeiras, e muitos para S. Carlos, a cuja orchestra pertencia como 1.º violoncello, instrumento que tocava pri-

morosamente. Era filho d'um musico italiano, que veio para a orchestra que inaugurou S. Carlos, e nascera em 1794.

Além d'estes temos outro bastante notavel, mas de que poucos se lembrarão. Fallamos d'Antonio Luiz Miró, filho d'um hespanhol, musico regimental, e que nascera em Granada, mas que recebera educação em Lisboa. Este maestro, cujo cerebro era apto para conceber todas as maravilhas da Harmonia, todas as bellezas do Rythmo, teve por mestres a João Domingos Bomtempo, e a Fr. José de Santa Ritta e Silva, de que tambem foram discipulos: Innocencio, Cazimiro, Migone, Bertoche, Sassetti, Vieira, padre João, etc. [1]

Miró teve dois filhos: o pianista José Miró, que estudou em Paris, e deu um concerto em S. Carlos aos 17 d'agosto de 1842, e o joven tenor Joaquim Miró, que se estreou cantando *A Traviata* na *Assembléa Phylarmonica*, na mesma noite em que tambem se estreou a notabilissima amadora D. Carlota O'Neill, então de vinte annos apenas, e que foi um dos ornamentos do theatro das Laranjeiras. [2]

O tenor Miró cantou pela primeira vez em S. Carlos, na *Linda de Chamounix*, a 22 d'outubro de 1845, noite que ficou assignalada por um *charivari* monumental. O publico pateou o *debutante*, e o pae, indignando-se, abandonou a cadeira de chefe d'orchestra, rasgando ao mesmo tempo o papel da musica. O novel cantor desmaiou, e a platéa levantava-se então ameaçadora, obrigando a intervenção de D. Carlos Mascarenhas, que restabeleceu a ordem.

O maestro Miró partiu mais tarde para o Brazil e Buenos-Ayres, onde ainda o foi encontrar o brilhante

---

[1] *Os Musicos Portuguezes*. Joaquim de Vasconcellos.
[2] *O Real Theatro de S. Carlos*. F. da Fonseca Benevides.

maestro Sá de Noronha. E por lá ficou esse distincto artista, que fôra apotheosado nos commentos folhetinaes pelas pennas que constituem o quinto poder litterario. Casára com a formosa e fria Josephina Santos, actriz do antigo Gymnasio, e que hoje, velha, tropega, e quasi cega, arrasta a acabrunhante vida n'uma loja da rua d'Atalaia.

Foi no theatro das Laranjeiras que, pela primeira vez, se mostrou á luz da rampa a notabilissima actriz Delphina Perpetua do Espirito Santo — primeiramente bailarina de S. Carlos — a viva encarnação da prisca graça portugueza, da bravia e picante chalaça nacional, a *soubrette* do *Peão Fidalgo*, a D. Antonia do Menino de Deus do *Camões do Rocio*, a Maria do *Mineiro de Cascaes*, aquella de quem Garrett dizia, commentando a sua estreia no theatro do Salitre: — Não faz boquinha.

Nas Laranjeiras fizeram eclosão muitas vocações artisticas, ao deante consagradas pelo criticismo de nervo e polpa:

D. Francisca Romana Martins (tia do conselheiro Annibal Achilles Martins, ajudante do Procurador Geral da Corôa), D. Carolina Joanna O'Neill, cantora *d'élite* que ahi desfiou, uma a uma, as perolas do seu precioso collar de notas, D. Carlota Damasio, D. Ermelinda Sandman, D. Francisca Augusta da Fonseca, D. Josephina Tuvo d'Almeida, D. Carlos da Cunha Menezes, tenor, Eduardo Bourgard, baixo, Theodoro Rei, conde de S. Leger da Bemposta, Guilherme de Roure, Nicolau Klinghoefer, Sebastião Costa, Carlos Munró, D. Manuel Alva, Alfredo Duprat (depois consul portuguez no Cabo e em Londres), seu irmão Armand Duprat, e outros da alta roda, ao tempo ainda não contaminada pela invasão bacillar da *meia-tigella*.

Ahi se representou em portuguez, francez, italiano e inglez. Ahi se cantaram as operas:

Olivo, D. Pasquale, D. João, de Mozart, *Muda di Portici, Roberto do Diabo. Cenerentola*, etc.; as operas-comicas: *L'Auberge d'Auray*, de Herold, *Dominó Preto, Duque d'Olonne*, e *La Part du Diable*, d'Auber, *Os Salteadores*, imitada pelo Farrobo, *Une nuit à Seville*, de Barbieri, *Les quatre fils d'Aymon*, de Balfe, *Le diable à l'école*, de Boulanger, *A Barcarolla*, etc. N'uma opera, cantada em 1826, *Os aventureiros*, de Cordella, para o bailado da qual escreveu a musica o Jordani, figurava um corpo de baile composto d'oito dançarinas e outros tantos dançarinos da sociedade, que não se furtava a sacrificar sobre os altares da Choreographia. No numero d'aquellas viam-se: D. Paulina Moser (que veiu a casar com Christiano Klinghoefer, banqueiro no Rio), D. Emilia Moser (mais tarde casada com o general Fava), D. Carolina Auffdiner, D. Anna e D. Marianna d'Amorim Vianna, Elena Ruquese, D. Maria Benedicta e D. Maria José d'Andrade Calvet; e no numero d'aquelles: Roussado Gorjão, Travassos Valdez, Wegner, etc. Entravam nos córos: D. Julia Sá Vianna, D. Clarisse Duprat (mãe da viscondessa de Valmôr), baroneza de Quintella, conde de Cêa, Vieira Pinto, Euzebio de Freitas Rego, etc. [1]

As recitas davam-se quasi sempre aos sabbados. O guarda-roupa era em grande estylo, d'uma sumptuosidade impressionante: no velludo liso, damasquinado, *frappado*, em ramagens, no setim cahindo em bellas prégas laminadas de brilhantismos metallicos; as plumas exoticas, os recamos d'oiro, as fivellas esmaltadas, os adereços caros; *toilettes* que eram engenhosissimos poemas de modista, fatos que eram perfeitas epopeas de *costumier*.

E se a rubrica da peça indicasse que se devia quebrar louça de Sèvres, como aconteceu no *vaudeville Em-*

[1] *O Real Theatro de S. Carlos*. F. da Fonseca Benevides.

brassons nous Folleville — era realmente Sèvres que se fazia em bastilhas.

Garrett ensaiou muitas vezes, mas, ultimamente, o ensaiador habitual era o grande actor Izidoro, que, por vezes, tomou parte no desempenho, e que o Farrobo convidára para aquelle cargo, propenso, como sempre foi, a proteger a arte e os artistas.

Os scenographos eram: o professor Fonseca, o Rambois, e o Cinatti, que viera para aqui em 1836, escripturado para S. Carlos, pela empreza d'Antonio Lodi.

Cinatti casou em 1837 com Maria Rivolta, d'uma familia milaneza residente em Lisboa, e associou-se a Rambois, que, desde 1834, se encontrava entre nós. Cinatti e Rambois constituiram uma firma artistica, cujos magistraes productos scenicos foram admirados por tres gerações nos palcos de S. Carlos e de D. Maria. A collaboração d'esses dois artistas produziu, durante quarenta e dois annos, mais de seiscentos scenarios. Alguns notabilisaram-se. Basta citar o panorama do Mississipi na *Cora*, a scena final do *Frei Luiz de Sousa* em D. Maria, e o *grand décor* da *Aida*, posta em scena em 1878, o qual, pelo fino sentimento historico, pela nitidez, por assim dizer, daguerreotypica, nos trazia á idéa as sabias reconstrucções archeologicas de Hamon, do *pompeista* Gérome, e de Lawrence Alma-Tadéma.

Que esplendorosas festas se déram na quinta das Laranjeiras, por elegantes noites de inverno, nas quaes — ao mesmo tempo que as serpenteantes caudas casquinavam risadas de seda nos passos elasticos das quadrilhas — a orchestra da sala misturava suas sonoridades ás notas doloridas arrancadas por Eolo ás harpas do arvoredo...

Que representações tão distinctas, que bailes tão deslumbrantes, então que se manifestava um como movimento regressivo ás suggestivas *décollettages* do Trianon e do Directorio, aos sumptuosos decotes que proclamavam

galantemente a liberdade dos seios, pondo a nú turgidas carnações de setim alambreado, estrelladas de brilnantes e camapheus, listradas pelos rocaes de perolas, cylindrados hombros d'uma brancura lunar, a claridade magnetica d'espaduas riscadas em triangulo pelo hiatus dos corpetes ..

E, emquanto a ampla e magnifica luz dos lustres fazia scintillar as pedrarias, que fustigavam os olhos como um granizo de fogo, o jubilo perlava de sons argentinos as frescas boccas femininas, como uma mesma corrente pondo em vibração muitas campainhas electricas...

*

* *

Ha annos, discutindo-se na camara alta a lei abolicionista dos morgados, affirmava um prócere que não havia na sala veias limpas de sangue africano. Se esta affirmativa já baixou da nebulosa esphera conjectural á região fria e serena da verdade scientifica, não menos certa nos parece a asseveração de que o sangue da velha fidalguia estava inquinado pelo veneno do dillettantismo artistico-litterario. Honrando as artes e as lettras, n'um afinado espiritual, viamos: o conde de S. Lourenço, celebre pela sua memoria prodigiosa, o conde de Sabugal, poeta e homem de espirito, o marquez de Rezende, um insigne latinista e um venerador da sã linguagem portugueza, o visconde de Menezes e o conde de Mello, apreciaveis pintores, o marquez de Niza, um espirito cultissimo e uma boa voz de tenor, os Farrobos e os Atalayas, musicos distinctos, o conde de Cêa, pae do misogyno conde de Cêa, um torneiro de merecimento; a baroneza de Almeirim, pintora de merito, a espirituosissima marqueza de Niza (irmã da condessa de Mello), a velha marqueza de Valiada, (filha dos Lavradio), latinista e anglicista tão notavel como seu filho o recem-defuncto marquez de Vallada,

a viscondessa de Balsemão (D. Catharina de Souza), poetisa cujos trabalhos ficaram, na maior parte, inéditos, mas de que ha publicados alguns sonetos e apologos, e cujo flexivel arco de graça facetissima estava afeito ás mais difficeis pontarias; a marqueza de Vianna, a duqueza da Terceira, as Bellas, bordadoras, D. Marianna Ponte, notavel artista dramatica, as O'Neill, Mesquitellas, Fronteiras, Ribeira Grande, Santa-Irias, Palmellas, cantoras afamadas, a condessa da Ribeira e D. Eugenia Palmella, grandes pianistas, D. Maria Kruz, actriz primorosa que na *Fille de l'Avocat*, representada no *Thalia*, foi admiravel de chiste, de fina penetração, e cujo salão litterario da rua Formosa recebeu todas as summidades da epocha.

Pena foi não haver um Eugenio Lami, que — como o francez que pintou o mundanismo parisiense de 1830 — fixasse na tela essa sociedade lisbonense de 1840, um pouco frivola, talvez, mas sempre seductora.

* * *

Em 10, 16 e 23 de Fevereiro de 1835 deu o conde de Farrobo tres recitas nas Laranjeiras destinadas a beneficiar as familias dos martyres da liberdade. As mais concorridas foram a segunda e a terceira.

Os programmas soavam como um carrilhão de festa. A do dia 16 principiou pelo serviço de chá ás 6 e meia, seguindo-se a dança que se prolongou até ás 8, e terminando com a recita.

Tocou toda a orchestra de S. Carlos sob a direcção do maestro Jordani. Representou-se primeiramente a opera *Il Somnambulo*, de Miró, desempenhada por D. Constança Lodi, D. Maria Joaquina Quintella, Guilherme de Roure, N. Klinghoefer, F. Lodi, conde de Farrobo, Antonio Ganhado Vieira Pinto, e D. Manuel de Sousa Coutinho.

D. Constança Lodi estava deslumbrantemente vestida: um precioso *bandeau* de brilhantes ornava-lhe a fronte, uma fita de brilhantes serpenteava-lhe na trança, e uma grande cruz de brilhantes pendia-lhe d'um grosso colar de perolas. Fortunato Lodi representou e cantou primorosamente a parte de tenor *Adolpho*, e D. Manuel a parte do baixo.

A ultima scena do 1.º acto foi brilhantissima, porque figuravam n'ella 56 pessoas ricamente trajadas: pescadores, juizes, guerreiros, etc. O scenario e o vestuario eram de riqueza inexcedivel. Havia uma vista admiravel pintada pelo Rambois, a qual representava uma sala de justiça. Seguiu-se o *Hydrophobo*, graciosa *bluette* desempenhada por Francisco Damasio, Cunha Menezes, e Duarte Cardoso de Sá, que creou um papel esplendido pela mimica, fazendo estalar risos metallicos, d'um toque argentino.

A comedia era destinada a ridicularisar o romantismo exaltado. Acabada a comedia dançou-se até depois das 4 horas da manhã.

Na festa do dia 23 subiu á scena a farça italiana *O fanatico pela musica*, de Schira, que tinha alguns alegros lindos. Foi cantada por D. Carolina O'Neill, pela voz timida, mas suave, de D. Maria Joaquina Quintella, por Fortunato Lodi, Sousa Coutinho e conde de Farrobo, que preencheu o papel de Fanatico com uma arte e uma graça incomparaveis. Foi applaudidissimo no *Bobo do Principe*, em que se apresentava como actor e auctor. O fingimento e a graça do papel de velha encontraram em D. Maria Quintella uma dignissima interprete. Repetiu-se a comedia franceza *Mr. de Plessis*. A *Guarda Avançada*, jornal da epocha, ao descrever estas festas das Laranjeiras dizia: — Tudo alli é grandioso, é rico, é magnifico. —

Em 4 de dezembro de 1838 deu-se um baile, onde a mais rica *toilette* que appareceu foi a da duqueza da

Terceira, em velludo preto, rendas e frocos côr de rosa com remates de brilhantes. Houve recita theatral com a peça italiana *O desertor por amor*, na qual sobresahiu D. Carolina O'Neill, e com uma farça portugueza em que entraram o conde de Farrobo e sua filha, Guilherme de Roure e Cunha Menezes.

No dia 4 de março de 1842, *soirée* phylarmonica nas Laranjeiras. Orchestra, composta de cincoenta amadores, sob a direcção de Caetano Jordani. Executou-se a symphonia do *Dominó Preto*, d'Auber, a aria da opera *Adelia* por D. Marianna Quintella, duo concertante para duas trompas pelo conde de Farrobo e Garcia, aria da opera *Belisario* por F. Lodi, cavatina dos *Puritanos* cantada por Carlos da Cunha Menezes, *morceau* concertante para quatro rabecas por J. Quintella, Saint-Martin, Ziegler e Mazzoni.

Na segunda parte houve: symphonia da *Muda*, *rondó* do *Pirata* por D. João Mesquitella, variações sobre o melophone por J. Quintella, aria da *Favorita* pela condessa da Lapa, *duo* da *Prisão d'Edimburgo* por D. Carolina O'Neill e sua filha D. Carlota O'Neill, a *Malibran portugueza*, introducção da *Gemma de Vergy* por D. Rodrigo Linhares e Lodi. Na 3.ª parte houve symphonia da *Zampa*, aria da *Catharina de Clèves* por D. Luiz Mesquitella, cavatina do *Torquato Tasso* por D. Maria Joaquina Quintella, *duo* da *Zulmira* por madame Lodi e D. Palmira Quintella com acompanhamento de piano e melophone, aria da *Lucrecia* por D. Rodrigo Linhares, aria de *Bianca e Fernando* de Bellini por D. Carlota Quintella, acompanhada ao piano pelo signor Carrara. Em 11 de Março repetiu se a *soirée* musical tocando mais os seguintes amadores: Ignacio Miguel Hirsch, e Daddi, no piano; George Titel no clarinete; Fortunato Lodi na corneta *à pistons*; e Francisco Damasio no trombone contralto, executando estes dois ultimos o *duo* do *Belisario*.

Foram acompanhados ao piano pelo Carrara. Cantou

D. Miguel do Canto e Castro, e executou varios *morceaux* o quintetto composto de dois violinos, dois altos, e um violoncello.

O conde de Farrobo possuia o segredo de communicar a todas as suas festas um singular encanto de mundanidade, assim como só os grandes esculptores sabem pôr no marmore ou no barro a seiva d'uma vida mysteriosa, encarnando-lhe a perpetua mocidade, o ridente amor, o infinito sonho, a belleza immortal!

* * *

A mais bella de todas as festas realisadas nas Laranjeiras foi, indubitavelmente, a de 26 de Fevereiro de 1843, offerecida a D. Maria II, D. Fernando, á imperatriz, e á infanta D. Anna. A rainha, que ouvia fallar muito das representações das Laranjeiras, manifestou ao conde de Farrobo o vehemente desejo que tinha em assistir a uma d'ellas. O conde, então, convidou-a para uma festa, que se realisaria no domingo gordo, deixando a escolha da peça á rainha, que indicou o *Duque d'Olonne*, em francez.

A's 7 horas da noite serpeava pela estrada das Laranjeiras uma longa fila de seges d'aluguel e de carruagens particulares. Principiavam a chegar os convidados. A's 8 horas era tanta e tão selecta a concorrencia que só no Paço se veria egual. O dia conservara-se humido, tristonho; a tarde cahira elegiaca, penetrada de melancholia, n'um desmaio doce, como aquelles crepusculos suavissimos de Claudio Lorreno; á noite chuviscava, o vento gemia como um accorde de flauta. Eram 8 e meia horas chegavam os reis, sendo esperados á porta do jardim pelos donos da casa e convidados. Os ministros, altos dignitarios e grandes do reino abriam o solemnissimo cortejo, que desfilou

entre duas alas de creados com ricas librés de velludo e oiro, e com brandões na mão, visto a chuva haver prejudicado a illuminação *à giorno* do jardim.

O cortejo entrou no palacio chispando scentelhas das fardas bordadas, das condecorações, dos punhos dos espadins, das joias implacavelmente mordidas pela luz crúa do gaz. N'esse momento retiniam, n'uma irradiação argentina, as notas marciaes do hymno da Carta.

Durante mais d'uma hora, vira-se a créme feminil subindo as sonoras escaleiras do palacio, que faziam lembrar a de Jacob trepada pelos anjos. Notavam-se, *au hasard de la lorgnette*, as Palmellas, Santa-Irias, condessa da Ega (Maria Magdalena), D. Sophia Martins, D. Constança Lodi, D. Josephina Athayde, a baroneza da Regaleira, a graça viperina e os cabellos côr de trigo de Madame Barrow, ministra dos Estados-Unidos, Lady Howard, D. Maria Innocencia O'Neill, D. Maria Kruz, Madame de Sousa Botelho, condessa da Lapa, Mesdemoiselles Carlota e Virginia O'Neill, e quantas mais que conservavam vetustissimos pergaminhos nos seus tombos genealogicos, quantas sobre quem a loira Hebe de bom grado espargiria as rosas da primavera...

Um jornal descreveu assim o aspecto das salas: «As innumeraveis luzes de gaz que illuminavam esses salões, as ricas *toilettes*, e as magnificas pedrarias de que ellas faziam valer todo o brilho; os uniformes, as insignias das ordens, e os trajes da côrte, de que os mais eminentes personagens, tanto portuguezes como estrangeiros, se tinham revestido; os espelhos gigantescos nas molduras douradas, que enchiam os muros multiplicando os objectos; os florões do tecto, tão delicadamente desenhados e d'uma douradura admiravel, d'onde pendiam tres soberbos lustres; os ornamentos, os vasos de flôres, e a galeria circular, que, pela altura da sua cornija, parecia coroar todas estas maravilhas; essa reunião d'objectos seductores dava logar ás mais deli-

ciosas sensações, e admirava-se, ao mesmo tempo, que esse palacio de *Armida* estivesse cheio dos gosos mais reaes e mais palpaveis.»

O theatro fôra renovado sob o risco de Fortunato Lodi, que lhe fez duas galerias, podendo assim comportar seiscentos espectadores, e que o tornou bonito e *pimpant* como uma *toilette* de baile do seculo XVIII. O pintor Fonseca encarregara-se de pintar as figuras da sala de baile e do theatro; Rambois e Cinatti pintaram as decorações da peça com um brilhantismo, que fazia reviver as riquezas dos paços dos antigos reis castelhanos; os dourados das cornijas e das molduras dos espelhos foram restaurados, em menos de dois mezes, pelo Margotteau e seis aprendizes. A despeza total montou a sessenta contos de réis. Era assim a bizarria do homem, que acabava de deixar a sua empreza de S. Carlos com perda de quarenta contos de réis,[1] e sem que nunca tivesse manifestado uma só d'aquellas hesitações, que levavam um autocrata russo a dizer á Malibran, que lhe pedira sessenta mil francos para cantar: — *Os meus marechaes ganham apenas trinta mil.* Ao que tambem a espirituosa prima-donna replicara: — *Sire, faça-os cantar!*

Foi durante aquella mesma empreza do Farrobo, que se notaram muito os amores d'este com mademoiselle Clara Lagoutine (depois madame Maywood), a linda Helena do 3.º acto do *Roberto*, a vaporosa bailarina, de cuja formosura e senhoril distincção fallaram largos annos os velhos *diletantti*.

Entrada a côrte no palacio, serviu-se o chá. O conde tomou das mãos d'um creado um rico *plateau*, sobre o qual havia uma só chavena, e offereceu-a á rainha. O mesmo fez com os outros augustos personagens.

Depois abriu-se o baile com uma quadrilha, dançando

[1] *O Real Theatro de S. Carlos.* F. da Fonseca Benevides.

a reinante com o marquez de Fronteira, e el-rei com a infanta D. Anna. Terminada ella, sahiram do salão para o theatro.

Na sala, borbulhante de lumes, desenrolava se um apparato luxuosissimo, o golpe de vista era maravilhoso, *féerico*. As galerias estavam cheias de senhoras, resplandecendo na pallidez ideal das carnaduras retocadas a bismutho, na alvura glacial dos vestidos espumados de rendas d'Inglaterra, e guarnecidos de perolas e esmeraldas, na coloração ardente do *grôdenaple*, da escumilha, do *grós* da India, nos penteados faiscantes de pedras preciosas e de pentes d'oiro, sobre os quaes ondulavam, victoriosamente, plumas de *marabout*. Mexiam-se, curiosas, essas leves cabecitas, que se preoccupavam menos com os triangulos de Villela e as algebrizações de Francoeur, do que com as linhas geometricas do decote e as curvas da *crinoline*.

O agitar nervoso dos leques de marfim, de madreperola, e de pennas brancas, punha na sala uma palpitação viva de enormes borboletas.

Na platéa, as ricas bordaduras das fardas, os recamos dos colletes á moda, e os crachás, formavam um pequenino mar phosphorescente, onde faziam mancha os peitilhos anilados, e as casacas azues com botões de metal dourado e lavrado.

O panno subiu mansamente, n'um *ruge-ruge* setineo, e, na tepidez da sala perfumada como um *sachet*, espalhou-se mais um aroma de suprema elegancia artistica, emquanto os binoculos variamente calibrados se assestavam interrogativos para a scena.

A opera comica *O duque d'Olonne*, letra de Scribe e Saintine, musica d'Auber, foi superiormente desempenhada por D. Carlota O'Neill, conde de Farrobo, D. Maria Joaquina Quintella, D. Marianna Quintella, Carlos da Cunha Menezes (Lumiares), Joaquim Pedro Quintella, Duarte de Sá, Alfredo Duprat, H. Juel, e E. Bourgard.

Durante os intervallos — que duravam uma hora — o baile retomava o seu *élan*, os pares deslisavam ligeiramente, como que arrebatados no ar pelas sandalias d'oiro das Nymphas, circulavam os refrescos e os gelados, apresentando todas as gradações das tintas. Finda a representação serviu-se uma sumptuosa ceia volante, regada pelo oiro liquido do *Porto*, pelo *Champagne* louro e leve como o espirito gaulez, pelo *Rheno* côr de canna, sobre cuja espuma volteiam com borzeguins de prata os Elfos e as nixes germanicas...

Bailou-se febrilmente até ás 6 horas da manhã, mas a familia real retirou ás 4 e meia, depois de haver tomado parte n'uma quadrilha, em que D. Maria II dançou com o conde de Farrobo, e el-rei D. Fernando com Madame da Cunha Menezes.

A condessa, que fez distinctamente as honras da casa, ostentava um vestido de renda *à deux volants*, por cima d'outro em setim cereja, e o penteado ornava-se com pennas e com brilhantes preciosissimos.

Em quadro tão opulento de colorido nem mesmo faltou a branca nota da caridade.

O conde mandou distribuir dois contos de réis em esmolas, e convidou toda a pobreza de Lisboa para um grande bodo.

Esta festa repetiu-se, sem a assistencia dos reis, em 28 de Fevereiro. A estes bailes, que o publico chamou *europeus*, mas que bem mereciam o nome *d'asiaticos*, assistiram dois mil convidados!

Passados dezenove annos, theatro e sala de baile eram destruidos por um incendio, que se manifestou á uma hora e meia da tarde de 9 de Setembro de 1862, motivado pelo descuido d'um operario que soldava uma claraboia.

*

* *

Em junho de 1848 escrevia Lopes de Mendonça: — Entretanto as reuniões das Laranjeiras não experimentaram a influencia do terror politico, continuaram, do mesmo modo, offerecendo uma das mais apreciaveis diversões da estação. Correu todavia que a policia calçara luvas, para apprehender, com toda a elegancia, um individuo compromettido que appareceu nas salas. Esta noticia ia fazendo seriamente soffrer a reputação da policia, que, como todos sabem, não quer, nem por sombras, pertencer ao mundo elegante. — Realmente assim foi. A agitação politica não impediu que o Farrobo désse, n'aquelle anno, uma serie de festas apreciaveis, nas Laranjeiras. Na noite de 23 de abril de 1848 subiu á scena no theatro Thalia o drama em 5 actos *Marie Jeanne*, de Dennery e Mallian, desempenhando o papel de *Jeanne* a D. Emilia Kruz, o de *Remy* o sr. Guerreiro, e o de *Bertrand* o sr. Francisco de Sá.

A direcção da festa pertenceu á filha do conde, D. Maria Carlota. Na noite de 30 o mesmo espectaculo sob a mesma direcção, e nas noites de 7 e 14 de maio sob a direcção de D. Constança Lodi. Além d'aquelle drama foram as farças *Roque* e *Lucas*, arranjadas pelo Farrobo, e o *Carrilhão de Mafra*. Esta, que ia então no Gymnasio, teve desempenho pela condessa da Lapa, e D. Maria Magdalena Quintella.

Novas recitas se deram em 28 de maio e 4 de junho, mas agora sob a direcção de Duarte de Sá.

D'elle disse Julio Machado n'um folhetim: «Nunca se fallava das Laranjeiras sem se fallar logo de Duarte de Sá. N'aquellas festas de grande elegancia e de grande novidade, figurava elle como uma novidade tambem.» Esta apreciação é justa. Os Sás eram verdadeiros artistas.

N'estas duas recitas foram o *Pacto de amor*, comedia em 3 actos de Marc Michel, traduzida pelo conde, e representada por Francisco de Sá, D. Genoveva Augusta da Motta e Silva, *debutante*, e D. Maria Carlota Quintella. Seguiu se o *vaudeville L'enfant de la maison* desempenhado por Duarte de Sá, e pela condessa da Lapa, uma completa actriz. Nas noites de 11 e 18 de junho pertenceu a direcção a Fabio Maximo Carrara. Cantou-se a *Mademoiselle de Merange*, opera comica de Frondoni, desempenhada pelo conde de Farrobo, Carlos da Cunha Menezes, e E. Tonnelier, e pelas sr.as D. Maria Carlota e D. Maria Joaquina (Quintellas); e representou-se a comedia *Le caquet du couvent*, de H. Potier, desempenhada pela condessa da Lapa, Tonnelier e Carlos da Cunha. Durante o intervallo, o conde de Farrobo e Carlos da Cunha cantaram um duetto dos *Quatre fils d'Aymon*. Em 25 de junho e 2 de julho coube a direcção a Alexandre Magno de Castilho. Foi a comedia *A mulher dos dois maridos*, traduzida por elle, e desempenhada pelas sr.as Mottas e por Antonio do Canto, a opera-comica *Mademoiselle de Mérange*, e a comedia *Le caquet du couvent*. Duarte de Sá fez uns engraçados intervallos.

Reunião escolhida. Profusão de bellas *toilettes* das modistas mais em voga: Levaillant, Lombré, Aline, Adéle; penteados dos cabelleireiros da moda: Baron, Amable, Godefroy, Filisbert.

O rei e a rainha assistiram a todas as recitas n'um camarote improvisado do lado esquerdo da scena. Findas ellas, dançava-se até depois das 3 horas da manhã.

N'uma noite de outubro de 1853, noite poetica em que o pallido luar lustrava as folhas das arvores, dando-lhes reflexos d'estanho polido, e as aguas do Tejo, prestando-lhes scintillações de prata liquida, offereceu o conde uma recita na sua quinta de Villa-Franca, em

cujo theatro cantaram o *Barbeiro de Sevilha*. D. Maria Quintella fez a parte de *Rosina*, o conde de Farrobo a de *D. Bartholo*, e D. Carlos da Cunha Menezes a de *Figaro*. Depois da representação serviu-se uma bella ceia, e os convidados passaram o resto da noite no palacio, para o que estavam preparadas oitenta camas.

* * *

Voltemos mais uma vez ao ponto centrico da moda, visitemos, novamente, o logar em que, como em nenhum outro, resoava a estridencia do alto luxo, o espirito explodia como uma crepitação de fogueteS, estrallejava o Champagne, ritornellava a alegria — as Laranjeiras. Em 17 de maio de 1856, anniversario natalicio do conde de Farrobo, houve *soirée* dramatica nas Laranjeiras. Subiram á scena: a farça *Um calculo mallogrado*, e a peça franceza *Saint Robert*. A primeira foi desempenhada por Augusto Cesar d'Almeida, Azevedo e D. Magdalena Farrobo. No baile dansaram a primor a condessa (D. Eugenia), madame Carolus, ministra belga — a esbelta flexibilidade de talhe das duquezas de Van-Dyck, o perfil delicado das mulheres de Watteau, o pizar fófo da Margarida do Fausto cruzando o jardim — D. Cecilia Wanzeller, viscondessa da Luz, Cantagallos, Silvãs, etc. Notavam-se o Fontes, o Saldanha e o banqueiro mr. Prost que viera a Lisboa combinar uma operação sobre caminhos de ferro. Abundavam as casacas onde um setestrêllo de diamantes punha uma refulgencia de constellação, ou a roseta d'uma ordem militar collava uma estampilha nobiliarchica.

A carne dos seios decotados, preluzindo entre as rendas, como a neve viva das ondinas entre os nenuphares, perfumava o ambiente; olhos ardentes de eternos desejos e de perturbativas suggestões embriaga-

vam os valsistas, como se estes houvessem bebido os mais alcoolicos vinhos do sul.

Dançou-se até ao ultimo suspiro das velas, até á walsa da aurora. Rompia a madrugada no seu furor silencioso; as estrellas, mortas de somno, iam cerrando as palpebras...

A 29 de junho nova *soirée* dramatica nas Laranjeiras, com a opera-comica *Une nuit à Séville*, e a comedia em 1 acto *Um plano mal traçado*. Na primeira, D. Cecilia O'Neill deu ao papel de *Sephora* todas as graças do seu talento artistico e da sua voz em seda.

Em 14 de julho recita e baile, a que vieram El-Rei D. Fernando e o infante D. Luiz. Representou-se a mesma opera-comica e a comedia *Un caprice*, de Musset. Foi esplendido o desempenho da primeira, confiado a D. Cecilia O'Neill, mr. Messier, Carlos Menezes, e conde de Farrobo, que vestia á hespanhola. A segunda foi desempenhada por Mademoiselle Dètry, filha do engenheiro do gaz, e por D. Maria Kruz, e Cunha Menezes. Graciosa, delicada, com uma suspeita d'ironia no dizer, elegante e modesta na acção, Dètry representou, ás mil maravilhas, o mimoso papel de *madame* de Chavigny.

Possuia uma voz com ardores claros de metal, uma alta intelligencia dramatica. Em nossos tempos poderia corporalisar o papel da meia-virgem, tal o ideou Prévost. D. Maria Kruz deu ao papel de *madame* de Lery a graça e o encanto que seduzem o espectador.

O ensaiador foi o Duarte de Sá. A' uma hora principiou o baile. A concorrencia era enorme.

D. Fernando dançou primeiro com a infanta D. Anna, e depois com D. Amalia Figueira; D. Luiz dançou com a ministra da Belgica. A sala era um jardim, onde, entre as mais formosas flôres, destacavam as Payants, as Wanzeller, Regaleira, Joanninha Silvã, D. Christina

Sampaio, Hortas, Shannons, Moura Valdez, Palhas. Estavam 150 damas. Madame Seissal trazia um vestido exaggerado, mas esplendidamente rico, e que, aos amadores de comparações classicas, podia lembrar, n'um esforço de retrospectividade, a chlamyde preciosa que Aggripina levou á festa de Claudio no lago Fucino. O espirito perdia-se no vago dos sonhos sublimados, onde as flôres são labios coralinos, os cantos são beijos e onomatopeias d'amor, as estrellas olhos de mulher, as nuvens cabelleiras fluctuantes, vastas como brisas, olorosas como jardins...

Durante a ceia, o Sá *Bregeiro* bebeu á saude *d'Ella*. Todos perguntavam, intrigados, quem era *Ella*, quando uma voz, partindo da galeria da sala, exclamou: *A' baroneza de Quintella!* E foi no meio dos mais ruidosos applausos, que todos brindaram á deusa da casa, como, na velha Roma, os janotas, frisados, perfumados, e de *moscas* ao canto dos olhos e da bocca, erguiam as taças trasbordantes de vinho aromatisado, e libavam aos deuses lares, offerecendo lhes o espirito d'aquella sociedade.

Cumpre agora fazer uma referencia ao Détry, cuja filha excellentemente representou nas Laranjeiras. Foi elle que mandou vir a companhia franceza para o theatro D. Fernando. Era dirigida pelo Dumesnil, grande admirador d'Emilia das Neves, a quem chamava a *Rachel portugueza*.

A essa companhia, que fez epocha, pertenciam o Dargis, o Hardy, a Desgranges, e a Pauline Chevalier — formosa a produzir cephalalgias — que mereceu as boas graças d'um alto personagem, e que tambem, parecia, não desprezava as cortezanias d'um dos maiores elegantes da epocha, D. J. de M. Entre outras peças, representaram *Les Filles de marbre*, que depois foi desempenhada em portuguez pela Luiza Fialho.

*

* *

O conde de Farrobo, com aquelle altissimo gosto que o caracterisava, offerecia uma *soirée* nas Laranjeiras em 26 de maio de 1858. Ahi estiveram D. Pedro V, a rainha D. Estephania, o rei D. Fernando, o principe Leopoldo, os infantes D. Luiz e D. João. Deram-se duas comedias: *O Tyranno Domestico*, em portuguez, e *Les toilettes tapageuses*, em francez. Nos intervallos tocou o celebre trompista Vivier. Surprehendeu pela valentia do som, e pela pasmosa facilidade com que dava os meios tons, coisa admiravel na trompa, mas o que mais admirou ainda foi sustentar duas notas ao mesmo tempo, o que fazia por meio d'um artificio só d'elle conhecido. Vivier trouxera uma carta de recommendação de Rossini.

Conta-se a seguinte anedocta a respeito do tocador de trompa Vivier.

Depois de haver mostrado seus meritos nas Laranjeiras, o conde de Farrobo presenteou-o com uma caixinha contendo tres botõesinhos de brilhantes para camisa.

Vivier achou pouco, e devolveu-os ao conde acompanhados das seguintes linhas: — «O artista Vivier toca de graça para os seus amigos, mas, em não sendo para os seus amigos, o preço porque toca é quarenta libras.» O conde mandou-lhe as quarenta libras e os botões, dizendo-lhe simplesmente n'um bilhete: — «Ahi vae o dinheiro para si e os botões para o seu creado.»

Vivier, que tinha grandes parecenças com Napoleão III, ainda é vivo, e passa os invernos em Nice. (*Gil-Blas* de 18 d'Outubro de 1897).

Foi encantadora a festa dada na quinta de Villa

Franca, em 1860. O conde de Farrobo, já no decadentismo da fortuna, offereceu uma bella representação dramatica no theatro d'aquella vivenda. Combinaram, então, que as mesmas pessoas que haviam entrado n'ella a fossem repetir no theatro de D. Maria, em beneficio das viuvas das victimas do rio Loge, em Angola.

Encarregou-se de distribuir os bilhetes Mr. Ozeroff, ministro da Russia. A 11 d'Agosto dava-se essa recita primorosa, composta da comedia *Le Caprice*, de Musset, por Madame de Katackazy, Mr. Hernandez e Mr. de Katackazy, secretario da legação russa; *Les Inconsolables*, de Scribe, por Madame de Katackazy, baroneza de Hortega, Mrs. F. de Sá, e Katackazy; *duo* do *Elixir d'Amor*, pela baroneza e pelo conde de Farrobo.

A selecta concorrencia — onde se viam os ornamentos da fina flôr alfacinha, e os representantes das potencias, que, a uma simples *grimace* das chancellarias fazem trovejar a morte — riu perdidamente com a delicada veia comica do conde.

As festas dadas na quinta do Farrobo (em Villa-Franca) em 8 e 9 de agosto de 1863 ainda foram esplendidas. N'essa poetica estancia, as auras, como as da mythologia, pareciam coroar-se de rosas, para transformarem a vida no sonho d'uma noite de verão. Mais de cem pessoas, incluindo vinte e cinco senhoras, passaram esplendidamente aquelles dois dias no magnifico solar do conde. A todos hospedou com a grandeza e affabilidade que se tornaram proverbiaes. Em ambos elles houve caçadas ao veado na tapada annexa ao palacio, nas quaes o conde patenteou a sua pericia de atirador. Na noite de 8 foi á scena no theatro a comedia *O auctor da peça*, traduzida do francez pelo conde de Farrobo, e representada por mademoiselle Maria Pinaud, e sua irmã mademoiselle Julia Pinaud, pelos actores Taborda e Izidoro, e pelos amadores Torres e Rocha. A comedia conquistou um *succès d'estime*, sobresaindo no desempenho mademoiselle Maria Pinaud,

que revelou dotes de completa artista e captivou o auditorio.

Sua irmã Julia, n'um pequeno papel, contribuiu para o bom exito, e o amador Torres, na parte de creado, apresentou-se com apropriada desenvoltura.

Em seguida á comedia, mademoiselle Maria Pinaud cantou a walsa *O Beijo*, de Luiz Arditi, o compositor da walsa *Perla*.

Estas duas walsas são as favoritas de Adelina Patti. O auctor d'ellas morreu na Italia em Janeiro de 1896. Mademoiselle Pinaud executou-a primorosamente, com bella intonação, agilidade, e força de voz. Da farça em musica *Les jolis chasseurs*, do maestro Barges, foi protogonista o conde de Farrobo, entrando tambem no desempenho o actor Taborda. Provocaram hilaridade logo que entraram em scena, sendo applaudidissimos tanto nas coplas como nas scenas declamadas, e repetidamente chamados ao proscenio. Era magnifica a vista do bosque coberto de neve, scena pintada por Rocha.

No dia 9, principal da festa, o sr. Rey, prestimano amador, executou varias sortes de magia branca. Houve jantar soberbo. A' noite cantou-se a opera comica *Les Désespérés*, e a farça *Les jolis chasseurs*. Na primeira entraram mademoiselle Marie Pinaud, o conde e o Taborda. O conde foi inimitavel na parte de lord, e mademoiselle Pinaud cantou com infinito mimo e foi uma actriz graciosissima. O auditorio, enthusiasmado, pediu a repetição da walsa *O Beijo*.

*

* *

O 2.º conde de Farrobo (Joaquim) tambem deu dois concertos nas Laranjeiras em 1866, em que tomou parte Maria Martinez Ponce de Leon, uma cantora de côr, que era natural da Havana, e a que chamavam a

Malibran preta. Alli a escutaram muitas pessoas da sociedade, que ficaram encantadas com a sua voz, o seu talento, a sua conversação animada e espirituosa. Casára com um official hespanhol, filho d'um coronel que estivera emigrado em Lisboa. Tinha voz de meio soprano, harmoniosa, meiga, egual e afinada. A *Malibran preta* cantou em casa do marquez de Pombal, em Oeiras, e deu um concerto no salão de S. Carlos, no qual tambem tocou viola na perfeição. A Volpini cantou a walsa *Les gardes de la reine*.

Foi na quinta das Laranjeiras que se fez, em 7 d'abril de 1867, a experiencia da nova espingarda de precisão apresentada por mr. Benet. Congregaram-se varias damas e cavalheiros. No numero d'aquellas viam-se: a condessa D. Marianna, *maîtresse de céans*, a condessa D. Eugenia, a condessa do Prado e Selva, e a marqueza de Pombal. Depois da experiencia houve *lunch* fornecido pelo Matta, servido em nove mezas artisticamente dispostas n'uma alameda d'annosas arvores. O sol, joeirado pela trama da ramaria, filtrado pelos rasgões da folhagem, estampava arabescos ephemeros, caprichosos debuxos instantaneos sobre as *toilettes*, as toalhas, os vidros e a louça das mezas. O *lunch* finalisou perto das 6 horas. A tarde cahia maravilhosa, n'uma gloria magica, hallucinante, colorida de longiquos reflexos d'estranhas pedrarias, como que accendendo faiscas na poeira dos atomos. Era o bello astro que queria prestar as suas mais opulentas tonalidades, os seus coruscantes esplendores regios, pulverisando d'oiro as frondes balouçantes á briza, osculando com volupia as flôres, dando cruas faiscações de pedras preciosas á agua dos tanques, pondo em braza as vidraças do palacio, embriagando n'um festim de luz o ultimo festim das Laranjeiras.

A' noite passaram a uma das salas, elegante e fina como uma moderna *boite à bonbons* de Pihan ou de Boissier, dançaram contradanças, fizeram charadas figuradas, jogaram o *whist*. Foi a derradeira festa, foi

o canto do cysne. Como na Escriptura — tudo estava consummado!

Dois e meio mezes depois — ás 7 horas da tarde de 23 de Julho de 1867 — o conde de Farrobo lançava o *aeternum vale* a sua mulher, a condessa D. Marianna, que morria victima d'uma *angina pectoris*.

As Laranjeiras fecharam, cerrou-se o templo das artes. E o seu novo proprietario [1] mandou arrancar o lemma que ornava o portão de ferro: *Otia Tuta*... Onde gorgeava o idyllio, suspirou depois a elegia. As musas fugiram espavoridas, soffraldando as tunicas. E se alguma ainda vagueia perdida nos recessos umbrosos das Laranjeiras, é, decerto, a musa *craintive* de Millevoye.

* * *

Referimos, succintamente, os motivos do abatimento da casa Farrobo. A Nemesis politica que, então, ainda não era a bacchante desgrenhada e descomposta da actualidade, mas a mesma que forjou os jambos vingadores de Barbier, e dictou as paginas ferreteantes do pamphletario Courrier, e os artigos tersos de Veuillot, tambem o feriu com seus dardos pungentes.

E o homem que vivera, até certo tempo, n'um mundo de crystal e oiro banhado de rosea luz, mergulhava por fim na caligem da morte, levando comsigo os ultimos echos da velha elegancia lisbonense.

O conde de Farrobo morria ás 6 e meia da tarde de 24 de Setembro de 1869, exactamente no dia, e poucas horas depois, d'aquelle em que, havia 35 annos, se finara em Queluz o seu amigo, o duque de Bra-

[1] O sr. José Pereira Soares.

gança, ao qual abrira a bolsa para manter as tropas liberaes.

E morria na sala *Chineza*, do seu palacio da rua do Alecrim, n'essa mesma sala em que recebera e banqueteara os ministros do rei-soldado.

Quem dispendêra dinheiro, com uma largueza epica, e vivera uma vida de poema, nem sequer acabava na *dourada mediania* tão querida do poeta...

O caracter do conde de Farrobo era mixto: epicurista para o luxo do viver, stoico para arrostar com a adversidade. Pobre, esquecido, vendo os seus direitos postergados, mas calmo, imperturbavel, correctamente desdenhoso, elle soube morrer cumprindo o aphorismo d'Epicteto:

Sustine et abstine — Soffre e abstem-te! —

XV

Os bailes dos marquezes de Vianna

O 2.º conde e 2.º marquez de Vianna, D. João Manuel de Menezes, nascera no Rio de Janeiro em 25 de janeiro de 1810, foi official de marinha, e casou com D. Maria do Carmo da Cunha Quintella, filha dos condes da Cunha, e neta paterna dos 1.ºs barões de Quintella, a qual pouco mais contava de doze annos.

A segunda marqueza de Vianna falleceu em 5 de novembro de 1888. O segundo conde de Vianna foi uma das mais esbeltas figuras da côrte de D. Miguel, junto do qual exerceu as funcções de official ás ordens.

Tambem cultivou a arte dramatica, chegando a desempenhar um *travesti* de mulher n'uma representação no theatro real de Salvaterra. [1] Figura proeminente d'aquella geração, brilhou ao lado dos mais nobres miguelistas, como o 2.º marquez de Bellas, tambem ajudante do rei, o conde de Basto (ministro em 1824 e 1828), o conde de S. Vicente (coronel de milicias da Lisboa occidental e dos voluntarios realistas), D. José Manuel (Tancos), o conde de S. Vicente, um dos me-

[1] *A Ultima côrte do absolutismo em Portugal.* Alberto Pimentel.

lhores officiaes da nossa cavallaria, soldado intrepido das tres campanhas peninsulares, ajudante de Beresford, ministro da guerra de D. Miguel e socio da Academia; o conde de Belmonte, capitão de cavallaria, o conde de Pombeiro, official da mesma arma, o formoso D. Bernardo d'Almada (Carvalhaes), o actual conde da Lapa, tenente da cavallaria nacional de Lisboa, e que veiu a casar com a filha dos marquezes de Borba (D. Francisca de Paula), que apenas contava quinze annos, mas cuja belleza fascinante, cuja elegancia quasi levada á vaporisação, a tornaram a primeira dama da côrte miguelista; os duques de Cadaval e de Lafões, o conde de Povolide, ajudante d'ordens do governo das armas da côrte e provincia; o 1.º barão e 1.º visconde de Queluz, filho d'um rico padeiro do Campo de Sant'Anna, e que, diziam, fôra barbeiro do soberano e enfermeiro do hospital de S. José, mas que desempenhou o cargo de secretario do rei, medico da Guarda Real de Policia e de numero da Casa Real, que depois acompanhou a D. Miguel no exilio, e chegou a matrimoniar-se com a princeza Malvina de Loewenstein (divorciada do conde d'Isembourg); Luiz de Palma Furtado de Castro do Rio de Mendonça, um acirrado absolutista, o conde de Soure, intimo amigo de D. Miguel, vedor da Casa Real, e cuja mãe, a condessa de Soure, fôra uma dama de formosura arrebatadora, digna do pincel de Prud'hon, o desenhador da graça.

No palacio dos marquezes de Vianna no largo do Rato, onde circulava um perfume de côrte, succediam-se os bailes, os jantares, os concertos, cuja recordação se vae apagando sob a camada fuliginosa do tempo... Ahi, as noites passavam velozes como o relampago, e, como no *Cortejo das Horas* de Guido Reni, todas as horas eram bellas e espargiam no ar o seu olor embriagante... Subia-se ao Eden das legitimas alegrias, o espirito balouçava se nas azas impalpaveis dos sonhos azues...

A' hora de principiar a festa, as carruagens armorejadas d'escudos, e as seges do José Maria Cabelleireiro, do Conceição, do Mulato, e de outros segeiros celebres, entralhavam-se á porta do palacio, emquanto os basbaques pasmavam para as janellas jorrando luz peneirada pelas cortinas, e para o peristyllo, onde creados empoados se perfilavam como alabardeiros no Paço, e, ao fremir das sedas, um luxo d'altissima estylação ascendia em cadencia.

Estava-se na epocha em que Luiz Filippe dava os grandes bailes nas Tulherias, para um dos quaes, o de 12 de fevereiro de 1833, convidou 3:800 pessoas.

Luiz Filippe não dançava, nem gostava do apparato militar, mas regosijava-se com aquellas funcções. Tambem Napoleão I não dançava, mas occupava-se da etiqueta e dos menores detalhes dos seus esplendorosos bailes das Tulherias, onde os marechaes do imperio, Ney, Bessières, Macdonald, Davoust, trajando pequeno manto e calção, faziam *chassé-croisé* nas quadrilhas com as mais lindas mulheres do antigo e do novo regimen, nos seus vestidos de longa cauda e irreductiveis mangas *bouffantes*, luvas em pregas, altas, a todo o comprimento do braço, grandes decotes quadrados e circuitados por *berthes* de rendas ou de diamantes, patenteando aos olhares profanos a graça luminosa e casta de fortes carnes cleopatrinas, *exquisitas* paisagens d'uma tonalidade clara e fresca, toda uma orographia maravilhosa desconhecida dos geographos...

Em dezembro de 1840 davam os marquezes de Vianna um sarau musical, em que se cantou um duetto de tenor e baixo, executado pelo marquez de Niza e por D. Carlos da Cunha Menezes, cantando mais a condessa de L. e S. e D. Maria Joaquina Farrobo. O marquez de Niza possuia uma voz muito apreciavel, e tocava rabeca com maestria. Foram seus mestres: de canto, o famoso Rubini, o primeiro tenor da epocha, e de rabeca, o muito celebre Paganini. N'este sarau apparece-

ram, pela primeira vez em Lisboa, as roupinhas ou jalecos á grega de velludo violeta, fechados por presilhas de torsal, que foram apresentados pela marqueza de Niza e pela condessa de L.ª e S.

Em 5 de janeiro de 1841 deram novo sarau em que se fizeram ouvir a condessa na cavatina da *Astarthea*, D. Maria Joaquina Quintella na da opera *Belisario*, e D. Manuel de Sousa Coutinho e Carlos da Cunha Menezes no duetto dos *Puritanos*.

Em 3 de janeiro de 1842 offereciam um brilhantissimo baile, a que assistia toda a fidalguia de mais empoeirados pergaminhos gothicos, a elegancia *pourrie de chic*, a creme militante, e trescalante a *pat chouli*.

Os salões rivalisavam em opulencias decorativas, os moveis eram riquissimos. Paris e Londres forneceram, á compita, os mais adoraveis objectos.

Edições de luxo e bellos albuns cobriam as mezas dos differentes *boudoirs*, mas o que mais attrahia a attenção eram as esplendidas collecções de *camelias japonicas*, que ornavam a sala de jogo, e cujas hastes quasi chegavam ao tecto.

No luxo luminoso das *toilettes* destacavam se as da infanta D. Anna, marqueza de Vianna, condessas de Farrobo, Anadia, Ponte, Lavradio, Vimioso, Pombeiro, a da condessa da Lapa, perfumada de belleza e d'*espièglerie*, as das baronezas de Varenne, da Regaleira, e de Campanhã, M.lles Pontes e Lumiares, madame Maria Kruz Brito do Rio, com seu rosto delicadissimo que se nos afiguraria cortado no veio branco d'uma agatha, com seus opulentissimos cabellos d'ebano, com seus olhos peninsulares, com a mobilidade nervosa da sua bocca sardonica onde se engastavam perolas de Ceylão, e onde o espirito corria com pés furtivos.

O seu salão da rua Formosa, em que se congregava a flôr das lettras e da politica regeneradora, tinha uns vislumbres — guardadas as differenças de *meio* e de época — d'aquelles salões litterarios de madame de

Tencin, madame de Geoffrin, e madame Récamier, no seculo passado.

O baile prolongou se até á madrugada, e, emquanto os corpos enlaçados deslisavam na languidez das danças, saltavam leves como cinza, os ouvidos como que se sentiam embalados por divinaes orchestras, em que os instrumentistas eram anjos, e as musicas eram risos, retinindo com frescas vibrações de crystal...

*

* *

Todos os bailes foram supplantados pelo de 25 de janeiro de 1843, anniversario natalicio do marquez. A elegancia subtilisada, a sociedade que tinha brazões com timbres e paquifes altaneiros gravados no nobiliario, correu ao convite. O salão de jogo e leitura, havia pouco terminado, abriu pela segunda vez. Formava ao centro uma meia lua, sustentada por duas bellas columnas, e estava forrado de papel *moiré* amarello, e ricamente mobilado. Emquanto os homens se empenhavam nas combinações estrategicas do xadrez, ou a fazer alguns *robbers* de *whist*, as damas cincavam no jogo de cartas, sob os discos de luz loura projectada nos tapetes verdes pelos *abat-jours* dos candelabros. Era um jogo de entretenimento, uma jogatina sem consequencias. Não fazia recordar, nem por sombras, aquellas partidas loucas de Marly e de Versailles, onde a Montespan jogava forte, ou aquelle jogo phantastico da côrte de Carlos II, onde Lady Castlemaine — que nunca arriscava menos de 25 a 40 mil francos n'uma carta — ganhou 375 mil francos n'uma noite.

Nos restantes salões, egualmente sumptuosos, admirava se um vaso de bronze dourado, cheio de flôres e cercado de vellas, e um toucador de *vermeil* trabalhado em relevo, e de prata dourada, no estylo que o

milanez Albertoli renovou em Italia no seculo XVIII. Sobre elle viam-se trinta objectos d'oiro primorosamente cinzelado, destinados a serviço de *toilette*. Estas preciosidades pertenceram, originariamente, á rainha D. Marianna d'Austria, e foram offerecidas por ella a uma das suas damas, a quem dedicava grande amizade. Depois de terem varios donos vieram parar ás mãos da marqueza de Vianna. Eram dignas de admiração as porcelanas, e talhas japonezas, a mobilia marchetada de metal e tartaruga da sala dos retratos, os sumptuosos cortinados, e o lustre de 140 vellas. Causava espanto a decoração e a variedade de mobilias, em que havia o luxo macisso do passado: as poltronas Regencia, sobre as quaes muito agradavelmente se refestelaria o *petit-abbé* da epocha; os espelhos á Pompadour, proprios para reflectirem as cabeças empoadas das marquezas do seculo ultimo; os canapés, as consolas, os *bonheur du jour*, os tremós, os *fauteuils* de medalhão, e as pendulas, em estylo Luiz XVI; as poltronas em velludo *épinglé* á Luiz XIV, proprias para a magestade dos *guarda-infantes*, para a amplidão das saias *á panier;* as *marqueteries* d'André Carlos Boule, com folheados de tartaruga, guarnições de bronze dourado, e illuminuras de Watteau; a mobilia Imperio, em acajú ornamentado de pyras, de tropheus, de cysnes; os tapetes variegados, os artisticos esmaltes, os solidos bronzes, as frageis faianças, as pinturas a oleo, os guachos, as aguas-fortes, as *trouvailles* da arte longiqua e requintada, as finas estatuetas fallando d'amor com uma eloquencia incomparavel, as figuritas de *biscuit* executando *clownerias*, exercicios d'alta acrobacia.

Admirava-se egualmente a bandeira de seda que o velho marquez recebera de D. João VI, depois d'este regressar do Brazil na nau *D. João VI*, commandada por aquelle titular. A antiga camara do senado de Macau, reconhecida á dedicação que o soberano sempre manifestara por aquella colonia, mandou fazer um estandarte com as armas reaes ricamente bordadas, e

deu-o de presente ao rei o qual o acceitou com tanto apreço, que se serviu d'elle na sua acclamação no Rio de Janeiro, e o collocou como pavilhão real na nau *D. João VI*, em que volveu á patria em 1821. Foi esse pavilhão que elle offereceu ao 1.º marquez de Vianna.

A sala de jantar era dividida em columnas, e tinha as paredes forradas de marmore de côres. A' esplendida baixella da casa ligava-se uma historieta.

Referia-se que um nosso embaixador na Russia attrahira a sympathia da grande imperatriz Catharina, que lhe offereceu aquella preciosissima baixella em prata lavrada e cinzelada. A affeição, pura talvez, foi vivamente censurada, e o nosso embaixador obrigado a retirar-se da côrte. De volta a Portugal, recolheu-se a uma quinta nas proximidades de Coimbra, onde, ralado pelas saudades, expirou beijando um retrato querido. Por sua morte foi a baixella vendida aos ourives Monge, a quem a comprou o primeiro barão de Quintella. Por matrimonio de sua filha com o conde da Cunha foi-lhe dada em dote a mesma baixella, e, por fallecimento da condessa, veiu a possuil-a a marqueza de Vianna.

As damas expunham á morbida curiosidade investigativa dos *lorgnons* as mais perfeitas *toilettes* da *Levaillant*, suprema mestra que sabia *piocher le chic*, que comprehendia, com Hogarth, que a belleza está toda na linha curva. Distinguiam-se a da infanta D Anna em tulle azul e branco, grinalda de flôres da mesma côr na cabeça, soberbo collar d'esmeraldas ornado com folhas d'oiro; a da marqueza de Vianna em tulle branco com grinaldas d'oiro e flôres, e penteado onde um admiravel diadema de brilhantes punha uma nota aguda; a da condessa da Lapa em *organdi*, cuja alvura tão bem dizia com a angelica expressão do seu rosto branco como as geleiras scandinavicas, e cujo decote á Du Barry, mostrava uma carnação de *col-cream* e neve;

a de D. Marianna Ponte em tarlatana branca, *bella bianca vestita*. D'ella dizia uma folha litteraria que, se Raphael ressuscitasse, e quizesse pintar a innocente amante do *Ange* de Lamartine, escolheria mademoiselle Ponte, cujos encantos ingenuos, como os d'um anjo, fallavam ao coração. Notavam-se ainda as *toilettes* das mesdemoiselles Farrobos, das quaes as de D. Carlota e D. Marianna eram em crepe rosa guarnecido de ramos d'oiro, e a de D. Maria Palmyra era de crepe azul pallido com ramos d'oiro. Chamavam lhes *as tres graças*, como ás tres lindas filhas do velho marquez de Marialva na côrte de D. Maria I. Sob os lustres da sala de baile, os pares listos, joviaes, espalhavam no ar perfumes excessivos, pulavam como sombras elyseas brincando em raios de lua. E os cabellos das damas referviam n'uma ebullição de fulgores, como se estivessem toucadas d'elytros d'insectos brilhantes.

No domingo gordo d'este anno realisava-se um *bal masqué*, que em nada cedeu aos outros. Appareceram costumes ricos e originaes: as doze figuras de cartas hamburguezas, os pretos de S. Jorge, e um grande castello ambulante guarnecido de todo o seu material de guerra. As damas que mais se notabilisaram foram: a marqueza vestida de *Paquet*, a condessa da Lapa de vivandeira, D. Carlota O'Neill de Diana Caçadora (Luiz XV), D. Marianna Farrobo de napolitana, sua irmã D. Maria Palmyra de chineza, magnifico *costume* enviado do Celeste Imperio ao conde de Farrobo. Entre as figuras grotescas encontravam-se as *manas acerta o passo*, duas figuras comicas que então vagueavam pelas ruas de Lisboa. Estavam admiravelmente imitadas.

Entre todas as festas dos marquezes de Vianna houve uma, que teve mais assignalado brilho. Foi a de 19 de janeiro de 1813, dada em beneficio do Asylo de Mendicidade. Organisou-se um bazar para o qual forneceram prendas os principaes personagens da côrte. Entre os lotes viam-se: um *fauteuil* gothico feito pela

rainha, um tamborete e outros objectos pela imperatriz, uma collecção de gravuras compostas por el rei D. Fernando, um *écran en tapisserie* pela infanta D. Anna, dois coxins pela marqueza de Vianna, um *fauteuil* gothico bordado em arabescos sobre fundo negro pelas proprias mãos do marquez de Vianna, que, affirmava um jornal, poderia rivalisar com os gentis-homens do seculo XVIII na arte de escolher e *nuançar* as sedas; um quadro, representando S. Pedro, pintado por madame Osorio Tavares, um *sachet* para lenços com bordado em relevo a oiro e seda por madame Kruz, etc.

As principaes *toilettes*, devidas á alta comprehensão esthetica da Levaillant, *artiste ès modes*, eram: a da marqueza, em tunica de tulle azul, por cima uma saia de tulle branco presa por flôres, e magnifico adereço de brilhantes; as de D. Carlota e D. Virginia O'Neill, madame Sousa Botelho, D. Maria do Carmo Portugal (Valença) e condessa da Lapa, nimbada de candura e de magnetico encanto, a ideal espiritualisação da elegancia.

Em seguida ao bazar houve baile. A's 3 horas serviu-se uma profusa ceia. Repontava a manhã, ainda esses verdadeiros caprichos choreographicos saltitavam no torvelinho do baile, leveiros como os corpos que se alam no ether na *Transfiguração* de Raphael, voando com azas de seda e de gaze ao clarão dos lustres, como borboletas d'azas reticuladas entre as flôres do Hybla.

Em 25 de janeiro de 1855 houve uma *sauterie*, para que foram convidadas, entre outras pessoas, a grande cantora Alboni, e Constantino, o *Rei dos floristas*, que viera a Lisboa.

Nos fatos de senhoras distinguia-se o de madame Bumley, bordado a ouro e prata, e o penteado com

marabús. A sala de baile apresentava um bello lustre, que acabára de vir de França e que era de crystal, ornado de ramos de palmeira em metal dourado.

Abriu-se uma nova sala mobilada *á Renaissance*, e a sala de bilhar apresentava novos quadros francezes.

Mas o mais deslumbrante de todos os seus bailes foi o do entrudo de 1855. A elle assistiram D. Pedro V, D. Fernando, o infante duque do Porto e a infanta D. Anna. Tambem esteve a Alboni (condessa Pepoli). A familia real foi recebida á porta do palacio por uma commissão formada pelo marquez de Vianna, duque da Terceira e barão de Sarmento. Reunião escolhida, toda a aristocracia, a *royalty*. Andava se sobre o almanach de Gotha.

D. Fernando dançou com a irmã do dono da casa, D. Pedro V com a marqueza de Vianna, e o infante D. Luiz com a duqueza da Terceira. Decididamente, nos bailes Vianna reuniam-se todos os encantos, como no branco se reunem todas as côres do prisma...

* * *

E' sabido que essa poderosa casa decahiu, depois de varias accidentações, até se anniquilar de todo. Apesar de tudo, a marqueza de Vianna ainda continuou a evidenciar-se nos nossos salões pela opulencia das *toilettes*.

N'um baile de caridade promovido pela condessa de Farrobo (D. Marianna), e dado no salão da Trindade em 1867, apresentou-se a marqueza ostentando um custoso vestido de seda cinzenta com rendas pretas, um opulento adereço de brilhantes e um original penteado com agulhetas d'ouro de grande valor, sobretudo pelo artistico trabalho a cinzel. E n'um baile do Club Lisbonense, n'esse mesmo anno, apresentou-se trajando um precioso vestido de setim lilaz com *pe-*

plum de velludo, que era o *dernier cri* da Raymond, a grande modista parisiense, a laureada antecessora da Laferrière, de Doucet, de Rouff, de Félix, de Redfern, a emula de Worth, o singular *couturier* inglez, que, de simples empregado da casa Gagelin, subiu a fornecedor da imperatriz Eugenia, graças á protecção da duqueza de Persigny e da condessa Walewska. Foi elle quem gizou os mais admiraveis vestidos que flammejaram nos *bals déguisés* da princeza de Léon, hoje duqueza de Rohan, nas *redoutes* da princeza de Metternich, nos *cotillons* das Tulherias, e nas festas de Compiègne, onde, segundo o depoimento de Prosper Merimée, se viam muitas ligas nas valsas. Imperatrizes, rainhas e princezas, coroadas de florões, de rosas ou de louros, todas lhe foram pedir a graça dos seus adornos.

As nymphas de Vaux choraram a desgraça de Fouquet. as nymphas lisboetas deviam ter chorado a decadencia da casa Vianna...

XVI

As festas do conde de Carvalhal

Um dos principaes acontecimentos da Lisboa mundana de 1849 foi a inauguração do theatro do conde de Carvalhal. Vamos contar como é que nasceu esse theatro, e o que eram as esplendentes récitas e finissimas *sauteries* d'essa casa, Estava, por esse tempo, espairecendo em Caxias a familia do conde de Carvalhal. E um dos seus despôrtos estivaes consistia na leitura de obras dramaticas, quando, por noites mornas, Cynthia deixava, campos além, suas pégadas de merencoria luz, e o Tejo arrendava de neve a faixa ruiva da praia, onde morria n'uma lamentação meiga, emquanto, ao largo, se mosqueava de pingentes prateados, tremeluzindo como um cardume d'estrellas boiantes á flôr d'agua.

Na noite de 28 d'outubro de 1849 leu-se a *Mademoiselle de Belle Isle*, drama em 5 actos, de Alexandre Dumas, pae, peça á Luiz XV, pela primeira vez representada no Theatro Francez em 2 d'Abril de 1839. Assistiam á leitura o visconde d'Athouguia, sua filha D. Sophia Jervis, uma das mais formosas meninas d'aquella epocha, a viscondessa d'Asseca, Garrett, e D. Luiz da Camara Leme e Carlos Henriques da Costa, dois dos mais endiabrados rapazes de então.

Finda a leitura, disse o velho visconde d'Athouguia:
— De hoje a um mez é o anniversario natalicio de D. Thereza Botelho. Proponho que, em homenagem ao dia, se leve á scena a *Mademoiselle de Belle-Isle*.
Alguns dos presentes apontaram os obices, as difficuldades, notaram a pouquidade de tempo.
O sr. D. Luiz da Camara objectou immediatamente:
— Mais faz quem quer do que quem póde.

Começou logo a traducção do drama, que, tres dias depois, estava concluida, e cuja vernaculidade mereceu os encomios de Garrett.
No dia seguinte principiava se a construcção do theatro, para o qual deu o risco o sr. D. Luiz da Camara Leme. Este cavalheiro e D. Antonio da Camara foram a uma estancia, onde adquiriram a madeira necessaria, e fizeram-n'a transportar para a rua de S. Felix.
Sem delonga metteram mãos á obra no pateo grande, contiguo ás salas. Trabalharam n'ella: D. Luiz da Camara Leme, D. Antonio da Camara, Carlos da Costa, Luiz Aranha, Antonio de Mello Corrêa e Francisco Palha.
De manhã eram os ensaios da peça, e, pelo dia adeante, labutava-se na construcção da sala d'espectaculo. Os elegantes mesteiraes deram-se a perros para não verem marcados os seus creditos e desluzidos os seus prestimos. E, no mesmo logar que muitos supporiam apenas azado para modesta almuinha com seus alfobres e canteiros, ou a que outros dariam a destinação de simples aviario, onde gallinaceas cacarejassem e palmipedes chapinassem como em marnel lamacento, erguia-se, passado um mez, o theatro do conde de Carvalhal. Construiram-n'o de maneira que a galeria quasi se nivelava com o andar, duas janellas do qual foram rasgadas para servirem de portas. N'ella havia logar para 600 a 700 pessoas.

A inauguração do theatro foi a 28 de Novembro de

1819. Tocou á l'arma nos arraiaes da elegancia primaz. Eram 9 horas da noite quando se collocava o ultimo banco na platéa, e eram 9 horas e um quarto quando a orchestra rompia com a peça da abertura, que foi a symphonia da *Semiramis*. A platéa alegrava-se de semblantes onde se estampavam as frescas tintas dos lyrios e das rosas, de correctas casacas azues ao ultimo figurino, de peitilhos retesos de gomma e lustrosos á luz; a galeria aformosentava-se de grinaldas de damas com *toilettes* garridas, de côres loucãs, picadas por pyrilampisações de gemmas em engastes de metaes preciosos.

Enxergava-se, de relance, linhas espirituosas de perfis curvados, dentinhos que eram colares d'aljofares, frageis pulsos manilhados d'ouro, dedos afilados brincando nos cabos dos leques, manejos d'espaduas coquettemente estudados ao espelho, rythmos de gargantas no rasgado dos decotes, carinhas miudas, gracis, mostrando-se de frente, de perfil ou de tres quartos, vidros redondos dos binoculos de nacar e de marfim, apontados por mãos enluvadas de pellica branca, ou por mãos pallidas constelladas das scintillações diamantinas de anneis riquissimos.

A *Mademoiselle de Belle-Isle* foi magistralmente desempenhada por D. Sophia Jervis, D. Thereza Botelho, viscondessa d'Asseca, D. Luiz da Camara Leme, D. Antonio da Camara, Francisco Palha, Lourenço Aboim, Carlos Folque Possolo e Antonio de Mello Corrêa. Os fatos eram a rigor, das mais finas, das mais ricas fazendas; e os figurinos foram fornecidos pela eminente actriz Emilia das Neves.

As scenas foram pintadas pelo Rocha, scenographo dos theatros do Gymnasio e das Laranjeiras.

O toucador que serviu era guarnecido das mais bellas rendas de França, e o serviço era de prata antiquissima. Parece-nos que pertencia á viscondessa de Asseca. A peça foi ensaiada por Garrett e Joaquim Lar-

cher, cunhado do visconde d'Athouguia e actor consummado.

Larcher já representára com Garrett e José Maria Grande no chamado theatro dos Coutinhos, de Coimbra, nos annos de 1817-1818. (*Memorias Biogr. de Garrett.* F. G. d'Amorim).

O papel de protogonista foi desempenhado por D. Sophia Jervis. E a maneira superior porque o fez collocou-a em fóco. Garrett disse que lhe parecia vêr a grande actriz Emilia das Neves. Tendo uma belleza peregrina *et la grâce plus belle encore que la beauté,* foi o ponto de mira de todos os olhares; o seu alto talento de comediante fez estalar trovoadas d'applausos. O cavalheiro Raul d'Aubigny foi feito pelo sr. D. Luiz da Camara Leme, que se identificou maravilhosamente com o personagem do drama de Dumas. O desempenho de Madame de Brie pertenceu a D. Thereza Botelho, e o de Richelieu a D. Antonio da Camara.

Representaram soberbamente. Foi tão profunda a impressão produzida, que Garrett exclamou: — No *Theatro Francez* não se representa melhor!

Os brilhantes triumphadores não se reclinaram, como Annibal, sobre os laureis da sua Capua; não foi necessario vir um Maharbal lembrar-lhes que aproveitassem os fructos opimos da victoria. As representações proseguiram nos invernos seguintes, tomando tambem parte n'ellas as duas irmãs de D. Antonio da Camara: D. Izabel e D. Thereza. Esta ultima era surprehendente nos papeis de *soubrette.* Além da *Mademoiselle de Belle-Isle* representaram-se: *Trop heureuse, Pas de fumée sans feu, Marido da Viuva,* etc. A companhia alargou-se e chegou a rivalisar com a do theatro *Thalia,* uma das mais fidalgas sociedades de então.

No theatro *Thalia* representavam: D. Emilia Kruz, condessa da Lapa, D. Maria d'Azevedo, D. Carlota O'Neill, Redinhas, D. Luiz da Camara Leme, Carlos Lumiares, Sá *Bregeiro* e filhos, Garrett, conde de Farrobo, Antonio Pereira da Cunha, etc. Ahi subiram á

scena algumas *burlettas* litterarias de Garrett, escriptas de proposito para os actores como: *Fallar verdade a mentir*, *Prophecias do Bandarra*, etc., e outras traduzidas tambem por Garrett.

A que obteve maior exito foi *O Diplomata*, original de Scribe. N'ella tomaram parte: a condessa da Lapa, D. Luiz da Camara Leme (protogonista), Sá *Bregeiro*, etc.

As festas de D. Thereza Botelho eram seguidas de bailes esplendorosos. Presidia a infanta D. Anna. No numero das senhoras mais distinctas viam-se: D. Izabel da Camara (a Izabelinha), irmã mais nova de D. Antonio da Camara, D. Thereza da Camara, graciosa, gentil como as pastorinhas de Madame Deshoulières e de Florian, D. Mathilde Montufar, que depois foi condessa de Carvalhal, sua irmã a viscondessa da Luz, D. Christina Sampaio, que foi uma das mais formosas meninas da epocha, e que era deslumbrantissima na sua *toilette* rosa pallida e velludo preto, a encantadora condessa de Mello, D. Henriqueta Pinto, viuva de Augusto Pinto de Moraes Sarmento, uma viuva de grande frescôr, e uma sécia á antiga, d'uma polidez assucarada como uma compoteira de doce. Tinha um collo admiravel, branco como as neves do Himalaya, e tão branco que perguntando-lhe uma amiga porque não usava um soberbo rocal de perolas, que possuia, respondeu: — Ora, tolices que dizem...

— O que dizem então? acudiu a amiga.

— Tolices, tolices, replicou ella. Dizem que as perolas em mim não se vêem... [1].

Quem transpozesse os humbraes das portas d'aquella casa, julgaria que as vaporosas figuras de Reynolds, de Rossetti, de Lawrence, se haviam animado, e fugido da dourada prisão das suas molduras, para virem pisar as alcatifas d'essas salas.

[1] Referido por *Francilia de Miravelhos*. (*Novidades*. 1893).

Entre os homens encontravam se os principes da litteratura e da politica, e os que melhor conheciam as rodagens do mechanismo da elegancia: Garrett, José Estevão, Sant'Anna e Vasconcellos, Francisco Palha, D. José Coutinho de Lencastre, *o avô dos janotas*, D. Pedro Loulé (actual duque de Loulé), D Luiz da Camara Leme, o sympathico e bondoso D. Fernando da Camara Leme, e seu irmão D. José da Camara Leme (ambos officiaes de granadeiros da rainha), Antonio da Cunha, com a sua casaca azul de botões d'oiro e as eternas flôres na botoeira. *Francilia de Miravelhos*, chronista das *Novidades*, contou (em 1893) que n'um baile dos marquezes de Vianna, em Cintra, —baile a que assistiram D. Maria II, D. Fernando, os principes e o archi duque Frederico—Antonio da Cunha e João Mesquitella (depois duque d'Albuquerque) apresentaram-se tão cheios de flôres, que alguem disse: —Se houvesse dois taboleiros, era já mandal os para a banca da Sé.

Nos bailes de D. Thereza Botelho valsava-se freneticamente.

Havia então valsadores notabilissimos: Eduardo Wanzeller, José Cantagallo, D. Luiz da Camara Leme, Chico Bellas, Alexandre Villar Perdizes, João Carlos do Amaral Osorio (visconde d'Almeidinha).

Na mesma epocha em que brilhava o theatro Carvalhal brilhava tambem o theatro da familia Palha, no Dáfundo, onde representavam: a condessa da Foz, D. Luiz da Camara Leme, Francisco Palha, Antonio Pereira da Cunha, etc. D Laura Blanco, irmã de João e Antonio Blanco, e depois casada com Antonio Palha, ahi cantava as *seguidillas* hespanholas com toda *la sal de Jesu*. As peças para esse theatrinho eram feitas por Garrett, que, depois da Maria da Fonte, dividia as suas horas d'ocio pelas familias Palha, Kruz, Farrobo, Duarte de Sá, Jervis, marquezes de Vianna, Larcher, Rodrigo

da Fonseca, etc. Quando passou a estação balnear de 1848 na Cruz Quebrada, emprehendeu largos passeios pelas cercanias. Por ahi *viveu* as suas *Folhas Cahidas*, por ahi amou, e na quinta dos Palhas escreveu um pequeno proverbio, *O noivado no Dáfundo*, ou *Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso*, que elle mandou depois, de Caxias, acompanhado d'uma espirituosa epistola a Francisco Palha [1].

No Dáfundo se deram famosos *pic-nics*, onde Garrett recitava versos, e as Kruzes, as Botelhos, as Palhas e outras fidalgas damas faziam charadas figuradas, onde se jogavam jogos de prendas deliciosos, e se cantavam modinhas ao gosto da epocha [2].

Garrett adorava as amenidades d'aquelles sitios como Sallustio e Lucullo amaram os verdejantes suburbios da antiga capital romana, como Cicero e Hortensio as frescuras de Tusculum, d'onde se admiravam as rosadas montanhas da Sabina, as lagoas Pontinas, o anil do mar Tyrrheno; como Horacio amou os pomares do Tibur, Virgilio as ribas do Pausilippo, Catullo a elegantissima Baias, a Royat da Roma classica, onde folgava a mocidade dourada dos tempos de Julio Cesar e d'Augusto.

[1] *Memorias Biogr. de Garrett.* F. G. d'Amorim.
[2] Cartas de Augusto José publicadas no jornal *O Tempo*.

XVII

Os bailes dos condes de Penafiel

Os bailes Penafiel já foram o debil arremêdo, o pallido reflexo das magnificencias antigas. Outros eram os tempos, outra a sociedade. As grandes fortunas haviam-se parcellado ou esgotado, as tradicções da nobre elegancia iam-se obliterando, o brilho dos velhos ideaes embaciara, diversos eram os intuitos, differentes as aspirações.

Tudo cambiou, tudo foi alterado. A antiga aristocracia passava a figurar no segundo plano. Se no velho galeriano do prazer dominava o coração, n'este, agora, dominava a cabeça. Poder-se-hia repetir o que madame de Tencin dizia a Fontenelle, collocando-lhe a mão sobre esse orgão chiquitito em que se transfundem o sangue e os sentimentos: — O que tendes ahi não é o coração, é o cerebro, como na cabeça.

Os bailes, d'uma grandeza pharaonica, d'uma sumptuosidade oriental, foram substituidos pelos *raouts* d'uma pobreza dourada, pelos *five o' clock tea* risivelmente macaqueados dos costumes inglezes, pelos bailaricos chinfrins, pelos *salsifrés* obrigados ao chá e torradinhas pelintras; os salões, onde a scintillante

conversação tinha um altar, foram substituidos... pelo telephone. E' a photographia desthronando a pintura a oleo, Reutlinger fazendo rolar no solo o diadema de Watteau.

As festas que o conde de Penafiel deu no seu palacio na rua Nova de S. Mamede, aos Caldas, embora não tivessem a estampilha artistica, ficaram notadas nos registos mundanos.

No pequeno pateo da entrada, as carruagens — ao scintillar dos ferros, ao ranger dos guarnecimentos dos *steppers*, ao tinido claro das cadèas e barbellas — abriam-se como estojos de preciosidades. As janellas do palacio palpitavam como olhos que pestanejam. Os creados empoados formavam alas. Nos salões, inundados de luz, via-se um enxame de mulheres, muitas d'ellas de fórmas firmes e bem plantadas, com ancas de linhas ondulosas, seios rijos e brancos como maçãs de prata fazendo eclosão nos decotes muito chanfrados; outras, d'altos pescoços em columnello, de talhe franzino, quadris estreitos, lineares, nevroticas, lembrando aquelles typos de mysterio imaginados pelos pintores preraphaelitas, accusando a aristocratica anemia das raças extremamente apuradas; outras, ainda, impondo-se pela envergadura e pela magestade da sua elegancia, passeando como cysnes na sua paz branca e symbolica, na sua lentidão fria e cerimoniosa, arrastando os seus vestidos bordados, que brilhavam de scintillas fulvamente metallicas como saias lhamadas de dançarinas apparecendo entre os raios incendiantes d'uma lampada de magnesio. Os cabellos em aneis sobre a testa projectavam uma vacillação de sombra até ao arco das sobrancelhas Sob as timbrias de bellas rendas — aquelle *ar tecido* de que fallava Petronio — apontavam malleolos finamente torneados, terminando em pés de rã moderna. Ao abrigo dos leques cruzavam-se olhares, ora meigos, velludosos, como promes-

sas d'amor, ora energicos e frios como declarações de guerra. Fluctuavam tepidos aromas de carnes femininas, animalmente estimulantes, acres perfumes de verbena e de *pó á marechala*, de *veloutine* e de Chypre, de jasmin e de leite de morango, um mixto indecifravel mesmo ao olfacto educado d'um Rimmel ou d'um Atkinson.

O sangue corria nas veias, mais vivo e mais quente; accendia-se o lustre dos desejos, a orchestra parecia executar uma symphonia em *amor maior*, envolvendo-nos n'um penumbra crepuscular de delicias.

Sob casacas pretas do Keil e do Catarro, sob plastrões de bretanha luzidia como porcelana, encontrava-se mais d'um mr. de Camors, d'um Antony, e d'um Rastignac.

No baile de 11 de fevereiro de 1865 estiveram mais de 1:500 pessoas. A sala de baile era forrada de seda branca, tinha ornatos dourados, e os reposteiros de seda azul tecida a crystal. A sala amarella estava forrada a seda d'esta côr, tinha mobilia riquissima, e ornavam-lhe as paredes dois grandes espelhos ovaes. Uma outra sala apresentava um relogio (que fôra feito para a imperatriz Eugenia) tendo figuras allegoricas douradas que representavam a Noite e o Dia, e as quatro estações. O relogio assentava n'uma primorosa banqueta de pedra azul de elevado valor. A sala da ceia estava forrada de cassa branca em cortinados, suspensos por cordões escarlates e brancos com grandes borlas, que prendiam a corôas de camelias; um lustre soberbo — fabricação portugueza de José Maria Salema — estava adornado por 2:560 camelias, e tinha dentro um ramilhete que terminava pela corôa de conde; havia mais quatro lustres pequenos do mesmo gosto, tendo todos 176 vellas de stearina.

A sala da ceia tinha, ao todo, 418 lumes. Uma grande meza rodeava a casa, e, ao centro, havia outra

mais pequena com oito candelabros dourados vestidos de camelias. Sobre as mezas estavam ricas louças de Sévres, objectos de crystal e metal, e sobre os aparadores, nos vãos das cinco janellas, a grande baixella d'oiro e prata.

Ao fundo da sala um grande vidro de 3^{m} por 2^{m} tendo pintadas as armas dos Penafiel, e nas paredes os retratos dos avós da dona da casa. Para a ornamentação vieram do Porto dezeseis mil camelias na importancia de 600$000 réis. Proximo havia uma sala esplendidamente mobilada que servia de vestiario, e mais outra forrada de damasco amarello com barras de setim branco.

Algumas *toilettes* esplendidas.

A da condessa (depois marqueza) de Penafiel era composta de vestido de cambraia franceza com corpete e sobresaia de setim escarlate, borrifada de diamantes.

Nas outras damas predominava o azul e o côr de rosa.

Tocavam duas orchestras. Das 10 ás 11 horas serviu-se o chá, das 11 á 1 serviram-se os refrescos, e da 1 ás 4 da manhã realisou se a ceia, aspergida pelos melhores vinhos e licores: Madeira, Rheno *frappé*, Malvasia, Porto, Bordeaux, Champagne *frappé*, *Anisette* de Bordeaux, marrasquino de Zara, Chartreuse, Kumel de Riga, Cognac, Curaçao, e todas as bebidas amsterdamezas. A luz do gaz e da stearina, incidindo sobre os crystaes Bohemia e Baccarat espalhados pela meza, punha lhes notas irisadas, jovialissimas. Dentinhos miudos trituravam as *mayonnaises* e os *croquettes*, com a mesma facilidade com que trituriam as fortunas e os corações. Os vinhos capitosos punham nos olhos agudas brilhaturas de phosphoro. Sobre as cabeças masculinas, penteadas á Capoul, soprava uma rajada bacchica. A imaginativa levar nos-hia á Roma da ancianidade, aos repastos de Lucullo no seu pala-

cio do Pincio, illuminados a tochas de cera, servidos em baixellas d'oiro fulvo e de prata repuxada, e onde os convivas gorgolejavam, em tragos férvidos, os vinhos da Grecia e da Sicilia, par calices de crystal com duas azas negras envernizadas, e por taças de agatha, de lapis-lazzuli, d'um custo doido...

O *cotillon* principiou ás 5 horas e acabou ás 7 da manhã. As camelias ornamentaes pendiam tristes como as flores que soluçam sobre as pedras mortuarias; Morpheu derramava o seu pó d'oiro sobre as palpebras dos convidados...

Em 1867 a casa Penafiel deu uma serie de bailes. No de 20 de fevereiro a condessa de Penafiel apresentou um vestido de seda preta recamado de folhos de tulle preto, magnifico collar de brilhantes, de que pendia uma cruz formada de cinco brilhantes de grande valor.

Mas a *toilette* que teve as honras da noite foi a da marqueza de Vianna, que trajava, sobre uma saia de riquissimo estofo branco guarnecida de larga barra encanudada, uma especie de tunica de setim escarlate, aberta por diante, mas justa no corpo, á maneira do *strophium* gaulez, terminando por uma larguissima renda preta. Na cabeça dois rolos de velludo escarlate, semeados de estrellas de brilhantes, e, sobre o *chignon*, uma cinta de agathas em fórma de discos encrustados de rubis. A baroneza d'Almeirim usava vestido *moiré* rosa, sobre que cahia segunda saia de renda branca, e tinha o cabello empoado.

A serie dos bailes fechou com chave d'oiro. No ultimo estiveram mais de mil pessoas.

No salão vermelho do primeiro andar, onde as *toilettes* sobresahiam com mais vigor, formavam-se grupos pittorescos em volta do grupo de Fantachiotti, allegoria a um dos mais bellos predicados do sexo fragil. A condessa trajava vestido de setim azul coberto

de rendas brancas, o corpo do vestido enfeitado de perolas e o adereço de brilhantes; o penteado alto, com *chignon*, completava a *toilette*. Notavam-se mais: a marqueza de Pombal, de branco, sendo o vestido salpicado de raminhos lilaz, adereço de brilhantes, e penteado empoado á Maria Antonietta; a marqueza de Vianna em vestido de seda *gris cendré*, com rendas pretas, e um adereço de brilhantes totalmente differente do que levara aos outros bailes.

A sala da ceia apresentava um gradeamento ornado das rosetas carmezins das bougainvilias, que forravam toda a grande barraca em que estava armado o bufete; e no centro da rotunda, sob o lustre, um repucho corria na cascata em fórma pyramidal, e ia fornecer um tanque redondo, guarnecido de conchas, plantas aquaticas e stalactites.

A's 4 horas da manhã dançava-se o *cotillon*, e, na sala da ceia, ouvia-se a tinição dos pratos, e via-se mais d'uma mão, de florentina elegancia, empunhando a taça colorida pelo Champagne regulamentar. Perante o *punch à la romaine*, o *foie gras*, as iguarias revolucionarias, e as saladas de guerra, faziam a paz os desavindos, congraçavam se os dissidentes.

Estava então a França em plena orgia imperial, que, em muitas partes, se procurava imitar por obediencia á moda. Celebravam-se as festas de Compiègne, a que a electricidade trazia a luz em suas azas ethereas, e onde, no fim das ceias, as aristocratas semi-nuas representavam *proverbes* feitos sobre anedoctas obscenas, e dançavam o famoso bailado dos *Elementos*, disfarçadas em nayades e salamandras; davam-se as celebres *redoutes* da imperatriz Eugenia e da deslumbrante Princeza de Metternich, com as suas quadrilhas das *nações* e das *abelhas*, tão decantadas como já o haviam sido os bailados das Tulherias, executados por damas do grande mundo, vestidas á Watteau, e presididas

pela marqueza de Galliffet, uma formosura transcendente, de fórmas ondeantes como chammas.

Os bailes Penafiel, em 1867, fecharam o cyclo das grandes festas lisbonenses.

Seis annos depois, as salas do palacio deixavam de resoar com as walsas de Strauss e de Waldteufel, para echoarem com a voz roufenha do leiloeiro...

XVIII

Na Côrte de D. Pedro V

O primeiro baile real que se deu, depois da morte da rainha D. Maria II, foi o de 5 de Fevereiro de 1855 no paço de Belem. Dedicaram-n'o ao principe de Gotha, que, havia pouco, chegara a Portugal. Para Belem bateram, pois, as principaes equipagens particulares, e as tipoias de praça, que, então, principiavam a transformar-se de traquitanas em caleches, *tilburys* e *coupés*, sendo um dos primeiros que operou a transformação o Gomes, de S. Roque. Este homem fôra official da officina de carruagens pertencente ao Rodrigues, na rua da Horta Secca, quasi defronte do palacio do Manteigueiro. O primeiro *landau* que Lisboa viu foi o que em 1812 apresentou o negociante inglez João Fletcher, pae do sr. João Fletcher Senior, e avô do illustre escriptor sr. D. Thomaz de Mello. Esta carruagem viera de Londres, e custara quatrocentas libras sterlinas.

Em 1855 já ia longe a epocha das seges do Coqueijo e do Barateiro, perfeitas capoeiras atadas com cordas, onde chovia como na rua, puchadas por cavallos transparentes, e guiadas por boleiros de niza azul e bota amarella, gemendo sob o peso d'um chapeu de pello

de lebre, tendo a fórma d'um sino de bocca para cima; já ia longe a epocha das seges chamadas do *Assembléa*, que pouco melhores eram do que aquellas; já ia longe o tempo do cocheiro *facareno*, que trabalhava com o *rato* e com o *polaco*. O principe de Lichnowsky, no seu livro *Portugal, recordações do anno de 1842*, descreve assim aquellas viaturas: «Imagine-se uma caixa meio fechada, pendendo, ou para melhor dizer, balanceando violentamente entre duas enormes rodas, vindo a ser uma especie de termo medio entre o *droschke* berlinez e o *fiacre* parisiense; horrivel termo medio, na verdade.»

Na entrada do Paço enfileiravam-se os impavidos archeiros, com suas fardas alagartadas e riscadas transversalmente pelos talabartes, os bicornios, as rechonchudas pantorrilhas da ordem e as alabardas solemnes, mas virginaes. A infanta D. Anna de Jesus Maria fez as honras da casa. As mais balsamicas flores animadas constituiam um ramilhete delicioso, orvalhado por crystallisações faiscantes como lagrimas da aurora. N'esse ramilhete destacavam as condessas de Belmonte e das Antas, as viscondessas de Tavarede, da Luz e de Charruada, madame Bastos Seisal, D. Maria Domingas (Vianna), D. Amelia Cantagallo, *esthetical beauties*, que passavam cercadas por um envoltorio d'encantos. Quantos prodigios de thesoura e de agulha não realisaram as modistas...

Como *orfèvre ès-rimes*, compozeram pequeninas obras poeticas, d'uma belleza geometrica, d'uma impeccabilidade de linhas.

Notavam-se pela riqueza das fardas o Ozeroff, ministro da Russia, e o elegante Petterson, seu secretario, que veiu a casar com a gentil Maria Ozeroff, e, pela extrema simplicidade, o ministro dos Estados-Unidos, que trajava, assaz democraticamente, a calça larga de cazemira branca, o collete branco, o frack negro, e um chapeu affectando a fórma d'um *puding* — fatinho de passeio.

O João Cantagallo estava de calção e meias brancas, como Napoleão III usava então nos bailes das Tulherias; o conde de Farrobo de calça de cazemira branca com galão dourado; o janota Corrêa Godinho com o seu collete de setim branco bordado a prata; o Duarte Cardoso de Sá, o *Sá Bregeiro*, com o uniforme de coronel de antigas milicias do Termo; o Petit, mestre d'armas, estava de casaca; e o Antonio da Cunha, o *principe da Cunha*, estava tudo o que havia de mais Chiado, de mais *comm'il faut*.

O abbade de Castro luzia a sua casaca de respeito, a capa abbacial, véstia de seda bordada, chapeu negro com borlas verdes, segundo a pragmatica, e volta lisa — um typo rigoroso, verdadeiramente classico e cortezão. Sua perrenguice, seu afêrro ao antigo trajo, fazia lembrar o do dr. Luz, medico do Limoeiro desde o tempo de D. Miguel, e que fallecera um anno antes, em 1854. Até ao ultimo dia da vida usou o rabicho empoado, as meias de seda preta e os sapatos de fivela.

Grupos de senhoras *très en toilette* como que formavam collossaes *corbeilles* de vestidos multicolores, de Malines subtis como nevoeiros, d'escumilhas, de taffetás, de requifes, de nervuras de canotilhos, de cocáres de plumas encrespadas a ferro, de ramos de flores sobre fundos de seda, picadas pelos scintillamentos movediços de pedras estranhas, e de crystaes de lunetas presas por trancelins, e fincadas, com feminil arreganho, por manitas calçadas em luvas côr de canario.

Despediam-se miradas de candida simpleza, havia olhares vibrados com um desprezo circular, havia-os altos, nobres, d'*aplomb*, havia-os que tinham a obliquidade desdenhosa d'um repto.

Abanicos, ligeiros como azas de gaivotas rastejando pelo esmalte diaphano do mar, roçavam á flôr d'angelicos ovaes coloridos pelo carmim da puberdade, e de physionomias emaciadas, angulosas, frustes, das *engei-*

tadas de Venus ou demittidas do serviço do amor, como se dizia no alvorecer do seculo. Corpetes á Lüiz XV, com fôfos de fitas e peitilhos de rendas, esticados como cintos, despertavam vagas reminiscencias de bellas plaquêtas em papel japão, mordiscado por *aguas-fortes* d'uma nitidez glyptographica; *corsets* tão justos que trahiam as rigidas barbas de baleia, e que, a muitos, pareceriam uma blindagem contra as arremettidas do amor, faziam entresonhar bellezas anatomicas, academias harmoniosas, estatuas feitas pelas mãos d'um deus...

Os *costumes* vibravam em symphonias estridorosas de côres, cujos motivos fundamentaes eram o *branco maior* e o *lilaz bemol.*

O diabrête, de que as coquettonas se achavam possessas, fazia-as viravoltar aos compassos impulsivos dos *rigodons*, como um bando de pardaes, esvoaçando com sybariticos fremitos d'azas, entre a ramaria. A movimentação rumorejante d'esses vestidos larguissimos — com mangas *pagode* e segundas mangas de renda — os halitos perfumados a *cresson du Pará* e a *mastic ciment* do Vitry, as mornas emanações dos cabellos bezuntados a pomada *Chatelaine* do Baron, o cheiro capitoso das essencias do Laborde, as exhalações carnaes, espalhavam relentos mysteriosos, provocativos, no ambiente, punham uma pontinha de poesia na prosa do baile.

Ao passo que as senhoras coquetteavam de leque, com a graça fascinante que caracterisou a elegantissima condessa d'Assumar no reinado de D. Maria I, os erotomanos, os fraldeiros victoriosos nas conjuras de toucador e de camarim, farejavam triumphos rapidos, decisivos, n'esse conflicto vital das elegancias. Os velhos legionarios, os antigos exploradores das grutas cythereanas, lançavam-se no *sport* sedentario da cavaqueira amena, e, debruçando-se na janella da recordação, narravam archeologicas aventuras, casos emocionaes dos tempos do *rei chegou* e da Patuléa; os mais taciturnos